

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DA
LÍNGUA ESPANHOLA NAS TIRAS DO TAPEJARA:
UMA REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM
GAUCHESCA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Juliane Tatsch

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DA
LÍNGUA ESPANHOLA NAS TIRAS DO TAPEJARA: UMA
REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM GAUCHESCA**

por

Juliane Tatsch

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Estudos Linguísticos.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliana Rosa Sturza

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

**O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DA LÍNGUA
ESPAÑHOLA NAS TIRAS DO TAPEJARA: UMA REPRESENTAÇÃO
DA LINGUAGEM GAUCHESCA**

elaborada por
Juliane Tatsch

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:

Eliana Rosa Sturza, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Isabella Ferreira Mozzillo, Dr^a. (UFPEL)
(Primeira Examinadora)

Verli Fátima Petri da Silveira, Dr^a. (UFSM)
(Segunda Examinadora)

Santa Maria, 25 de fevereiro de 2013.

DEDICATÓRIA

A todos que acreditaram em mim e me deram força para chegar até aqui,
fazendo-me perceber que eu era capaz...

... dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Durante o caminho percorrido para a realização deste trabalho, muitos foram aqueles que em diferentes momentos, nos gestos de apoio e incentivo, fizeram-se presentes. Agradeço de um modo muito especial:

Primeiramente a Deus, por me permitir a realização deste trabalho.

À minha orientadora, pela gentileza de me aceitar como orientanda e por me guiar e orientar durante todos os meses dedicados a este trabalho.

Aos professores que me transmitiram o conhecimento e o saber necessário para chegar até aqui.

À minha mãe, pela torcida e pelas orações para que tudo desse certo.

Aos meus amigos, que me acompanharam até aqui, pelo carinho, atenção e amizade a mim dedicados.

Às colegas Gabriela e Viviane, pela troca de experiências e pelo prazeroso convívio.

À equipe do Escritório da Cidade, principalmente aos amigos do Setor Administrativo pela ajuda e compreensão nas horas em que precisei me ausentar.

À Lúcia, pela força e pelo apoio incondicional em todos os momentos.

Muito obrigada.

“O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu (BENVENISTE, 1988, p. 27)”.



RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DA LÍNGUA ESPANHOLA NAS TIRAS DO TAPEJARA: UMA REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM GAUCHESCA

AUTORA: Juliane Tatsch
ORIENTADORA: Eliana Rosa Sturza

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 25 de fevereiro de 2013.

O presente trabalho tem como proposta de análise estudar o funcionamento semântico-enunciativo de palavras e expressões da língua espanhola ao entrarem em contato com a língua portuguesa, expressando de que modo esse funcionamento se significa no dizer, produzindo sentidos e caracterizando uma heterogeneidade da língua portuguesa pela existência, então, de uma linguagem gauchesca. Diante disso, o estudo considerou o funcionamento semântico-enunciativo de palavras e expressões da língua espanhola relacionadas ao modo de enunciar do sujeito gaúcho, retiradas das tiras analisadas, e que evidenciam uma produção e efeitos de sentido da linguagem que significam histórica e socialmente esse sujeito gaúcho. Para tanto, foi organizado um corpus a partir das tiras que compõem o livro *Tapejara: o último guasca*, onde se analisaram enunciados escritos que apresentam marcas linguísticas da língua espanhola na linguagem gauchesca. Realizou-se uma abordagem semântico-enunciativa desses enunciados, de modo a demonstrar como se estabelecem os efeitos de sentido que aí se constituem. Assim, sob o viés dos estudos enunciativos e discursivos, pautados na Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães e na Análise de Discurso de Michel Pêcheux, buscou-se refletir sobre como essas palavras e expressões interferem na produção desses efeitos de sentido nas relações entre língua e sujeito, considerando que tais efeitos podem ser observados nas tiras, enquanto objeto de análise. A observação dessa representação visou analisar o espaço de produção e os efeitos de sentido produzidos pelas tiras enquanto constituição de um discurso sobre o gaúcho que ocorre pela incorporação de palavras da língua espanhola na linguagem gauchesca, representada na materialidade linguística das tiras. Trabalhamos, assim, uma manifestação linguística que se dá num espaço enunciativo próprio, a região fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina, e que serve de exemplo da heterogeneidade linguística da língua portuguesa. A observação de determinadas manifestações linguísticas e, neste caso, de uma especificamente representativa da identidade rio-grandense nos revela uma perspectiva de mundo de um indivíduo que vive, circula e enuncia entre línguas, tornado-se representativo de um espaço social e de um contexto sócio-histórico capaz de produzir um discurso característico e diferenciado do restante do território brasileiro. Por tratar-se de um discurso que se evidencia tanto na materialidade linguística como se significa no plano da enunciação, procura-se interpretar os sentidos que emergem desses enunciados que representam os dizeres de um sujeito social que reproduz na língua a sua identidade. Desse modo, partindo desses enunciados é possível apontar elementos que nos permitem dizer que essa “língua do gaúcho” é ressignificada no gaúcho como tipo social e produz, através das tiras, um discurso sobre o gaúcho que afirma toda uma identidade regional. A ênfase nas peculiaridades linguísticas do português do Rio Grande do Sul, entre elas o contato entre português e espanhol, contribui na constituição dessa linguagem gauchesca. Esse discurso, suas características, peculiaridades e o sujeito que se significa através dele é, portanto, a questão que movimenta este trabalho na busca de apresentar aspectos constitutivos da linguagem do gaúcho.

Palavras-chave: Língua. Sentido. Enunciação. Linguagem Gauchesca.

ABSTRACT

**Master's Dissertation
Post-Graduation Program in Languages
Federal University of Santa Maria**

OPERATION OF SEMANTIC-ENUNCIATIVE SPANISH IN STRIPS TAPEJARA: A REPRESENTATION OF LANGUAGE GAUCHESCA

**AUTHOR: Juliane Tatsch
ADVISOR: Eliana Rosa Sturza**

Date and Place of Defense: Santa Maria, February 25th, 2013.

This work is proposed to study the functioning semantic analysis-enunciation of words and phrases from Spanish to come in contact with the Portuguese language, expressing how this operation is meant to say, producing senses and characterizing heterogeneity of Portuguese for existence, then, of a language gauchesca. Thus, the study considered the operation semantic-enunciation of words and expressions related to the Spanish way of stating the subject gaucho, removed the strips analyzed and showing a sense of purpose and production of language that historically and socially mean this guy gaucho. To that end, we organized a corpus from the strips that make up the book Tapejara: the last gaúcha, where we analyzed written statements that present linguistic marks of Spanish language gauchesca. We performed a semantic approach-enunciative these statements, in order to demonstrate how to establish the effects of meaning that if there are. Thus, under the bias of enunciative and discursive studies, guided by the semantics of the Event of Eduardo Guimarães and Discourse Analysis of Michel Pecheux, we tried to think about how these words and expressions interfere with the production of these effects of meaning in the relationship between language and subject, considering that such effects can be observed in the strips, while the object of analysis. The observation of this representation is to analyze the production space and the effects of meaning produced by the cops while setting up a discourse about the gaucho that occurs by incorporating words of Spanish language gauchesca, represented in linguistic materiality of the strips. We work thus a linguistic manifestation that takes place in a space of enunciation itself, the border region of Rio Grande do Sul with Uruguay and Argentina, and that serves as an example of linguistic heterogeneity of the Portuguese language. The observation of certain linguistic expressions and specifically in this case a representative of identity Rio Grande reveals a world perspective of an individual who lives, circulates between states and languages, becoming representative of a social space and a socio-historical capable of producing a speech characteristic and distinctive from the rest of Brazil. Because it is a discourse that is evident both in materiality as linguistic means in terms of enunciation, seeks to interpret the meanings that emerge from these statements that represent the words of a social subject that plays in the language your identity. Thus, from these statements can pinpoint elements that allow us to say that this "language of gaucho" is re-signified in gaucho as a social and produces strips through a speech about the gaucho who claims an entire regional identity. The emphasis on linguistic peculiarities of Portuguese in Rio Grande do Sul including contact between Portuguese and Spanish language contributes to the constitution of this gaucho. This speech, their characteristics, peculiarities and the guy who is meant by it is therefore the question that drives this work seeks to present the aspects that constitute the language of the gaucho.

Keywords: Language. Learning. Enunciation; Gauchesca Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....	49
Figura 2.....	54
Figura 3.....	57
Figura 4.....	59
Figura 5.....	60
Figura 6.....	61
Figura 7.....	61
Figura 8.....	62
Figura 9.....	70
Figura 10.....	85
Figura 11.....	91
Figura 12.....	91
Figura 13.....	98
Figura14.....	101
Figura15.....	101
Figura 16.....	101
Figura 17.....	103
Figura 18.....	104
Figura 19.....	104
Figura 20.....	104
Figura 21.....	105
Figura 22.....	106
Figura 23.....	107
Figura 24.....	108

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 01 – Personagens.....	121
ANEXO 02 – Questionário respondido pelo autor Paulo Louzada	122

SUMÁRIO

PRÓLOGO	13
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 – O contato português/espanhol na fronteira do Rio Grande do Sul: o caso da linguagem gauchesca	22
1.1 A formação do sujeito sul-rio-grandense significado pela língua.....	22
1.2 A língua e o espaço regional.....	34
CAPÍTULO 2 – “Ser gaúcho”: processo identitário e efeitos de sentido	40
2.1 A constituição da identidade regional à sombra de um personagem: representação do gaúcho enquanto tipo social	40
2.2 A língua como elemento instaurador e representativo da cultura e do povo gaúcho.....	46
2.3 Memória discursiva e memória da língua.....	52
CAPÍTULO 3 – As tiras do Tapejara: o último guasca – constituição, formulação e circulação de um discurso sobre o gaúcho	64
3.1 A figura do “guasca” Tapejara como representação do gaúcho.....	71
CAPÍTULO 4 – O funcionamento semântico-enunciativo da língua espanhola nas tiras do Tapejara: enunciado, enunciação e produção de sentidos	75
4.1 Língua, enunciação e acontecimento.....	77
4.2 Os mecanismos de produção do sentido na enunciação	80
CAPÍTULO 5 – Língua e discurso nos textos sobre o gaúcho	87
5.1 A constituição das tiras enquanto discurso	95
5.2 Que língua é esta, tchê? Tapejara e um modo de representar a linguagem do gaúcho brasileiro	92
5.3 Fronteira enunciativa e espaço de enunciação: um lugar de sentido.....	94
5.4 Análise enunciativa das tiras	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
ANEXO 01	121
ANEXO 02	122

PRÓLOGO

TAPEJARA PELA VOZ DO AUTOR¹

“[capitão Rodrigo Cambará] Apeou na frente da venda do Nicolau, amarrou o alazão no tronco dum cinamomo, entrou arrastando as esporas, batendo na coxa direita com o rebenque, e foi logo gritando, assim com ar de velho conhecido:

– Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!”

E é assim, com seu andejar “gaudério” e vivendo sua filosofia pastotil, que Tapejara se torna nosso objeto de análise. Espalhando sua valentia e imponência através de uma linguagem que recupera pela língua traços que o identificam como gaúcho, dando-lhe um lugar como representação ao remeter a um modo de vida, a uma identidade, a uma regionalidade.

As palavras que usamos no dia-a-dia dizem muito sobre quem somos e da região onde vivemos. Repleto de histórias, o Rio Grande do Sul possui um vasto vocabulário de termos e expressões que nos significam enquanto sujeitos pela língua. Neste contexto, rico de palavras e expressões, voltamos nosso olhar para um estudo que apresenta o propósito de estudar aspectos da presença do espanhol na linguagem gauchesca através da representação da língua espanhola nesta linguagem, presente em textos que caracterizam a figura do homem típico da região campeira.

O personagem Tapejara representa um tipo social resgatado nas suas origens, um gaúcho do campo, que vive em seu mundo gauchesco e que representa pela linguagem o gaúcho e a história do Estado. Desse modo, as tiras do Tapejara constituem um discurso sobre o gaúcho enquanto sujeito social. Funcionam como um sistema de representação que revitalizam valores, ditos, expressões, vocábulos que reforçam uma identidade regional, na medida em que se significa e se materializa, tanto na composição, como no discurso apresentado nas tiras.

Apresentamos neste trabalho sequências enunciativas que selecionamos para destacar um discurso sobre o gaúcho, identificado e rememorado pela figura do Tapejara enquanto sujeito social que produz e reproduz causos da gente sul-riograndense.

¹ Neste prólogo intercalamos junto à voz do autor nossa voz a fim de descrever o personagem de Paulo Louzada como nosso objeto de análise.

“Canta a tua aldeia e serás universal, pois não existe universalidade maior”, já dizia o escritor Leon Tolstói, em mil oitocentos e lá vai fumaça. Para mim, esta frase oportunamente resume os efeitos atuais do processo de “globagualização” que, contraditoriamente, ao planificar conceitos e atitudes, conduz também à necessidade de resistência das culturas locais como forma de reforçar e valorizar suas identidades.

Nasci no asfalto, mas sou filho, neto e sobrinho de pessoas que tiveram sua origem no ambiente campeiro, atávico, quase pétreo da primeira metade do século XX, cresci respirando os maneirismos, hábitos e dizeres desta rica atmosfera de cultura imaterial; aliando isto às inúmeras férias de guri que passei voando as tranças no lombilho de petiços, dando fé e conta de tudo que observava neste universo, criar e desenvolver uma personagem em quadrinhos com o perfil do Tapejara foi um processo, ainda que bastante meticuloso, natural.

Aferir a importância desta personagem na nossa cultura regional seria tão pretensioso como medir o nível do mar após uma garoa, mas acredito que humor e diversão sempre foi uma ótima estratégia para fortalecer e expandir nossas raízes.

O Rio Grande do Sul é extraordinariamente rico em cartunistas de talento e existem poucos veículos de comunicação no estado para suprir esta demanda. Notei que apesar de termos um arquétipo regional muito forte na altiva figura do gaúcho, poucos profissionais da área exploravam o tema. Logo, imaginei que a melhor maneira de fazer notar o meu trabalho neste meio, além de tentar produzir um traço de qualidade, era procurar (por mais absurdo que pareça!) a diferenciação no assunto.

A altiva figura de “O Laçador”, esculpida por Caringi e o infinito material didático sobre a alma do gaúcho, foram as inspirações definitivas para o nascimento do “Tapejara”, que, com seu jeito simplório, ingênuo e totalmente xucro, foi trazendo na garupa “estórias” e “causos” do povo rio-grandense. O Tapejara é um vaqueano dos caminhos; conhecedor dos vaus, timbós e “cruzes” dos matos; um “guasca de fora”, ingênuo; prestativo; de arrancadas corajosas; contador de “causos” lendários; que se transfigura com “agachadas” pitorescas e que vive sua filosofia pastoril de índio xucro, em pleno século XXI!

Tapejara vem do Tupi-guarani, Tape (caminho) Jara (senhor), ou seja, "O Senhor do Caminho", o desbravador, aquele que conhece que sabe os meios e a maneira de fazer. Não consegui imaginar nome mais universal e telúrico para emoldurar a figura deste Gaúcho.

Vivemos no presente, em um mundo que é praticamente impossível fugir da crescente velocidade que a globalização nos imputa. O Tapejara, ignorante e alheio a este novo processo de planificação de conceitos e atitudes, e ainda feliz com seu jeito simplório de observar o conjunto, se torna um genuíno ícone pop da atual contracultura. Além disto, a personagem possui características psicológicas de uma criança, o que o torna inimputável para qualquer julgamento, o que também pode significar liberdade. E para fechar as contas, quem é que pode afirmar que não tem um tipo Tapejara no seio da própria família?!

O Tapejara tem riqueza de atuação! Tem forte tradição e perfil, mas é maleável. É representativo, mas é bizarro. É simples, mas ao mesmo tempo excêntrico. E como é uma personagem centrada, enraizada na sua origem secular, ela se torna automaticamente universal.

Mas entre uma “gaitada” e outra é bom lembrar: quem não conhece sua história, não sabe para onde, ou pior, por que vai.

Paulo Louzada.

INTRODUÇÃO

Situada na linha de pesquisa “Língua, Sujeito e História”, na qual se analisa a relação entre línguas e sujeitos, permeados por sua constituição histórica, a dissertação que desenvolvemos toma como perspectiva teórico-metodológica a Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães, dialogando com algumas noções da Análise de Discurso de vertente francesa e a História das Ideias Linguísticas à medida que traz à discussão a constituição de uma linguagem gauchesca. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo o estudo do funcionamento semântico-enunciativo de expressões que aparecem como empréstimos da língua espanhola dentro do espaço de enunciação de uma das variantes do português falado no Rio Grande do Sul, representada na textualidade das tiras. Interessa-nos, portanto, o efeito da palavra funcionando nos enunciados das tiras e de que modo esse efeito se significa no dizer, caracterizando uma heterogeneidade da língua portuguesa pela existência, então, de uma linguagem gauchesca. A observação desse contato visou a tornar possível analisar o espaço de produção e os efeitos de sentido representados na materialidade linguística das tiras que nos servem de amostra das relações dos sujeitos com as línguas.

A análise de aspectos da representação da língua espanhola no discurso constituído por formas de ilustração do sujeito gaúcho enquanto tipo social significou, ao constituir um discurso do gaúcho e sobre o gaúcho, levando a um processo de identificação dos sujeitos na e pela língua que praticam.

Discutiu-se como, especialmente no Rio Grande do Sul, a figura do gaúcho reproduzida em tiras que compõem o livro: *Tapejara: o último guasca*, objeto de análise deste estudo, produz efeitos de sentido ao representar o sujeito gaúcho também pela língua. Diante disso, o estudo considera o funcionamento semântico-enunciativo de palavras e expressões da língua espanhola quando se relacionam ao dizer do sujeito gaúcho. Tais palavras e expressões, retiradas das tiras evidenciam uma produção e efeitos de sentido da linguagem que significam histórica e socialmente esse sujeito gaúcho. Desse modo, busca-se refletir sobre como essas palavras e expressões interferem na produção desses efeitos de sentido nas relações entre língua e sujeito, considerando que tais efeitos podem ser observados nas tiras, enquanto objeto de análise. Com isso, a língua é capaz de produzir

diferentes efeitos de sentido de acordo com a situação em que se encontra o sujeito enunciador, neste caso, o gaúcho Tapejara (personagem).

O trabalho de pesquisa que estamos desenvolvendo visa a compreender e a interpretar o funcionamento semântico-enunciativo dessas expressões para a construção de um personagem regional que se vincula ao mundo pelos seus valores e sentimentos sem se desprender da sua região, da sua terra, do seu rincão. Os sentidos das palavras e expressões se constituem associados aos sentidos que também podemos interpretar a partir dos desenhos das tiras, dos olhares, do movimento, dos trejeitos do personagem Tapejara e dos demais que fazem parte desse mundo campesino onde vivem. Ou seja, a constituição de uma linguagem gauchesca que transcende o linguístico.

Com isso, a análise de uma representação discursiva do gaúcho em tiras que servem como meio de constituição e instauração de um discurso sobre o gaúcho enquanto sujeito social foi o que nos motivou para realizar um estudo pautado em um texto onde são refletidas “estórias” e “causos” da gente sul-rio-grandense.

As tiras que compõem o livro em questão foram recortadas e analisadas como constitutivas de uma textualidade onde a língua contribui na caracterização do personagem. Língua essa marcada por expressões regionais, destacando-se, por exemplo, vocábulos e expressões em espanhol que estão muito presentes em uma variedade de português do Rio Grande do Sul relacionada, sobretudo, à vida do homem rural. No caso do personagem Tapejara, apresentada na sua personalidade simplória e ingênua.

Nesse sentido, as tiras construindo histórias constituem um discurso do regional e, por essa razão, evidenciam tanto por meio das ilustrações como pela língua um modo de falar do gaúcho brasileiro. O personagem Tapejara representa um tipo social resgatado nas suas origens, um tipo de gaúcho que tem como característica ser do campo, ser singelo, no sentido de desconhecer, as maldades do mundo.

Nele identificamos um modo de vida particular, sua relação com o mundo rural, com a lida com os animais, pelo seu comportamento e estilo de vida em comunhão com a natureza, pela sabedoria construída no espaço social em que vive. No entanto, embora esteja caracterizado por seus traços regionais enquanto gaúcho, apresenta uma sensibilidade com os acontecimentos do mundo, não é um sujeito isolado. É singelo, mas não é ignorante das coisas do mundo. Este resgate

como já mencionamos, se dá por meio de uma figura que representa um sul-rio-grandense.

A linguagem gauchesca desse personagem se representa na constituição de um espaço enunciativo próprio, a região fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina. O Brasil, segundo Guimarães, é um espaço de enunciação multilíngue, e nele as línguas convivem e se relacionam a parte das inúmeras tentativas do Estado de unificação linguística, apresentando-nos, então, um espaço de enunciação marcado pelo contato linguístico. O referido autor considera ainda que, ao estudarmos as relações das línguas com os seus falantes, verificamos que a forma como o falante se significa se dá pela língua e que essa significação o identifica socialmente. Partindo dessa premissa, consideramos que as palavras e expressões linguísticas analisadas fazem parte de um espaço de enunciação específico, fazendo com que se apresentem sentidos diferenciados, nesse espaço enunciativo, de outros espaços enunciativos, e que seus sentidos são construídos por uma confrontação de línguas na configuração de um espaço próprio.

Abordamos a proximidade/distância entre as línguas portuguesa e espanhola com um particular escopo: deslocando-a do contraste léxico ou gramatical, para a produção de sentido em determinadas condições históricas. Por isso, a possibilidade de atribuímos sentido, de propormos outras interpretações a esse modo de “estar na língua do outro” (FANJUL, 2002, p. 19-20).

Nos interessamos por línguas em contato, chamadas “próximas” e queremos questionar essa proximidade na discursividade que nelas produz sentidos, e os processos enunciativos são o lugar de penetração da discursividade na língua. Processos que são determinados por condições históricas de produção, isto é, envolvem as representações sociais e a memória sócio-histórica (Ibid., p. 46-51).

A análise do corpus que propomos revela a observação de determinadas manifestações linguísticas e, neste caso, sobre uma especificamente representativa também da identidade sul-rio-grandense, por apresentar uma perspectiva de mundo de um sujeito que vive, circula e enuncia entre línguas, tornado-se representativo de um espaço social e de um contexto sócio-histórico capaz de produzir um discurso característico e diferenciado do restante do território brasileiro.

A produção desses efeitos de sentido que se efetivam nas relações entre língua e sujeito no espaço discursivo representado nas tiras demonstra a construção de um estereótipo sobre o gaúcho do campo, reforçado pela utilização de marcas

linguísticas típicas de um discurso do e sobre o Rio Grande do Sul, que marcam essa identidade gaúcha contribuindo para a constituição desse tipo regional.

A análise dos enunciados produzidos pelo personagem Tapejara nas tiras constituiu-se segundo a situação em que estes enunciados foram produzidos durante a interação cotidiana, buscando a compreensão da função exercida por estes enunciados na linguagem, ou seja, entendendo o funcionamento semântico-enunciativo dessas expressões, o que acarreta na produção de um efeito de sentido produzido por diferentes mecanismos semânticos. Sendo assim, as línguas portuguesa e espanhola, na linguagem gauchesca, funcionam como elementos constitutivos de uma discursividade sobre esse sujeito gaúcho que nos possibilitaram interpretar os efeitos de sentido produzidos nesse discurso pelo funcionamento semântico-enunciativo da entrada da língua espanhola no seu contato com a língua portuguesa. Funcionamento esse exemplificado ao longo do trabalho, pois julgamos necessário apresentar exemplos à medida que íamos trazendo os conceitos teóricos trabalhados.

Nesse espaço configurado pela presença das línguas portuguesa e espanhola e pela relação entre as línguas e o falante, a permeabilidade da região de fronteira se significa pela situação de mistura, troca, hibridismo, mestiçagem cultural e étnica. Essa permeabilidade nos aponta para um dos modos de constituição de uma discursividade sobre o gaúcho enquanto tipo social, logo decorre do fato que ambas línguas são constitutivas desse espaço. Entrecruzam-se, relacionam-se configurando sentidos neste espaço de circulação e enunciação da língua portuguesa e da língua espanhola.

A língua portuguesa é atravessada e transformada pela língua espanhola do mesmo modo que a língua espanhola é atravessada e transformada pela língua portuguesa, o que acarreta um sujeito afetado por duas línguas que se atravessam no dizer, ou seja, a língua espanhola vai penetrar na língua do Tapejara de modo a constituir a identidade desse sujeito e significá-lo a partir de sua existência e de seu funcionamento.

A perspectiva semântico-enunciativa, que adotamos, nos permite identificar os mecanismos semânticos e seus funcionamentos (palavras e expressões) de uma língua, neste caso o espanhol, no espaço de enunciação do português. Buscamos compreender a relação que se estabelece entre a produção de um discurso, que tem como questão a língua, mais especificamente, o que entendemos como sendo uma

variedade do português brasileiro, com os efeitos de sentido que a relação língua e etnia, língua e formação social produz neste discurso. Desse modo, as línguas portuguesa e espanhola, na linguagem gauchesca funcionam como elementos constitutivos de uma discursividade sobre esse sujeito gaúcho e nos possibilitam interpretar os efeitos de sentido desse discurso.

A língua do Tapejara, portanto, nos permite compreender que há modos de falar português no Rio Grande do Sul. No caso dele, para marcar sua identidade gaúcha, a entrada de palavras e expressões espanholas na sua fala funciona também pela memória, trazendo à tona o papel do gaúcho nas disputas territoriais, a defesa das fronteiras e, ao mesmo tempo, significando o peso das relações políticas, econômicas, culturais com a região do Prata. Um discurso sobre o gaúcho que cria um efeito de sentido que fortalece a figura tradicional do gaúcho de modo a resgatar esse gaúcho primitivo pela língua.

Na discussão apresentada, entendemos a língua enquanto mobilizada pelos sentidos que se constituem em um espaço enunciativo o qual, para este trabalho, também revela um modo de construção da identidade do sujeito gaúcho e vai se materializar, tanto na composição, como no discurso apresentado nas tiras. A perspectiva semântico-enunciativa aqui estabelecida nos permite identificar os mecanismos e o funcionamento desse discurso, no qual se revela uma autoria gaúcha, no sentido de também mobilizar as especificidades do português falado no Rio Grande do Sul, que, por sua vez, instaura uma discursividade sobre a linguagem gauchesca, bem como, afirma o regionalismo como um espaço de pesquisa e reflexão.

Desta forma, este trabalho está estruturado em cinco momentos, a seguir descritos sucintamente.

O primeiro momento intitulado *O contato português/espanhol na fronteira do Rio Grande do Sul: o caso da linguagem gauchesca*, aborda a formação sócio-histórica do sujeito gaúcho pela língua.

O segundo momento, denominado *“Ser gaúcho”: processo identitário e efeitos de sentido*, trata da afirmação da identidade gaúcha constituída pela língua e pela memória.

O terceiro momento tem por título *As tiras do Tapejara: o último guasca - constituição, formulação e circulação de um discurso sobre o gaúcho* e apresenta alguns aspectos referentes ao discurso presente nas tiras enquanto textualidade e

também aborda as diferentes maneiras pelas quais os discursos se constituem, são formulados e circulam.

O quarto momento, intitulado *O funcionamento semântico-enunciativo da língua espanhola nas tiras do Tapejara: enunciado, enunciação e produção de sentidos*, traz a questão da enunciação e da subjetividade como mecanismos para a produção de efeitos de sentido na linguagem.

O quinto momento, denominado de *Língua e discurso nos textos sobre o gaúcho*, aborda a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho e a análise enunciativa das tiras selecionadas.

Buscamos com isso mobilizar alguns conceitos importantes como língua, discurso, enunciação, sentido, enunciado, subjetividade, sujeito, para entrarmos na questão central de nosso trabalho: o funcionamento semântico-enunciativo produzido na linguagem gauchesca pela entrada de termos da língua espanhola na variedade gaúcha do português brasileiro representada na textualidade das tiras.

1. O CONTATO PORTUGUÊS/ESPAANHOL NA FRONTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DA LINGUAGEM GAUCHESCA

“No propósito de servir culturalmente ao meu Rio Grande e ao Brasil, lanço este trabalho. Ele não dirá tudo. Não encerrará questões. As conclusões nem sempre serão definitivas, pois o campo da dialetologia e do regionalismo é vasto e complexo. A respeito do Linguajar do Gaúcho Brasileiro, todos sabemos, muito ainda existe por investigar, confirmar, reformular, descobrir enfim”.

(Dante de Laytano)

1.1. A formação do sujeito sul-rio-grandense significado pela língua

A região que abrange a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina é peculiar. Nela ocorrem mesclas que decorrem do tipo de formação histórica e geográfica, constituição social, línguas, pessoas e costumes.

O Rio Grande do Sul é o mais meridional estado brasileiro, com um território de 282.184 Km² que se estende do Oceano Atlântico até as planícies que constituem parte da fronteira brasileira com a Argentina e com o Uruguai. Devido a essas longas extensões pampeanas, os habitantes deste estado são conhecidos e se autodenominam de gaúchos. Originalmente povoado pelos índios charruas e guaranis, depois alvo da conquista pelos portugueses em disputa com os espanhóis, tendo recebido menor proporção de escravos negros do que as regiões centrais e do norte do país, nos séculos XVIII, XIX e início do século XX o estado foi amplamente povoado por imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos. Ao longo dos séculos anteriores, o estado testemunhou várias revoluções e lutas internas e com os vizinhos argentinos, uruguaios e com o governo central brasileiro, chegando a ser proclamada, por dez anos, uma República do Piratini, independente do Brasil (EIZIRIK, 2002, p. 137).

Essas circunstâncias fazem com que se observe historicamente o surgimento de dois discursos na historiografia sul-rio-grandense, que se constituem a partir de duas matrizes ideológicas distintas. Dentre o discurso historiográfico desse período, destaca-se aquele que tematiza a formação étnica e social do Rio Grande do Sul e que instituiu duas vertentes a respeito desta formação: a *matriz lusa*, assim denominada por Neumann (1994), que destaca a preponderância da colonização portuguesa, ou seja, determinante na constituição do gaúcho sulino como tipo social; e a *matriz platina* que, segundo o mesmo autor, determina a formação do gaúcho no espaço rio-platense, abrangendo os territórios do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Cada uma dessas matrizes está representada no discurso de historiadores e ensaístas como Manoelito de Ornellas e Moisés Vellinho, intelectuais representativos do período historiográfico das décadas de 50 e 60, que irão

constituir um espaço de debate sobre a história do Rio Grande do Sul, discursivizando sobre a origem do habitante desse Estado, sobretudo para atribuir-lhes uma identidade social.

Ornellas (1999) ratificou as evidências e os indícios platinos na história do tipo social do sujeito gaúcho. No entanto, Vellinho (1957), fundamentou suas investigações e estudos no lusitanismo, pois atribuiu ao predomínio do colonizador português a formação sócio-histórica do sujeito gaúcho brasileiro.

O discurso da origem busca descrever a formação étnica e social do Rio Grande do Sul, muito em consequência do período de ocupação e colonização, com demarcações de fronteiras que mobilizaram portugueses e espanhóis no extremo sul do Brasil. Conforme Sturza (2007, p. 02), “o contato que se estabeleceu entre eles constitui no imaginário do gaúcho, desde então, um lugar nem lá, nem cá, dando-nos esta indefinição identitária, instituindo, muitas vezes, um lugar do dizer com um lugar de defesa de posições ideológicas”.

A historiadora Ieda Gutfreind (1992), ao analisar a historiografia tradicional admite que a *matriz platina*, embora igualmente defendesse a identidade brasileira do território, admitia contribuições espanholas e rio-platenses para a formação histórica do Rio Grande do Sul. Já a *matriz lusitana*, era composta de historiadores que viam a história do Rio Grande do Sul unicamente sob a ótica luso-brasileira, negando quaisquer tipos de vínculos com o Prata. Ambas correntes, entretanto, analisavam a história do estado sulino como isolada ou integrada à brasileira, sem admitir a perspectiva da possibilidade de inserção do atual território sul-rio-grandense numa área mais ampla, a Região Platina.

De acordo com a autora, a matriz é compreendida por

[...] um tipo de discurso com características comuns encontradas em um conjunto de obras históricas [...] conforme a conjuntura que se desenvolve [...]. Essas matrizes representam a busca da identidade político-cultural do território sul-rio-grandense (GUTFRIEND, 1992, p. 11).

Portanto, o que se observa é que a historiografia do Rio Grande do Sul pode ser dividida em duas matrizes, ou seja, com relação ao tipo de discurso presente nas obras que servem para contar a constituição da história do povo gaúcho: uma lusitana, que defende a supremacia da cultura portuguesa e outra platina, que enfatiza, na formação do estado sul-rio-grandense, a relação com a região do Prata. É o entrelaçamento das duas correntes colonizadoras no Rio Grande do Sul – a

espanhola e a portuguesa. Um ponto de contato nas raízes das origens da formação social do Estado que ajudou no surgimento do tipo étnico dessa região.

A língua significa, portanto, na sua relação com a história (Orlandi, 1996). Desse modo, o conceito de discurso, presente na Análise de Discurso de vertente francesa, constituiu parte da fundamentação teórica desse trabalho. Segundo Orlandi (2012, p. 26), o discurso se caracteriza como

[...] efeito de sentido entre interlocutores, enquanto parte do funcionamento social geral. Então, os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social, *i.e.*, as condições de produção, constituem o sentido da sequência verbal produzida. Quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para outro alguém também de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação.

O discurso sobre a língua, que analisamos, é aquele representado no conjunto de textualidades das tiras que compõem a obra *Tapejara: o último guasca*, objeto de análise deste trabalho.

Percebemos, pelo exposto, que a individualização do sujeito ocorre justamente nessa passagem, em que o perfil do gaúcho brasileiro é o de “mestiço”, aliado, ainda, ao fato de conciliar lusitanismo e platinismo. Ou seja, reconhece as duas matrizes e produz um novo sentido, ao tratar do que seria a mistura de diferentes etnias.

Barth (1998) define grupos étnicos enquanto categorias de atribuição e de identificação de grupos sociais, que estão vinculados aos traços culturais e aos traços de pertencimento, atribuídos pelos próprios participantes do grupo. Oliven (2006, p. 142), afirma que, tradicionalmente, o gaúcho é visto pela historiografia como um tipo social para o qual contribuíram, de formas distintas, diferentes etnias: índios, portugueses, negros e depois os imigrantes alemães e italianos.

Na metade do século XVII surgem os mestiços de espanhóis e índias, a cavalo, a conduzir gados do Paraguai para Buenos Aires e Soriano, através das fazendas jesuíticas às margens do Paraná e do Paraguai e, mais tarde, pelas fazendas da parte oriental, localizadas nos campos do Rio Grande. Esse mestiço, filho de espanhol e de índia, dono do espírito ousado do conquistador e da agilidade e perspicácia do aborígine, deu o primeiro *rastreador*, o primeiro *desgarrador*, o primeiro *changador*, e por vezes, egresso dos redutos subordinados à lei, foi também o *quatrero*, *vagabundo dos campos* e *ladrão de gados*. Está na figura lendária deste *matreiro*, dono de todos os segredos da equitação, o precursor do *gaúcho*, o próprio *gaúcho* primitivo [...] (ORNELLAS, 1999, p. 13).

A política cercada de conflitos armados entre Portugal e Espanha proporcionou relações de contato entre os habitantes do pampa, portugueses e espanhóis, antes da conquista deste território por Portugal, e mesmo depois, já que muitos espanhóis por aqui seguiram vivendo ou passando, o que resultou, segundo Neumann (2004), num discurso que busca uma condição de pertencimento para o rio-grandense. Ao exemplificar esse discurso que projetou a imagem do sujeito gaúcho no cenário regional, citamos Ornellas (1999, p. 17), ao assegurar que a “fusão do sangue real não era mais do que um reflexo da fusão do sangue do próprio povo, que, não obstante a guerra permanente vinculava-se aquém e além das fronteiras imprecisas”.

Toda essa situação histórica de ocupação colocou e coloca em qualquer tempo sujeitos e línguas em contato. Essa situação de contato gera mudanças no modo de falar dos sujeitos, além de gerar mudanças nas estruturas das línguas envolvidas (APPEL; MUYSKEN, 1996). Desse modo, a história da ocupação e do povoamento do Rio Grande do Sul está demarcada pela questão fronteiriça. Quando ocupado pelo império português, o Rio Grande do Sul era o que podemos chamar de um imenso deserto, sendo ocupado somente pela população indígena de vida nômade ou semi-sedentária que ali habitava. Nesse momento, o espaço de circulação de pessoas que ocupavam o espaço das fronteiras, era totalmente livre, não existindo controle nem empecilhos para o vaivém de pessoas e mercadorias que aí se estabeleciam. Tal fato determinou um fluxo intenso de sujeitos, usando palavras e expressões, as quais, futuramente, passariam a circular no lado gaúcho da fronteira. Esse espaço, inicialmente pouco ocupado na zona de fronteira, foi palco de um longo período de conflitos e animosidades mútuas entre portugueses e espanhóis na região platina.

Elizaincín (2004) afirma que o contato espanhol/ português torna-se especial pelo fato de que as duas línguas têm a mesma origem, são tipologicamente muito próximas e têm forte relação areal. Segundo o autor (Ibid., p.18), “génesis, tipología y arealidad compartidas durante siglos provocan convergencias importantes en diferentes sectores de la gramática de las lenguas involucradas”. Considerando o contato das duas línguas, vemos que a questão das línguas, principalmente em zonas fronteiriças, tem sido considerada a partir das práticas linguísticas resultantes entre os sistemas linguísticos do português e do espanhol. Há alternância nos usos de ambos os códigos com propósitos comunicativos e identitários. Encontram-se

frequentemente na fronteira, ainda, fenômenos de mescla linguística e de empréstimos em uma ou outra direção.

Fischer e Gonzaga (1993, p. 78), argumentam que “a colonização tardia e o caráter de fronteira aberta deram ao Rio Grande uma especificidade regional que sempre o distinguiu das demais províncias brasileiras”. As guerras contínuas contra castelhanos, índios, caramurus, paraguaios, e as próprias lutas internas configuraram o tipo rio-grandense que hoje conhecemos.

Diante disto, para a compreensão do contato que aqui se expõe faz-se necessário compreender do ponto de vista geo-histórico e geopolítico o que é a região de fronteira, como se define e como se configura.

A fronteira vai incorporando significações à medida que fatos históricos como, por exemplo, as disputas sobre os domínios territoriais entre Espanha e Portugal na América, a definição dos limites geopolíticos e, posteriormente, a formação dos estados nacionais, constituem os sentidos de fronteira, sobretudo, quando a questão é a relação das línguas nas fronteiras brasileiras com os países da região do Prata.

De acordo com Machado,

[...] na medida em que os padrões de civilização foram se desenvolvendo acima do nível de subsistência, as fronteiras entre ecúmenos tornaram-se lugares de comunicação e, por conseguinte, adquiriram um caráter político. Mesmo assim, não tinha a conotação de uma área ou zona que marcasse o limite definido ou fim de uma unidade política. Na realidade, o sentido de fronteira era não de fim, mas o começo do Estado, o lugar para onde ele tendia a se expandir (MACHADO, 1998, p. 41).

Deste modo, a perspectiva de olhar a fronteira através das línguas permite-nos compreender o modo como as línguas se relacionam, cruzam-se e significam nestes espaços, evidenciando a linha imaginária móvel entre os territórios, o contato de pessoas e do quanto elas estão expostas umas à língua dos outros, logo, o contato de línguas se torna parte desse espaço social. No que diz respeito ao povoamento ao longo da faixa fronteiriça, tanto no lado brasileiro como no lado uruguaio e argentino, ele contribuiu para o estabelecimento de uma fronteira menos territorial e mais social (STURZA, 2006a). Nessa perspectiva, a fronteira afirma-se como lugar de construção identitária relacionada às características sociais decorrente de um modo de vida em que o gaúcho se representa como tipo social mais fortemente ligado ao modo de vida fronteiriço.

Assim, este trabalho volta-se para línguas presentes na região fronteira do Brasil com o Uruguai e a Argentina, mais especificamente, para o Português e para o Espanhol. Ao tomá-las enquanto objeto de pesquisa, refletimos sobre seu funcionamento e sua relação com os sujeitos que as enunciam, considerando-as em seu conjunto, colaborando para elaborar uma história da presença de tais línguas na fronteira. Tendo como objeto as línguas que circulam neste espaço peculiar que é a fronteira de uma perspectiva dos estudos enunciativos, as tomamos em seu funcionamento pela enunciação, considerando a relação sujeito-língua(s), assim como a das línguas entre si.

Portanto, a fronteira configura-se como um espaço social; um espaço real, e também um espaço que se significa simbolicamente. Daí a necessidade de pensarmos a fronteira como um espaço linguístico configurado pelo contato, permeabilidade, troca, mistura, hibridismo, mestiçagem cultural e étnica que se estabelecem nessa zona. Uma rica e completa mescla dos mais diversos fatores que ali se somam.

A palavra *fronteira*² é interpretada, do ponto de vista da geografia política, como uma parcela de território localizada nos dois lados de uma linha divisória limítrofe, tornando-se difícil a compreensão de sua real localização. A fronteira platina (considerada a macrorregião da Bacia do Rio da Prata, estuário que reúne os limites territoriais de quatro países, Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai)³, notadamente, foi marcada por grande flexibilidade de limites, logo, por grandes intercâmbios populacionais e econômicos, que geraram uma relação sociocultural muito próxima.

Kühn (2004, p. 26) ao escrever sua *Breve História do Rio Grande do Sul* sugere que “o espaço fronteiro nacional deve ser compreendido como uma fronteira em movimento, com intensa circulação de homens e mercadorias, em um contexto demográfico heterogêneo e numa conjuntura de instabilidade política”. É nesse contexto da formação histórica do Rio Grande do Sul, juntamente com as origens do povoamento, a conquista do território, as guerras e as revoluções internas, a vida social, política e econômica que, então, começava a se formar a

² Grifo nosso.

³ Dados extraídos da Coleção Grande Atlas Universal, 2004, Editorial Sol 90, S.L., Barcelona (Espanha). Edição para o Brasil: Tradução Martín Ernesto Russo.

recente província rio-grandense, em que se fez sentir a influência espanhola no estado do Rio Grande do Sul.

O Rio Grande do Sul é geralmente considerado como ocupando uma posição singular em relação ao Brasil. Isso se deveria às suas características geográficas, à posição estratégica, à forma de seu povoamento, à sua economia e ao modo pelo qual se insere na história nacional. (OLIVEN, 2006, p. 61).

De acordo com Kühn (2004, p. 77) “atualmente os estudiosos tendem a entender a história regional inserida em um contexto mais amplo, com evidentes elementos que indicam uma forte vinculação platina”. Na bacia do Rio da Prata, tais disputas se pautaram por uma divisão entre dois mundos: o mundo português e o mundo espanhol. E por duas línguas nacionais: a portuguesa e a espanhola.

Os contatos sociais entre os países e suas fronteiras são analisados aqui do ponto de vista da linguagem e da enunciação pela abordagem das fronteiras sociais e culturais. Essas fronteiras constituem um universo de sentidos simbólicos, possuindo agentes que são “semelhantes e díspares” ao mesmo tempo (PASAVENTO, 2006). Fronteiras culturais, segundo a autora (Ibid., p. 11), implicam sentimento de ambivalência, sendo duas realidades presentes em um mesmo espaço, “ser um e ser dois ao mesmo tempo, ser si próprio e ser o outro”.

Acrescenta-se, também, como fator histórico determinante para a formação étnica e social do Rio Grande do Sul, o surgimento dos Sete Povos das Missões (São Borja, São Nicolau, São Miguel, São Luís Gonzaga, São Lourenço, São João Batista, Santo Ângelo) como um movimento populacional que era comandado pelos padres jesuítas. Estes movimentos auxiliaram na delimitação de fronteiras e no surgimento de cidades, especialmente na parte oeste do estado. Este foi um período marcante da presença do império espanhol na região Sul do Brasil. Os jesuítas ensinavam latim para a leitura dos textos religiosos, leitura e escrita em espanhol e valores cristãos aos índios. Nesse período ocorre a fase de assimilação da cultura gaúcha e da língua espanhola.

A primeira escola do atual território rio-grandense surgiu nas Reduções Jesuíticas, onde os índios eram obrigados a frequentar os bancos escolares desde a idade de cinco anos. Os jesuítas possuíam um cunho educacional, cujos objetivos principais eram: levar o catolicismo para as regiões recém-descobertas, no século XVI, principalmente à América; catequizar os índios americanos, transmitindo-lhes as línguas portuguesa e espanhola, os costumes europeus e a religião católica (BARBOSA, 1995, p.59).

Tais presenças apontam para a possibilidade de que o povo sul-rio-grandense tenha nessas razões determinada a construção da sua pluralidade cultural e linguística. Além disso, a proximidade com as repúblicas do Prata é também produzida por traços comuns, os hábitos guerreiros e pastoris do povo que ali habitava, as práticas e a linguagem mais similar à região sul-rio-grandense que ao resto do Brasil.

Manter a distinção entre o Rio Grande do Sul e o resto do Brasil seria uma forma de preservar a identidade cultural do Estado. A relação entre o Rio Grande e o Brasil sempre foi uma relação contraditória. Historicamente essa relação advém justamente da tensão entre autonomia e integração, sendo a Revolução Farroupilha (1835-1845) um marco emblemático dessa relação, pois foi um movimento que teve origem na insatisfação de estancieiros do Rio Grande do Sul em relação à excessiva centralização política imposta pelo governo central e no sentimento que a província era explorada economicamente pelo restante do Brasil (OLIVEN, 2006, p. 62).

Dada a sociedade que se formava, surgiu uma linguagem influenciada e modificada em grande parte pelo espanhol falado no Prata e acentuada pelo amplo número de vocábulos originados, como referimos anteriormente, pela circulação do homem gaúcho nas fronteiras brasileiras com os países platinos, pelas interações sociais e trocas que, em face da proximidade física e de interesses comuns, acabaram se estabelecendo de um lado e outro da fronteira.

Goulart explica que

No período de formação dos povos platino e rio-grandense notamos para as bandas do Prata uma anarquia, uma instabilidade, um bandoleirismo transbordante. À medida que no Rio Grande do Sul, descemos do centro para as fronteiras castelhanas, as regiões do nosso estado mais desordenadas, mais anárquicas, mais repletas de surpresas, de contrabandistas, são justamente aquelas em que também a nossa língua mais se mistura de termos espanhóis [...] (GOULART, 1978, p. 123).

Por conseguinte, o que conhecemos hoje e que já mencionamos antes, resulta de um processo de construção de mais de quatro séculos. Ao longo desse período novas regiões foram sendo incorporadas ao território brasileiro sob o impacto de entradas, bandeiras e dos ciclos econômicos. A presença portuguesa e espanhola, desde os períodos do descobrimento, conquista e colonização latino -

americana, deixaram como marcas a *língua*⁴, elemento de identidade social de um grupo. Para Fischer e Gonzaga (1993, p. 80), a identidade gaúcha é atualmente reposta não mais nos termos da tradição farroupilha, mas enquanto expressão de uma distinção cultural.

O contato que se estabeleceu nesse período, resultado das condições sócio-históricas anteriormente tratadas, contribuiu para a formação da linguagem dos rio-grandenses na região fronteira com o Uruguai e a Argentina, deixando marcas na cultura, no comportamento e na língua do homem gaúcho. Torna-se evidente, deste modo, a existência de uma circulação significativa da língua espanhola em território sulino. A influência castelhana emprestou uma fisionomia inconfundível ao tipo humano das Missões e das zonas fisiográficas da Campanha e da Depressão Central (ORNELLAS, 1999, p. 5).

Nessa fronteira, segundo Sturza (2005), o contato linguístico entre o português e o espanhol é decorrente de um século de litígios pelo domínio dos territórios, de uma política expansionista de ocupação da região e militarização das áreas, além da existência de povoados desenvolvidos e de um intercâmbio, cultural e social já consolidado.

Todos esses elementos têm significativa importância e contribuíram para a formação sócio-histórica do estado, refletindo-se inclusive na linguagem gauchesca e constituindo desta maneira, conforme Laytano (1981), “a base inicial do tipo étnico da região sul do Brasil”. Segundo Cesar (1980), “a formação do gaúcho se deu em campo aberto, durante a luta com espanhóis, provindo daí os usos e costumes verdadeiramente tradicionais, ou seja, próprios deste período, e atualmente reduzidos a peças de museu”.

A influência espanhola, vinda pelo Rio da Prata, no linguajar do gaúcho brasileiro, é uma consequência sociológica, não só de áreas comuns, fronteiras geográficas e tipo idêntico de atividades econômicas, mas de relações humanas e históricas muito intensas. (LAYTANO, 1981, p. 49).

Através do processo de formação do Estado do Rio Grande do Sul, configurado pelas culturas partilhadas, clima, relevo, vestimentas, atividades da vida campeira, hábitos e costumes similares, houve uma identificação da sociedade e da cultura gaúcha sul-rio-grandense com a cultura platina, contribuindo para o

⁴ Grifo nosso.

desenvolvimento da linguagem utilizada pelo homem gaúcho, principalmente na região fronteira. É dessa formação advinda do contato entre culturas semelhantes que surgiram as tradições regionais, conforme a influência cultural dos povos que ajudaram na formação político-social do território rio-grandense. Para Oliven,

Apesar de o estado ter uma grande diferenciação interna (do ponto de vista geográfico, étnico, econômico e de sua colonização), ele é frequentemente contraposto como um todo ao resto do país, com o qual manteria uma relação especial, ao ponto de ser às vezes chamado jocosamente por outros brasileiros de “esse país vizinho e irmão do sul”. (OLIVEN, 2006, p. 62).

Diante disso, os sul-rio-grandenses criaram um modo particular de vestir, falar e agir, que pouco se diferenciava das características típicas dos “gauchos⁵” dos pampas argentino e uruguaio. Neste sentido, o tipo social gaúcho se reconhece e é reconhecido por sua história, geografia e modo de vida, que geram um comportamento típico de sua cultura e tradição. Comportamento este, permeado e significado, inclusive, na língua que usa.

Neste momento é necessário especificar e definir qual língua é falada no Rio Grande do Sul. Para isso, buscamos diferenciar o que entendemos por língua, linguagem e linguajar. Trata-se de uma noção que revela elementos de um espaço simbólico e territorialmente marcado pela diferença.

Na verdade, retomamos aqui a pergunta feita por Petri (2009), que coloca a seguinte questão:

Podemos dizer que há uma língua regional do sul do Brasil? Para responder a esta questão é preciso considerar que há um sujeito que é nomeado gaúcho e que é definido como aquele que “nasce no” ou “habita o” estado do Rio Grande do Sul; bem como é preciso considerar que existem modos de identificação constitutivos da fala deste gaúcho, sejam eles de ordem lexical, fonética, sintática; sejam eles de ordem semântica; pois ampliam-se, neste espaço, os modos de ressonância dos processos de produção de sentidos. Assim, tomamos a noção de sujeito atrelada à de falante e “os falantes são estas pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam (...). São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes” (GUIMARÃES, 2003, p. 10).

Considerando o estudo realizado por Laytano (1981), é possível encontrar reescrituras para o que ele denomina como “o linguajar do gaúcho brasileiro”: “língua portuguesa” (p. 22); “linguagem do gaúcho” (p. 24); “linguajar gaúcho” (p. 41); “nosso

⁵ Pronúncia em língua espanhola, pois se refere ao gaúcho enquanto tipo social argentino e uruguaio.

dialeto” (p. 41); “linguagem popular do gaúcho” (p. 47); “português falado no Rio Grande” (p. 50); “fala do gaúcho” (p. 75). São formas linguísticas diferentes de redizer este linguajar: língua, linguagem e linguajar, fazendo surgir outras designações, por meio de predicções diferentes. Em realidade, essa designação de Laytano remete a um período mais histórico que reflete a pesquisa sobre o falar do gaúcho brasileiro desenvolvida por este regionalista.

Para esta reflexão escolhemos o verbete “linguagem gauchesca”, lugar de constituição de uma noção de língua imbricada à noção de sujeito como forma de designar a então língua falada pelo sujeito gaúcho.

LINGUAGEM GAUCHESCA, s. Português falado pelos gaúchos da zona pastoril do Rio Grande do Sul, ao qual se agregaram elementos uruguaios, argentinos, paraguaios, guaranis, tupis, quíchuas, araucanos, áfricos e de várias procedências. (V. *Poesia Gauchesca*). (*Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, p. 266).

Para Petri (2009),

[...] a presença do substantivo *linguagem* sendo determinado pelo adjetivo *gauchesca*, definido como o que é relativo ao gaúcho. A utilização de *linguagem*, numa concepção geral e abrangente, aqui tem, pelo menos, dois funcionamentos na produção dos sentidos:

- a) ao dizer *linguagem* não se está dizendo nem *língua* (o que poderia remeter à nação, ao povo, bem como à gramática, à bandeira), nem se está dizendo dialeto (o que se poderia remeter à variedade regional, parte de uma outra língua);
- b) *linguagem* remete à comunicação, a vocabulário, embora possa remeter também ao que é próprio de um indivíduo ou de um grupo social, sobretudo se estiver na forma escrita.

Observamos que este português falado no Rio Grande do Sul, é popular, é diferente da Língua Portuguesa em sua forma erudita, em suas normas cultas, ele não é “puro”, pois a ele “se agregaram [no passado] elementos uruguaios, argentinos, paraguaios, guaranis, tupis, quíchuas, araucanos, áfricos e de várias procedências, resultado do contato entre diferentes grupos sociais ou étnicos” (PETRI, 2009).

Com isto, a língua espanhola e a língua portuguesa sempre estiveram muito próximas, desde a época de sua formação. A mistura das duas línguas contribui para destacar as características dessa linguagem gauchesca, e quanto mais para a fronteira está o sujeito gaúcho, mais afetado pelo espanhol está seu português.

Outro fator que contribuiu para estabelecer o modo de falar da região Sul, em especial do Rio Grande do Sul, foi a distância mantida em relação aos grandes

centros urbanos do Brasil. Durante a sua formação, o Estado gaúcho tinha pouca comunicação com o resto dos estados do país. Até o final do século XIX, as comunicações eram feitas por navios e as modificações linguísticas que aconteciam no Rio de Janeiro, por exemplo, não chegavam até a província do Rio Grande do Sul. Como não teve um desenvolvimento como as demais regiões do Brasil e sua integração foi tardia, o Rio Grande do Sul, de acordo com Machado (1966, p. 21), acabou fixando alguns vocabulários sobrevividos do contato com o espanhol platino, originando, desta maneira, o linguajar “pampeano” utilizado pelo homem gaúcho.

A influência de outras culturas deixou na língua falada e escrita pelo homem gaúcho marcas permanentes que contribuíram para a riqueza e especificidade dessa linguagem, originando uma forma peculiar de manifestação linguística. Portanto, a língua adquire um significado social. É pela inscrição do sujeito na história que sabemos que somos sujeitos de algum lugar e, do mesmo modo, que, sem língua, não há história nem memória. O terreno da língua como espaço de movimentação/produção/reprodução da história e da identidade de um grupo social, acaba revelando as várias facetas deste sujeito gaúcho.

De acordo com Guimarães (2006, p. 47- 48),

[...] as línguas funcionam segundo o modo de distribuição para seus falantes, Ou seja, línguas não são objetos abstratos que um conjunto de pessoas em algum momento decide usar. Ao contrário, são objetos históricos e estão relacionadas inseparavelmente daqueles que as falam. Não há língua portuguesa sem falantes desta língua, e não é possível pensar a existência de pessoas sem saber que elas falam tal língua e de tal modo. É por isso que as línguas são elementos fortes no processo de identificação social dos grupos humanos.

Partindo dessa premissa, consideramos que as manifestações linguísticas do sujeito gaúcho fazem parte de um espaço de enunciação específico, fazendo com que apresentem sentidos diferenciados de outros espaços enunciativos, e que seus sentidos são construídos por uma confrontação de línguas (espanhol e português) na configuração de um espaço próprio.

O tipo social do gaúcho, forjado nesse processo de contínuas disputas pelo espaço platino e pela definição dos limites coloniais de Portugal e Espanha no extremo sul do continente americano, é apontado, mais tarde, pela literatura e historiografia sul-rio-grandenses, como o herói primordial, representante de

qualificativos que podem ser traduzidos em valores de bravura, honestidade e lealdade.

Tais condições históricas mostram como tanto a história da língua portuguesa como a do espanhol se entrecruzam, se aproximam e se dão em condições similares: línguas que entram em contato num estado de diversidade [...]. é desse modo que ambas as línguas se tornam aproximadas, uma vez que compartilham espaços e histórias entrelaçadas [...] (STURZA; FERNANDES, 2009, p. 214).

Essa breve retrospectiva histórica foi necessária para podermos estabelecer a relação entre a formação sócio-histórica do sujeito gaúcho e a constituição da linguagem por ele falada.

1.2. A língua e o espaço regional

A contribuição espanhola atuou diretamente sobre a formação da linguagem gauchesca e, como já afirmamos, está relacionada com a construção sócio-histórica do Estado. Essa presença e circulação da língua espanhola no Rio Grande do Sul são possíveis de serem apontadas desde os discursos produzidos pela historiografia, como foi exposto no capítulo anterior. O contato entre falantes das línguas castelhana e portuguesa na América acontece desde os inícios da colonização/conquista. E, mais precisamente, entre brasileiros e hispano-americanos há relações e interação desde o surgimento das nossas nações (FANJUL, 2002, p. 23).

A proximidade com os países de colonização espanhola fez surgir uma mistura de termos castelhanos e portugueses na linguagem cotidiana dos habitantes das regiões localizadas próximo à fronteira do Rio Grande do Sul com os países da região do Prata. Essa mistura de termos espanhóis e portugueses surgiu das necessidades da vida diária para a comunicação entre os dois lados da fronteira, visto que ambos precisavam manter contatos socioculturais e, sobretudo, comerciais, uns com os outros. Com este contato diário, a região do pampa gaúcho passou a configurar-se como um espaço constante de circulação dos habitantes desta província, e como consequência, da língua por eles praticada, tornando-se fundamental para o desenvolvimento da linguagem do gaúcho brasileiro. Sturza (2006), mostra que até a década de 1950 o espanhol tinha presença muito maior

nos hábitos linguísticos das populações brasileiras de fronteira, sobretudo em virtude de uma integração vial mais intensa com Buenos Aires do que com as principais cidades brasileiras.

No lado brasileiro da fronteira, o espanhol teve sua presença mais marcante no Rio Grande do Sul, durante o século XIX, provavelmente porque havia nesta época um fluxo comercial mais contínuo entre as populações da fronteira, que era determinado pelo tipo de economia agropecuária, baseada na produção do charque. Também existia uma tendência de valorização do regional e da cultura gauchesca por parte dos intelectuais sul-rio-grandenses, que os fazia incorporar influências castelhanas, de modo especial, na produção literária. No entanto, as influências do espanhol sobre as expressões culturais do Rio Grande do Sul, principalmente na constituição de um linguajar do gaúcho, foi objeto de muito debate por parte da intelectualidade gaúcha, como Guilhermino César, Dante Laytano, Moisés Velinho, Manoelito de Ornellas, entre outros. (STURZA, 2006a, p. 50).

A sociedade sul-rio-grandense nos primeiros tempos de ocupação e colonização se construiu a partir dessas influências. Este contexto contribuiu para a constituição de uma linguagem na qual entre gestos, versos, ditos, há a presença de palavras e expressões do espanhol, em especial, vindas do Prata. Este modo de se expressar também se constitui como resultado do estilo de vida dessa época, em que portugueses e espanhóis circulavam e se expunham às batalhas, à defesa do território, à ocupação das zonas de fronteira. Era esse homem gaúcho que vivia nas fronteiras brasileiras com os países platinos, interagindo e trocando vivências e experiências que trouxe para a língua uma riqueza de palavras e expressões que marca uma das variedades regionais do português no Rio Grande do Sul.

Como o espaço de circulação desse homem simples, mais campesino e rural, já que por possuir excelentes pastagens, as planícies da região da campanha serviam para a criação de gado, o pampa tanto da região gaúcha como da região fronteira, finda uma linguagem originada da contínua troca de termos e expressões nessas regiões demarcadas por fronteiras geográficas com características muito semelhantes entre si.

“A estância representou um vigoroso epicentro na formação da História Social do Rio Grande do Sul, fabricante de riqueza, lugar de resistência armada, célula de preparação revolucionária, selecionadora da espécie em pecuária, árvore genealógica imensa e frondosa até ser comércio artesanal nas origens da economia. O falar também se abrigou de forma típica na estância”. (MACHADO, 1966, p. 21).

Do convívio e da relação humana existente entre os diferentes povos dos dois lados da fronteira, foram sendo adicionadas à linguagem do gaúcho brasileiro diversas palavras e expressões do espanhol platino, como por exemplo, “chê”, “chimarron”, “encilhar”, “hoigatê” (JAQUES, 1979, p. 32). Vários elementos de natureza social, econômica e política, não só contribuíram para o surgimento e a formação da linguagem gauchesca, bem como ajudaram a constituir a base inicial do tipo étnico que passaria a habitar o Rio Grande. Correa aponta:

O Rio Grande, desde o seu povoamento, visitado pelos espanhóis e seus descendentes das margens do Uruguai, em contínuo contato e identificado com estes pela comunidade da indústria principal, dos costumes, usos, e índole cavalheiresca e ativa; obrigado pela necessidade, e, muitas vezes por imitação, foi pouco a pouco se apossando de seus termos e expressões [...] (CORREA 1897 apud LAYTANO, 1981, p. 49).

O Brasil não tem um percurso de investigações acadêmicas a respeito do conhecimento produzido sobre o contato entre as línguas portuguesa e espanhola e do modo como se relacionam da mesma forma como este histórico se desenvolveu no Uruguai por exemplo. Entre os autores que começaram a estudar e a investigar as influências desse contato na linguagem gauchesca podemos encontrar Dante de Laytano (1981, p. 122), que assinala três elementos formadores dessa linguagem: “a língua portuguesa do século XVIII, a língua guarany das Missões e a língua castelhana” como fatores que demonstram a existência da influência platina em território gaúcho. Assim, o espanhol platino, principal fonte de termos passados à linguagem gauchesca, caracteriza-se por ser uma variante da língua espanhola, falado na região do Rio da Prata, na divisa do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina, ou seja, diferencia-se por ser uma modalidade linguística diferente do espanhol falado em outros estados nacionais latino-americanos.

Autores de vocabulários gaúchos registram na linguagem gauchesca a abundante presença de palavras e frases espanholas ou rio-platenses. Muitas dessas frases e palavras originárias do espanhol ou do castelhano rio-platense foram sendo modificadas e adaptadas ao português falado no Rio Grande do Sul.

Segundo Sturza (2006), com o fim da Revolução Farroupilha na metade do século XIX, o cenário intelectual é efervescente, com publicações de trabalhos em diversas áreas. Nesta época, começam a surgir estudos sobre o vocabulário sul-rio-grandense com o objetivo de registrar o léxico do falar do gaúcho. O primeiro

vocabulário surge com Antônio Álvares Pereira Coruja em 1852, chamado **Coleção de Vocábulo e Frases Usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**, com expressões e vocábulos usados pelos gaúchos. Após a publicação deste vocabulário, mais três autores viriam a contribuir com os estudos sobre a variedade linguística da linguagem gauchesca: J. Romaguera Corrêa -1898, Roque Callage - 1926 e Luiz Carlos de Moraes -1935.

Esses vocabulários nascem com a preocupação de registrar aspectos dessa linguagem. Em 1964, todos esses vocabulários são agrupados por Walter Spalding em um único volume. De acordo com Sturza (2006), “a reunião dos vocabulários sul-rio-grandense é do ponto de vista da produção intelectual um marco para a História das Ideias Linguísticas, sobretudo por sua importância no registro da lexicografia do vocabulário gaúcho”. A partir da reunião destes estudos, tem início uma diversidade de pesquisas linguísticas sobre a linguagem e o modo de falar gaúcho, o que a autora denomina de “Discurso Fundador do Linguajar Gaúcho”.

Segundo a autora, esses estudos têm por objetivo afirmar o regionalismo como espaço de pesquisa e reflexão, sendo a **Coletânea de Vocabulários Sul-Rio-Grandense**, de Antônio Coruja uma obra de fundamental importância para esses estudos, na medida em que contribui para o que Sturza (Ibid.) chama de “instauração de uma discursividade sobre o português gaúcho”.

Considerado como uma referência no que diz respeito aos estudos regionalistas, **O Vocabulário Sul-Rio-Grandense** publicado por Walter Spalding em 1964 possui, assim como os demais vocabulários, uma preocupação em registrar os aspectos da linguagem gauchesca. Através desses estudos, conforme Sturza (Ibid.) origina-se um discurso sobre a língua, que busca, através das influências linguísticas da linguagem gauchesca, caracterizar uma identidade e uma forma de expressar-se que identifica a cultura do Rio Grande do Sul e que constitui um discurso específico que assinala o tipo social do homem gaúcho e a linguagem por ele utilizada, tornando-se um símbolo identitário de toda uma região.

Evidenciamos que tanto o português quanto o espanhol encontram-se na condição de línguas em contato na Península Ibérica e na América do Sul, o que contribui para empréstimos vocabulares, principalmente em áreas de fronteira e em suas proximidades.

Podemos dizer, portanto, que a língua espanhola significou o suficiente para deixar sua marca indelével no campo da linguagem. Marca esta advinda do contato

linguístico entre os povos habitantes destas regiões, pois conforme já afirmado, através das relações que os povos mantinham entre si, com a troca de seus produtos, com a atividade econômica exercida e com o contato entre as duas culturas, acabavam mesclando os seus vocábulos, fazendo com que uma língua interferisse na outra.

Ainda sobre a influência do espanhol na formação da linguagem gauchesca, Laytano (1981, p. 138) afirma que essa foi causada “não só por motivos históricos, mas também pelo entrelaçamento linguístico na região da fronteira e no frequente convívio com aqueles povos irmãos”.

Percebemos então, que a língua espanhola e a língua portuguesa sempre estiveram muito próximas, desde a época de sua formação, e o contato estabelecido entre as duas línguas possibilitou a constituição de uma linguagem gauchesca no Rio Grande do Sul, praticada por sujeitos identificados com este modo de vida, tal como representa um desses vários tipos sociais gaúchos, que é o Tapejara.

A intensidade e a peculiaridade desse contato contribuíram para definir e diferenciar a linguagem gauchesca em relação à língua portuguesa falada nas demais regiões do Brasil. Esse alto grau de diversidade e de variabilidade se deve principalmente às diferenças estabelecidas de uma região para outra. Com isso, a linguagem gauchesca constitui-se como sendo uma das muitas variedades do português brasileiro, marcando a identidade linguística do povo gaúcho, seja pelo léxico, pela fonologia ou pelas características morfossintáticas.

A presença da língua espanhola no Brasil está caracterizada pelo seu modo de distribuição no território brasileiro. Porém, para Machado (1966, p.21) “essa contribuição restringe-se à linguagem e a faixa fronteira, não se refletindo no centro nem no litoral, que formam a maior extensão territorial do Estado”.

Como resultado dessa sociedade que se formou do contato entre os povos provenientes de ambos os lados da faixa fronteira, a prática linguística também revela e faz significar ideologias sobre o sujeito gaúcho. Essas expressões linguísticas próprias do homem do campo vão resultar, inclusive, na produção de um discurso sobre a língua, pautado na variedade linguística do português gaúcho, diferenciadora desse grupo social e, sobretudo, caracterizada pelo tom regional a ela agregada.

Desta maneira, o modo de falar do gaúcho brasileiro, foi diferenciando-se dos demais, por traços fonéticos peculiares e por uma extensa variedade lexical,

geralmente associada ao contexto campesino, identificando, assim, como já se mencionou, uma variedade sul-rio-grandense da língua portuguesa. A linguagem gauchesca caracteriza-se então, por termos e expressões que reproduzem principalmente a linguagem campeira, cujas peculiaridades linguísticas estão muito aproximadas à língua dos outros gaúchos – os da região do Rio da Prata e, portanto, influenciada também pelo espanhol.

Face ao exposto, a linguagem gauchesca não se restringe a uma variedade linguística que tem por natureza constitutiva a influência do espanhol, mas também porque se significa na linguagem de uma cultura, de um modo de ser e viver, de uma produção cultural com gêneros e estilos próprios.

2. “SER GAÚCHO”: PROCESSO IDENTITÁRIO E EFEITOS DE SENTIDO

“Nenhum ente, porém, inspira mais energicamente a alma pampa que o homem, o gaúcho. De cada ser que povoa o deserto, toma ele o melhor; tem a velocidade da ema ou da corça; os brios do corcel e a veemência do touro. O coração, fê-lo a natureza franco e descortinado como a vasta coxilha; a paisagem que o agita lembra os ímpetos do furacão; o mesmo bramido, a mesma pujança. A esse turbilhão do sentimento era indispensável uma amplitude de coração, imensa como a savana. Tal é o pampa”.
(José de Alencar)

2.1. A constituição da identidade regional à sombra de um personagem: representação do gaúcho enquanto tipo social

A configuração do tipo social gaúcho no Rio Grande do Sul, conforme estabelecido no capítulo anterior, foi permeada por condições sócio-históricas e culturais em meio às implicações políticas e sociológicas dos conflitos e guerras de fronteira. Historicamente é possível reconhecer variadas hipóteses sobre a origem da designação “gaúcho”, dentre as quais nos deteremos naquelas em que se estabelecem as relações entre o habitante do pampa e a época da colonização.

O tipo social do gaúcho sul-rio-grandense originou-se, de acordo com Ornellas (1999), da miscigenação de nativos, portugueses e espanhóis, resultando como o tipo social de uma região que não se restringe apenas ao território brasileiro. O gaúcho é também considerado como o típico homem do pampa argentino e uruguaio, estabelecendo dessa maneira, um Rio Grande meio português meio espanhol. A construção simbólica da figura do gaúcho espelha a adaptação do termo relativo a um dos tipos humanos que habitavam a região, ocorrendo em razão do processo de busca de afirmação dos espaços platinos que originaram, no século XIX, as regiões do Uruguai, da Argentina e do Rio Grande do Sul na região mais meridional do Brasil. Nesses espaços reconfigurados, o gaúcho é escolhido como herói fundador para simbolizar, como emblema, a saga da domesticação do território através da exaltação da bravura de sua dupla atuação como homem do campo e guerreiro. Na Argentina e no Uruguai, o gaúcho passa a ser considerado símbolo nacional, ao passo que no Rio Grande do Sul é erigido como emblema do regionalismo (BRUM, 2006, p. 41).

Do ponto de vista etimológico, a palavra “gaúcho” no vocabulário da língua portuguesa apresenta variadas possibilidades de origem, o que, por sua vez permite várias interpretações, produzindo efeitos de sentido quando enunciada.

Conforme a acepção atribuída por Nunes em seu dicionário,

[...] o termo *gaúcho*, vindo do árabe *gaúch*, designa “o habitante do Rio Grande do Sul. Morador do interior do Rio Grande, dedicado à vida pastoril e às lidas campeiras. Habitante da Argentina e do Uruguai com costumes assemelhados aos dos rio-grandenses. Também era, primitivamente, chamado de changador, gaudério, desregrado, vagabundo. (NUNES, 1996, p. 211).

Provavelmente, conforme Sturza (2006, p. 113), “a palavra gaúcho foi introduzida no português falado no Rio Grande do Sul no final do século XVIII, para definir um tipo social que era comum à região do Prata e que foi se deslocando para o estado brasileiro ocupando as regiões do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai”.

Petri aponta que a designação “gaúcho”

[...] vem de um outro lugar, instaura-se ao sul da América, recupera sentidos, transforma-se e passa a significar de diferentes formas através dos tempos, conforme reinvenção imaginária, mas na maioria das vezes nos remete às relações entre o homem e às coisas da terra, caracterizando de forma mais genérica o gaúcho como um ser essencialmente telúrico. Assim, com o passar do tempo, o funcionamento da designação gaúcho ganha outros espaços, abrangendo outros setores (mais urbanizados) da sociedade organizada que antes procurava ignorar ou se opor à sua existência, enquanto representativa do grupo social do Rio Grande do Sul. Essa designação advém da região do pampa (uruguaio e argentino) e vai avançando às fronteiras do Rio Grande do Sul, levando o restante do Brasil a reconhecer essa designação como sinônimo de *rio-grandense-do-sul* ou *rio-grandense*. Estabelece-se, então, uma generalização que silencia o caráter pejorativo que tal denominação produziu até meados do século XIX. É a força representativa do grupo de “gaúchos pampeanos” que acabou emprestando seu nome aos habitantes do Rio Grande do Sul, a partir do início do século XX, seja ele do meio rural ou urbano [...] (PETRI, 2008, p. 230-231).

A identificação do gaúcho como uma figura simbólica se configura numa espécie de garantia para a afirmação e o desenvolvimento do Rio Grande do Sul (BRUM, 2006, p. 51). A relação do passado com o presente através da ressemantização da palavra “gaúcho” ao longo dos anos, tem seu fio condutor na permanência do tipo humano campesino nas regiões do Prata e na conservação de alguns de seus hábitos tradicionais.

O *gaucho* depois passou à forma atual *gaúcho*, sendo, no princípio, uma designação que nos remete a um “preador” de gado xucro e ladrão de estâncias; o que se transformou, na atualidade, numa designação que nos remete ao homem que está intimamente ligado às coisas da terra, enfim, à atividade da pecuária (PETRI, op. cit., p. 126).

No entanto, para Golin (2004), o gaúcho integra um povo forte e ordeiro, associado a uma identidade regional, por isso refere a um tipo social de uma região geográfica muito particular. As relações estabelecidas entre os grupos sociais dessas áreas geograficamente contíguas, durante o processo de formação do Estado gaúcho contribuíram, de acordo com Nunes (1996), para a configuração desse tipo social representativo do Rio Grande do Sul, desenvolvendo um sentimento profundo de liberdade individual como consequência do que era a vida do homem nômade, originalmente um rebelde e, muitas vezes foragido da lei, mas com uma inegável expressão de valor e coragem.

Tais elementos presentes na formação social do Rio Grande do Sul diferem daqueles que originaram a dos outros estados do país. Para Cesar (1980), a extração de couros e a salga da carne implantaram dessa forma, no estuário platino, um gênero de trabalho e um estilo social que vão condicionar o aparecimento dos gaudérios, gente nômade e aventureira, que, nos moldes da vida rústica, da pilhagem e do contrabando, funde o gaúcho platino, do qual o nosso herdou alguns traços.

O gaúcho sul-rio-grandense constituiu-se como um homem resistente na adversidade, alegre, leal, um cavaleiro que preza acima de tudo a liberdade adquirida nas vastas planícies das regiões campeiras. Ornellas (1999) ressalta que o gaúcho apareceu em condições sociais determinadas pela ausência de um conceito inerente à vida civil, o de propriedade. Criado na liberdade absoluta da natureza, não concebia ele a propriedade de outra forma senão como um atentado a seu domínio e direito.

A figura do gaúcho associada a essa imagem de força, destreza e liberdade foi criada no campo, cenário das suas batalhas e lidas pastoris. De acordo com Vellinho, esta figura

[...] alimentada e enriquecida pela lenda, ia projetar-se no tempo e ganhar espaço, já agora liberta de seus caracteres primitivos, e acabaria como por uma espécie de mimetismo sociológico, absorvendo na sua estrutura moral todos os rio-grandenses identificados com a terra não só por filiação

histórica, mas ainda por aculturação ou adesão afetiva. (VELLINHO, 1962, p. 118).

Conforme expõe Petri

Os habitantes da então Província do Rio Grande do Sul do século XIX, reconhecidos dentro e fora do estado, eram denominados “continentinos” ou “rio-grandenses”, numa forma de exclusão dos grupos marginalizados constituídos por gaúchos, negros, índios, etc. O processo de instauração da designação “gaúcho”, como representativa de todos os habitantes do Rio Grande do Sul, data do início do século XX, quando ocorre uma resignificação do imaginário “sobre o gaúcho” (PETRI, 2008, p. 129).

A partir do final do século XIX, após esse processo de resignificação, é que a palavra “*gaúcho*” passou a designar gentilmente os nascidos no Rio Grande do Sul, bem como os naturais do interior do Uruguai e de parte da Argentina. Esta designação é por sua vez marcada pela instauração de uma diferença, tal como “ser gaúcho antes de ser brasileiro”, contribuindo para a instituição da identidade do sujeito gaúcho que não só surgia nesse cenário, deixando de caracterizar um pequeno grupo social, mas passando a designar todo habitante dessa região. Desde então, a palavra “gaúcho” vai aparecer nos dicionários como sinônimo de sul-rio-grandense, reconhecendo-se, de acordo com Petri (Ibid.), “uma generalização que elimina definitivamente o caráter pejorativo que tal denominação produziu até meados do século XIX”.

A tradição e a historiografia regional tendem a representar seu habitante através de um único tipo social: o gaúcho, o cavaleiro e o peão de estância da região sudoeste do estado do Rio Grande do Sul. Embora brasileiro, ele seria muito distinto de outros tipos sociais do país, guardando às vezes mais proximidade com seu homônimo da Argentina e do Uruguai. Na construção social da identidade do gaúcho brasileiro há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura, cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc. (OLIVEN, 2006, p. 66).

Dessa maneira, a imagem construída historicamente do gaúcho influi diretamente na representação de sua identidade. Entretanto, a construção da identidade como expressão de uma cultura e de um modo de vida surge, conforme afirma Golin (1983), como reflexo de um perfil marcado pelo tradicionalismo gauchesco enquanto expressão de uma distinção cultural. De tal modo, observamos

que a identidade regional passa a constituir um meio de diferenciação, uma adoção de valores que representa o sujeito gaúcho enquanto pertencente a um grupo social específico.

A identidade rio-grandense provém de uma construção histórica que se deu a partir de grupos constituídos localmente ao longo da história, tendo sido produto desde o convívio dos ibéricos de Castela e Portugal, depois africanos, tropeiros, indígenas até a vinda dos imigrantes, sobretudo, alemães e italianos. A diversidade de culturas presente na formação social do Rio Grande do Sul contribuiu para a composição de uma identidade representada, entre outros aspectos, nas expressões linguísticas usadas pelo sujeito gaúcho.

Para este trabalho se fez necessário, portanto, retomar numa perspectiva histórica as abordagens sobre a formação social do estado a fim de verificar como a participação de várias etnias colaborou na constituição de uma prática linguística que compõe uma linguagem gauchesca. Assim, lembramos que a identidade de um povo envolve inúmeros elementos e que não está apenas vinculada a um recorte territorial, mas resgata características de várias etnias e culturas que a ele se agregaram no decorrer da história.

Brignol (2010) defende que a partir da construção social da identidade desse gaúcho cristalizado, que anda a cavalo, usa bombacha e toma chimarrão, foram resgatadas e inventadas tradições que passaram a integrar a cultura regional.

Por tradição inventada entende-se, de acordo com Hobsbawm (1997, p. 09), como sendo “um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”. “São reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória” (Ibid. p. 10).

Masina (2004, p. 95) afirma que a tradição reiterada, saudosista, reacionária e heróica convive com o sofrimento pela indefinição da origem. Condição essencial do ser fronteiriço, decorrente de sua natureza transitória. Essa tradição é reproduzida e dada voz no imaginário regional, nas representações do regional.

Portanto, seja o gaúcho considerado um símbolo nacional, configurado como um tipo social representativo do Rio Grande do Sul que reconhece na língua a

construção da sua identidade ou simplesmente pela instauração de um imaginário sobre o gaúcho, reiteramos que muito de sua constituição é esclarecida sempre a partir desse tipo gentílico que futuramente terá suas características e costumes escolhidos e retomados para a instauração de tradições históricas reafirmadas pelo modo gaúcho de dizer língua e nação. Tradições estas muitas vezes inventadas para a manutenção desse símbolo ou o que a ele se remete.

2.2. A língua como elemento instaurador e representativo da cultura e do povo gaúcho

“De todas as culturas regionais do Brasil, tenho a impressão que a gaúcha é a que apresenta maior identidade de princípios, uma normalidade geral dentro do bom, uma consciência de cultura, uma igualdade psicológica que a torna fortemente unida e louvável”.
Mário de Andrade

Para abordar a constituição da identidade gaúcha, consideramos a relação entre língua e sujeito no espaço enunciativo da linguagem gauchesca, de modo a evidenciar a formação de um discurso em torno desse “ser gaúcho”, significado pela língua que pratica.

A língua é um símbolo de identidade que nos permite reconhecer-nos como naturais de uma cidade, de uma região, de um país e, ao mesmo tempo, identificar a quem não o é. Considera-se essa construção como um processo discursivo que significa o sujeito gaúcho pela língua e com isso sua vinculação com uma identidade regional. Nos modos de significar essa relação língua e sujeito explicitam-se processos identitários em constituição.

No caso do Rio Grande do Sul, a “coisa” regional decorreu, principalmente, de um desejo oculto de pertencimento a uma identidade brasileira diversa por sua origem fronteiriça e culturalmente híbrida. A ambivalência do movimento de absorção de imaginários estrangeiros, combinando traços da cultura portuguesa, acentuados pelo contato permanente com os platinos, volta-se para a construção de uma identidade própria que busca, no entanto, integrar-se ao resto do país (CAMANI, STURZA, 2010, p. 57).

A língua constitui-se como um ponto crucial para construção de identidades segundo o modo como a língua funciona na enunciação desse sujeito gaúcho. A identidade linguística passa, então, a ser delineada a partir de determinados grupos culturais ou sociais estabelecidos histórico-socialmente, nesse caso, a partir da presença portuguesa e espanhola desde os períodos do descobrimento, conquista e

colonização latino-americana, foram sendo construídos traços que significam a língua hoje falada pelos gaúchos. A partir disso, a diversidade de culturas presente na formação social do Rio Grande do Sul contribuiu para a composição de uma identidade cujos traços característicos têm representatividade no dizer dos sujeitos que vivem neste contexto sul-rio-grandense.

Desse modo, tomamos a língua não como um instrumento para a comunicação, mas como constitutiva de sentidos dessa identidade regional, na medida em que o sujeito ou grupo social se distribui politicamente pela língua. Os falantes atuam como figuras políticas “divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer” (GUIMARÃES, 2002, p. 18), sendo assim, espaços políticos.

Seus valores e suas crenças culturais estão significados de diferentes maneiras toda vez que o sujeito faz funcionar a língua que pratica. Assim, trabalharemos com a noção de identidade enquanto constituição de um tipo social que vai ser significado também pela língua.

Para entender melhor o que estamos tomando como noção de identidade, consideramos seus sentidos:

É comum a acepção de identidade⁶ como a do conjunto de atributos inerentes ao indivíduo ou ao sujeito jurídico, aquilo que o torna distinto do outro e lhe assegura um lugar reconhecido no mundo e na sociedade. (BISINOTO, 2006, p. 74).

As identidades modernas não podem ser definidas como únicas, mas como pertencimento a certas posições históricas, raciais, étnicas, linguísticas, ou seja, diversas e plurais, gerando a tensão entre identidades globais e locais.

Para Oliven (2006, p. 34), “as identidades são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção”. Ainda, para o autor, “as primeiras vivências e socializações culturais são cruciais para a construção das identidades sociais, sejam elas étnicas, religiosas, regionais ou nacionais”. Quando se fala em construção de identidades, quando se analisa esse processo, deve-se compreender que a linguagem característica de cada região entra na discussão automaticamente. As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria.

⁶ Conforme BISINOTO (2006), a identidade é construída na sociedade.

Partindo então do pressuposto de que a língua constitui-se como um elo de identificação de um determinado grupo perante outros, trabalharemos neste estudo apenas com a ideia de identidade relacionada com a linguagem, como constitutiva na e pela língua; possibilidades de sentidos, de produção de sentidos. Nessa perspectiva, propomos refletir sobre a relação sócio-histórica estabelecida entre língua e sujeito num espaço enunciativo próprio que constitui por sua vez discursos na e sobre a língua, bem como evidencia a língua como instauradora e representativa da cultura que a ela está relacionada, tal como evidenciamos nas tiras analisadas, que, como lugar de representação desse gaúcho, constituem um discurso sobre o gaúcho enquanto sujeito social, funcionando como um sistema de representação que reforça uma identidade regional, na medida em que se significa e se materializa, tanto na composição, como no discurso apresentado nas tiras.

Nesse caso, as tiras funcionam como um sistema de representação que explicitam valores, ditos, expressões, vocábulos que reforçam uma identidade regional sem se distanciar do universal. Enquanto discurso, as tiras dão destaque ao regional sem supervalorizar o tradicionalismo, mas possibilitando recuperar pela língua os traços que identificam os gaúchos, fazendo a inserção de expressões que facilmente reconhecemos e que os fazem serem reconhecidos como gaúchos, entre elas: *capaz, bueno, te habilita, hola, etc.* Muitas das palavras e expressões que referem a um modo de falar particular e que se identifica como sendo do “gaúcho”, circulam em outros textos, letras de músicas, causos, trovas, poesia e que do mesmo modo fazem parte da constituição de um discurso regional e/ou sobre o gaúcho. São essas palavras e expressões que contribuem para “desenhar” o personagem Tapejara, dando-lhe um lugar como representação ao remeter a um modo de vida, a uma identidade, a uma regionalidade. E constituem então o que estamos denominando como “linguagem gauchesca”.

“Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o capitão Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólma militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. Apeou na frente da venda do Nicolau, amarrou o alazão no tronco dum cinamomo, entrou arrastando as esporas,

batendo na coxa direita com o rebenque, e foi logo gritando, assim com ar de velho conhecido: – Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho! – Pois dê”. (O Continente, 1995).

Extraída da obra *O Tempo e o Vento* escrita por Érico Veríssimo, a citação acima ilustra a construção de imagem do homem gaúcho forte, bravo, destemido, na figura do personagem principal: capitão Rodrigo Cambará. Este gaúcho, descrito como valente e imponente, surge para passar essa ideia do homem gaúcho, tal como o personagem Tapejara representa, um tipo social resgatado nas suas origens, um tipo de gaúcho que tem como característica ser do campo, ser singelo, rústico, valente. Ao apresentar a figura típica do gaúcho encarnada pelo capitão Rodrigo, podemos perceber que a linguagem utilizada pelo Tapejara na tira representada abaixo remete ao processo de formação do Estado do Rio Grande do Sul, pois ao utilizar as mesmas expressões do capitão Rodrigo, o personagem Tapejara rememora a história passada, revivida no funcionamento da memória pela língua.



Figura 1: (Fonte: Tapejara: o último guasca, p. 24)

Ambos os personagens apresentam uma identificação ao referirem-se à construção de dois tipos regionais. A imagem do personagem Tapejara instaura-se como representante do tipo autêntico do gaúcho, sempre identificado pela sua relação de amor com as coisas da terra do Rio Grande do Sul. Imaginário que se vê resgatado em nosso passado, mantendo-o frente a nosso olhar contemporâneo, de bota, bombacha, de espírito guerreiro e amante da liberdade.

A frase (Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!) dita pelo Capitão Rodrigo Cambará no bolicho de Juvenal Terra, na mítica Vila de Santa Fé, tornou-se uma espécie de símbolo referencial da cultura do Rio Grande do Sul. Aqui se estabelece um olhar que se volta ao passado para

revivê-lo. Um momento histórico recuperado pelo discurso literário carregado de significações e que faz com que a memória atualize a história pelo funcionamento do interdiscurso. O discurso sobre o Rio Grande do sul, diferentemente do historiográfico, funciona pela recuperação de um já-dito, de uma memória. Na terceira cena enunciativa, a imagem de um canhão aliada à frase “e nos mala eu dou de bala”, trás para a tira a recuperação de uma memória que refere ao período das conquistas, às batalhas, à defesa do território, à ocupação das zonas de fronteira.

Nesse sentido, o personagem Tapejara da tira criada pelo cartunista Paulo Louzada tem esse efeito de, a partir de uma memória, acionar constantemente nosso passado histórico, os costumes, as vestimentas, os traços de comportamento e as expressões de uma linguagem que caracteriza esse gaúcho. O Capitão Rodrigo é, então, rememorado nas tiras de Louzada por meio de seu personagem. Esse mecanismo reafirma a relação do personagem com o espaço regional onde essa tira faz sucesso, pois nela reconhecemos um modo de ser, nem sempre nosso, mas de alguém que conhecemos, vimos, convivemos e/ou reconhecemos.

A memória funciona com versões enunciativas, imagens do dizer [...] a memória inscreve o discurso em filiações e o sentido que as representa está sempre sujeito a deslocamento (ORLANDI, 1996b, p. 132). Segundo a autora (1996a, p. 39), o interdiscurso é o que “fornece a cada sujeito ‘a sua realidade’ enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas, experimentadas”, sendo que de posse desses “saberes” (advindos do interdiscurso) o sujeito pode inscrever-se no domínio de uma determinada Formação Discursiva, assumindo uma posição-sujeito bem determinada, onde o seu discurso produza determinados efeitos de sentido e não outros. Assim, o funcionamento de uma memória pela língua constrói sentido ao ser acionada pelo senso comum.

Para Guimarães (1996, p. 27), “enunciação é o lugar de funcionamento da língua movimentada pelo interdiscurso, pela memória do dizer. A língua aparece, assim, como exposta ao interdiscurso, isto é, a língua está exposta a uma memória dizível”.

Um aspecto importante a considerar, segundo o mesmo autor (2011, p. 27), é que “os enunciados de um texto se reportam sempre a enunciados de outras enunciações anteriores, de outros textos. Há no acontecimento do texto sempre o dizer de outros”. Nesta medida, um texto fala sempre de outros textos, ou de

elementos de outros textos, como ocorre com a tira anteriormente citada, em que há a incorporação e modificação de um dizer produzido no passado e que constitui novos sentidos para este enunciado.

Assim,

um acontecimento enunciativo cruza enunciados de discursos diferentes em um texto. A enunciação, então, se dá como o lugar de posições de sujeito que são os liames do acontecimento com a interdiscursividade. Deste modo aquilo que se significa, os efeitos de sentido, são efeitos do interdiscurso no acontecimento (Id. 2010, p. 68).

Nesse trabalho de assimilação e transformação de um texto em outro texto, trazemos o conceito de intertexto ao nos apropriarmos de um texto já elaborado para (re) dimensionar outro texto. Observa-se que a intertextualidade é o uso de textos já existentes; é o meio real da construção do texto. A intertextualidade nesse texto ocorre ao relacionarmos o enunciado proferido pelo personagem Tapejara à história narrada na obra de Érico Veríssimo. A intertextualidade nesse caso pode ser entendida como uma estratégia discursiva que permite trazer outros discursos para o próprio discurso.

Esta relação de interdiscursividade mobiliza, inescapavelmente, a relação entre textos diferentes, ou seja, mobiliza a intertextualidade. Esta relação é aquela que nos dá o lugar da historicidade específica da enunciação, ou seja, a enunciação em um texto se relaciona com a enunciação de outros textos efetivamente realizados, alterando-os, repetindo-os, omitindo-os, interpretando-os. Assim, pela interdiscursividade e sua necessária intertextualidade, o sentido não é formal, mas tem uma materialidade, tem uma historicidade (ORLANDI, 2012, p. 68).

Cabe aqui buscar a noção de interdiscursividade, pois é a partir dela que se analisam as relações de um discurso, considerando outros que lhes são recorrentes. O interdiscurso significa os saberes constituídos na memória do dizer; são sentidos que foram se construindo historicamente a partir da constelação das relações de poder, que podem ser assumidos ou não pelo sujeito, a depender das posições discursivas que este poderá ou não ocupar em função do funcionamento da ideologia. Desse modo, os textos se remetem a textos anteriores e antecipam textos posteriores, ou seja, transformam textos anteriores e reestruturam as convenções existentes a fim de originar novos textos. A interdiscursividade sustenta assim o “diálogo” da tira com outros textos/discursos. Esta relação é deflagrada na medida em que o autor produz a tira buscando elementos nesses outros textos/discursos, ao mesmo tempo em que procura prever o posicionamento do público leitor.

No entanto, interdiscurso não deve ser confundido com intertexto. Interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas façam sentido. O interdiscurso utiliza parte da intertextualidade devido à interação entre textos diferentes. E por esse motivo torna-se necessária a utilização da intertextualidade em seus discursos.

Um discurso nunca é novo, o mesmo é transformado por diferentes indivíduos em diferentes situações, mas retoma o que já foi dito. Não há um começo absoluto nem ponto final para o discurso. Para que ocorra o interdiscurso é necessário que algo já tenha sido dito por um sujeito determinado e que esse tenha conhecimento de mundo retomando que esse conhecimento seja a memória discursiva que é o interdiscurso.

2.3. Memória discursiva e memória da língua

Referimo-nos aqui à memória como um sistema de representações coletivas formadas no imaginário popular e que constroem sentidos ao serem acionadas pelo senso comum. Esse funcionamento da memória é acionado tanto na língua como na própria memória. Essa memória, quando resgatada, tal como mencionamos, se dá por meio de uma figura que representa um tipo sul-rio-grandense.

Esta mobilização de conceitos nos exige a passagem para o terreno da Análise de Discurso de linha francesa para que possamos fazer uma melhor definição de tais conceitos.

Em seu texto intitulado *O papel da memória*, em linhas gerais, Michel Pêcheux (1999) explica como se dá o funcionamento da memória e como ela pode ser entendida. Afirma que

[...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plana, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos (p. 56).

A memória é, por este viés, algo que está em constante movimento, em constante reestruturação; é um espaço de constante (re) arranjo, determinado pelo

seu funcionamento, que nunca cessa. Ela está, nessa perspectiva, sempre se constituindo e se (re) definindo. O conteúdo que nela habita, se não pode ser tomado enquanto sentido homogêneo, pode ser concebido como portador de um sentido heterogêneo, ou seja, que se constitui e se significa pela diversidade, pela transformação, pela mistura. Orlandi em seu livro *Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos* (2012), na linha de pensamento de Pêcheux, diz que,

[...] a memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (p. 31).

Desse modo, buscamos trabalhar com a língua como “lugar de memória”, onde os traços de memória na língua funcionam em processos de identificação na relação sujeito/língua. Logo, a memória inscreve-se nos discursos, nos enunciados, constituindo-os. Os traços da memória são materializados na língua, configurando a língua como “lugar de memória”, como lugar significativo de reconhecimento da memória. As tiras, por vezes, remontam a elementos da história gaúcha, tal como a tira representada pela figura 1 (p. 49), que remete ao Capitão Rodrigo, personagem da obra *O Tempo e o Vento* escrita por Érico Veríssimo. Na língua, tudo significa e tudo é memória, mesmo que essa memória seja marcada pelo esquecimento (ORLANDI, 2012).

O acontecimento de linguagem [...] é um acontecimento que temporaliza: uma temporalidade em que o passado não é um antes mas um memorável recortado pelo próprio acontecimento que tem também o futuro como uma latência do futuro. O sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturada pelo esquecimento, que faz a língua funcionar. Falar é estar nesta memória, portanto não é estar no tempo (dimensão empírica). [...] O passado no acontecimento é uma rememoração de enunciações por ele recortada, fragmentos do passado por ele representados como seu passado. (GUIMARÃES, 2002, p. 14-15).

Os sentidos e as interpretações que se encontram na oralidade (representada na escrita) são susceptíveis de manifestar um outro lugar de discurso, no caso o do sujeito representado pelo personagem Tapejara que fala de um lugar determinado.

Assim, a memória oral, conforme definição de Payer (1999), surge como uma prática discursiva, isto é, como o discurso em funcionamento na oralidade.

Orlandi (2012), concebe o dizer como a ação de lembrar discursos. Tudo o que um sujeito enuncia pertence a um universo maior, que nada mais é que o conjunto dos dizeres, o interdiscurso, a memória discursiva. É nesse sentido que ela acrescenta: “as palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras. Se as palavras significam pela história e pela língua, pôr a língua para funcionar é além de lembrar dizeres, lembrar a história e os sentidos que dela fazem parte” (Ibid., p. 32). Bem como pelo acionamento de expressões que caracterizam esse gaúcho ou remetem a algo de sua cultura.



Figura 2: (Fonte: Tapejara: o último gaúcho, p. 48)

Rememorar dizeres tal como a tira acima representa. Aqui, o enunciado “segue o rumo do teu próprio coração” faz o interlocutor referir à memória de uma música típica do Rio Grande do Sul, neste caso, o *Canto Alegretense* cantado pelo grupo tradicionalista *Os Fagundes*. A situação expressa na tira produz no interlocutor uma memória de saudosismo ao trazer para dentro da cena enunciativa⁷, enunciados que o fazem identificar-se com a letra da música aludida, bem como nos leva a observar os processos de significação e a memória de sentidos nesse discurso.

Na medida em que os sentidos se constituem no movimento de materialização do exterior nas formas linguísticas, é preponderante o papel da memória na produção de sentidos pois a determinação histórica faz com que a interpretação dependa do reconhecimento do interdiscurso que apaga (oculta) ou desvela (revela) significados (GREGOLIN, 1998, p. 26).

⁷ Este conceito será trabalhado no capítulo V.

A compreensão da memória discursiva é trabalhada desde os primórdios da teoria do discurso, e abrange, em suma, o modo de existência histórica dos enunciados no seio das práticas sociais (COURTINE, 1981), no sentido de algo que “fala antes, em outro lugar, independentemente” (PÊCHEUX, 1988). A memória do dizer (ORLANDI, 1999) funciona requisitando sentidos anteriores de palavras e de discursos, em sua relação às formações discursivas e ideológicas, de modo que façam sentido na enunciação presente. Segundo esta autora, “o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso” (Ibid., p. 32). É pela linguagem que as palavras significam, mas é pela memória discursiva que elas são dotadas de sentidos outros.

Assim, “um discurso sempre irá remeter a outro com o qual dialoga, identificando-se com ou contrapondo-se a ele”, não esquecendo que, por meio da memória discursiva, “o interdiscurso, retorna no dito como a base que o sustenta, ou seja, a memória discursiva e o interdiscurso retomam sentidos já existentes, ideologicamente determinados e já sabidos pelo sujeito [...]” (FERREIRA, 2010, p. 59).

Segundo Pêcheux, é preciso que compreendamos o trabalho da memória discursiva como

Estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Seguindo nesta linha, de acordo com Orlandi (2012), a memória quando pensada em relação ao discurso, apresenta características próprias e é tratada como interdiscurso.

Essa definição reforça a impossibilidade de controle dos efeitos de sentido do interdiscurso pela forma-sujeito do discurso e, principalmente, destaca o fato de que, ao constituir-se como discurso transversal com relação ao eixo das formulações, a interdiscursividade não se configura como mera repetição do que foi dito, como sentidos que igualmente se repetem. Ao contrário, a partir do que foi dito em outro lugar, ocorre uma nova construção de sentidos, que se dá, sobre os sentidos

anteriores, os quais têm a possibilidade de configurar sentidos totalmente diferentes: atravessados pelos primeiros, mas cujos efeitos podem e devem ser outros.

As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo o discurso se delinea em relação com outros dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória (ORLANDI, 2012, p. 43).

Portanto, pelo exposto, compreende-se que o interdiscurso é o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determina o que dizemos, mobilizando determinadas relações de sentido.

Analisar enunciativamente um texto não é considerá-lo no momento e lugar em que se deu, mas é analisar como a memória do discurso, o interdiscurso, faz funcionar a língua em um presente. Em outras palavras, a análise da enunciação envolve um fora da situação, a memória do dizer e a língua. Deste modo a análise da enunciação não é ver como uma situação modifica sentidos da língua, mas como o exterior da enunciação constitui sentidos no acontecimento, ou melhor, como a memória interdiscursiva e a língua significam no presente incessante da história dos sentidos (GUIMARÃES, [19--], p. 03).

Falamos sobre a memória “*da*” língua, isto é, sobre o modo como os sentidos produzidos e sustentados histórica e socialmente, pela repetição, se encontram nisto que chamamos de língua. Nessa perspectiva, podemos compreender que o modo como uma sociedade, um povo, produz sentidos historicamente encontra-se marcado em sua linguagem, no modo como ele fala a “sua” língua, ou melhor, a línguas que lhe é dado falar por sua história.

Colocada desse modo, a ideia de *memória da língua* é a de que a língua é tomada como parte da história, que a história significa *com a, através da* língua.

A memória da língua é uma memória latente, pois para significar-se precisa confrontar-se com a memória discursiva e o presente do acontecimento. E assim, por ser latente, pode sempre ser outra coisa, para isso bastando que outras enunciações a façam derivar, mesmo que imperceptivelmente (GUIMARÃES, 1996, p. 32).

Por isso é que procuramos entender como um sujeito, representado através de um personagem, se significa a partir da língua que fala, língua esta marcada pela mistura, pelo cruzamento, pelo atravessamento da língua espanhola na discursivização de enunciados na língua portuguesa.

No caso das tiras do Tapejara a memória da língua age como forma de intervenção de uma língua sobre a outra, rememorando uma memória coletiva que realça a identidade regional, seja pelo resgate de tradições, conservação de valores regionais e tradicionais ou pela disseminação de aspectos da história gaúcha e traços culturais a respeito dessa condição de gaúchos.

Podemos confirmar, na análise, o trabalho de uma memória discursiva, exterior ao enunciado e que determina os efeitos de sentido que dele decorrem, a partir de suas condições sócio-históricas de produção. Em outras palavras, os efeitos de sentido nas tiras ocorrem sempre em função da história e da memória que a constituem, pois remontam na maioria das vezes para a época da formação e colonização do Rio Grande do Sul, demonstrando como a linguagem usada pelo personagem das tiras representa o gaúcho e a história do Estado.



Figura 3: (Origem do Rio Grande do Sul narrada por Tapejara)

Nesse sentido, esse imaginário da identidade do gaúcho está também constituído por um “estar entre-línguas” (STURZA, 2007) que remete a uma memória de pertencimento desse sujeito gaúcho.

A identidade, neste sentido, é então a forma como nos representamos e representamos aos outros, mobilizando a linguagem e seus significados. As representações são constituídas pela linguagem para construir significados. Esses sistemas de representações são as formas encontradas pelo homem como meio de significar o seu comportamento, usos e costumes. O pampa se apresenta como um “espaço” de representação e funcionamento de elementos que se relacionam com a construção de uma identidade, um lugar legitimador do sul-rio-grandense. Desse modo, os costumes, os usos, as vestimentas, os ambientes, a linguagem, os sentimentos, as imagens expressas nas tiras e a suposta visão de mundo comum desse sujeito gaúcho, servem para reforçar a identidade regional. Logo, “os

processos identitários enunciar-se-iam na língua e pela língua, e significar-se-iam através dos modos e dos lugares onde essa identidade se marcasse na enunciação” (STURZA, 2010, p. 85).

Confome Golin (1994, p. 20), “a noção de pertencimento rio-grandense encontra a sua identidade em um “espaço” simbólico, em um “vocabulário” e, vigorosamente, em uma “imagem”. Conseqüentemente, essa imagem que consolida o homem gaúcho, contribui para a formação de um perfil gauchesco que expressa a identificação de cada sujeito no espaço sul-rio-grandense, efetivamente num espaço bem determinado: o campo (a campanha) gaúcho, tal como a figura do “guasca” Tapejara representa.

Para Oliven (2006, p. 57-58), a afirmação das identidades regionais

[...] pode ser encarada como uma reação a uma homogeneização cultural e como uma forma de salientar diferenças culturais. Essa redescoberta das diferenças e a atualidade da questão da federação numa época em que o país se encontra bastante integrado do ponto de vista político, econômico e cultural sugerem que no Brasil o nacional passa primeiro pelo regional.

A respeito da constituição identitária regional, elaborada a partir de elementos emblemáticos (o passado rural e a figura do gaúcho), fica clara sua conformação como demarcadora e legitimadora da representação cultural sul-rio-grandense.

Nesta direção, Oliven (Ibid., p. 62) afirma que “a ênfase nas suas peculiaridades como o isolamento geográfico somado a uma história *sui generis* e a simultânea afirmação de pertencimento ao resto do Brasil, se constituem num dos principais suportes da construção social da identidade gaúcha”, refletidos mediante o uso da língua.

El hecho de que las lenguas no son sólo instrumentos objetivos y socialmente neutros que transmiten un significado, sino que están relacionadas con las identidades de los grupos sociales y étnicos, tiene consecuencias para la evaluación social de las lenguas y para las actitudes que éstas provocan. Aunque quizás debiéramos expresarlo de otra manera: si hay una relación intensa entre lengua e identidad, esta relación debería manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios. (APPLE; MUYSKEN, 1996, p. 29-30).

O discurso em torno dessa identidade gaúcha se vê construído nas imagens do campo observadas nas tiras, pois é nesse espaço que o personagem Tapejara enquanto representante de uma figura regional típica tem por seu habitat e como

meio de circulação da sua língua. O campo vai se constituir como o espaço de enunciação desse sujeito gaúcho, representado pelo Tapejara, na medida em que ao enunciar, está significando a relação das línguas e de seus falantes.



Figura 4: (Tapejara: o último guasca, p. 13)

Neste exemplo a tira surge como meio de reforçar o imaginário desse gaúcho simplório e ingênuo que exalta a sua cultura pastoril e que, no entanto, não sabe como utilizar o dicionário. Sendo a cultura a maior herança de um povo, o personagem é afetado pela história ao perder a “partilha” do “saber” e permanecer nesse mundo ingênuo em que vive, tal como se reafirma na última cena enunciativa. O gaúcho se reconhece e é reconhecido por um modo de vida particular, pela sua relação com o mundo rural, através da lida com os animais, pelo seu comportamento e estilo de vida em comunhão com a natureza, pela sabedoria construída no espaço social em que vive.

Entre os elementos que são recorrentes no discurso do gaúcho, retomamos Oliven (2006) para recordar o caráter de fronteira do estado, a existência de um tipo social específico – o gaúcho – marcado pela bravura, e a autenticidade de costumes e comportamentos, que vão ser mantidos através do tradicionalismo.

Se na Argentina e no Uruguai a palavra *gaucho* se refere a um emblema nacional, no Brasil a palavra cognata *gaúcho* se refere a um tipo regional, diretamente associado a um estado, o Rio Grande do Sul. [...] No Brasil, o gaúcho é utilizado unanimemente por intelectuais para construir a identidade regional do Rio Grande. (OLIVEN, 2006, p.65).

Esta língua do gaúcho praticada pelo personagem Tapejara é permeada de história, pois a presença de palavras e expressões da língua espanhola, por exemplo, funciona, pelo exposto anteriormente, como uma memória da formação étnica, histórica e social do Rio Grande Sul, apresentada por vezes como vinculada

à região platina e outras à matriz lusa. A língua é mobilizada pelo sentido em um espaço discursivo ao qual a construção da identidade do sujeito gaúcho está assegurada. Essa análise semântico-enunciativa advém da relação entre sujeito e língua. Além disso, revela ou evidencia a produção e efeitos de sentido da linguagem, uma vez que esses efeitos, na linguagem, significam histórica e politicamente (ORLANDI, 2006).

A figura do “guasca” Tapejara nas tiras é uma representação desse tipo social, e o modo de falar faz significar marcas identitárias. Percebemos, por meio do exemplo abaixo, que sentidos atribuídos a esta identidade são retomados pelos enunciados onde declara sua naturalidade, o personagem a assume como sendo de origem “campeira”, ou seja, nasceu no campo, mais especificamente na “República Gaúcha”. A tira, nesse sentido, funciona como um registro dos aspectos da identificação, cultura, costumes e linguagem do gaúcho, inclusive, no que diz respeito à língua que constantemente atualiza o pertencimento a um lugar, a identificação com uma região, uma cultura dada.



Figura 5: (Tapejara: o último guasca, p. 15)

A linguagem gauchesca é descrita por apresentar elementos e características diferenciadas em relação ao que se tem de referência de outros portugueses do Brasil. São termos regionalistas, registros da cultura e do falar desta região do país que especificam o sujeito gaúcho diante das demais culturas. Como, por exemplo, o uso da expressão “tchê”, que marca essa diferenciação e remete a uma determinada representação, associada ao uso desta e de outras palavras e expressões as quais delimitam um universo simbólico: é o léxico, ou seja, a língua funcionando como um sistema simbólico que marca a diferença e produz sentido ao se significar na enunciação. O uso da expressão “tchê”, mais uma vez, marca uma diferenciação e remete a uma determinada representação associada ao uso desta e de outras

palavras e expressões que delimitam um universo simbólico: as palavras têm história, portanto esse dialeto se constitui de um sistema simbólico que marca a diferença.

O constante contato de línguas, proporcionadas as condições que já abordamos antes, das geopolíticas às culturais, contribuiu na produção de um discurso, ou seja, o modo como uma língua está na outra, constitui uma prática linguística onde emerge um discurso que se caracteriza como regional, ressignificado na língua na medida em que não se trata mais da presença da língua espanhola na língua portuguesa, mas sim parte do jeito gaúcho de falar.

Na seguinte tira do livro do Tapejara aparecem os principais símbolos da cultura rio-grandense. Para o personagem eles são considerados elementos construtores da identidade gaúcha, pois acionam uma memória da cultura, do pertencimento, através do que simboliza como hábitos, costumes, personalidades, defesa do território, enfim, memórias que se encontram significadas no personagem Tapejara, a qual recupera a história e a formação do homem gaúcho, marcada tanto no discurso historiográfico, no literário, como no tradicionalista e no nativista, discursos esses que possuem uma identificação muito forte com o regionalismo.



Figura 6: (Tapejara: o último guasca, p. 53)

Segundo Signorini (1998, p. 82) “a língua de uma pessoa é a sua identidade, e a identidade de uma pessoa é a sua língua”. Com isso, retomamos o conceito de que língua e identidade são indissociáveis se elas significam os sujeitos que as falam, logo identificam-se com um grupo social.

Observamos também que as tiras representadas abaixo demonstram que o personagem Tapejara está constantemente inserido na cultura gaúcha, na medida em que remete a aspectos que o vinculam a esta cultura, como a dança gaúcha e as personalidades que marcaram a história sul-rio-grandense.



Figura 7: (Tapejara: o último guasca, p. 29)



Figura 8: (Tapejara: o último guasca, p. 38)

As imagens expressas nas tiras analisadas geralmente nos remetem aos costumes e às tradições do homem gaúcho, pois de uma maneira ou de outra sempre visualizamos a imagem do personagem cercada pelo chimarrão, pelo churrasco, pelo fogão à lenha ou por pratos típicos da culinária campeira.

Para Petri (2008, p. 231), “o gaúcho é concebido como uma designação que traz em si marcas de um processo social, histórico, político, econômico e cultural, próprio da fundação e desenvolvimento do Rio Grande do Sul e região”.

Nesse sentido, afirma-se, que o gaúcho se reconhece e é reconhecido por sua história, geografia e modo de vida, que geram um comportamento diferenciado oriundo de sua cultura e tradição, permeado e significado, inclusive, na língua que usa. Ao ter esta prática linguística, o gaúcho se constitui pela língua como tal, portanto, um elemento importante na definição de sua identidade.

Partindo dessa premissa, consideramos que a linguagem gauchesca constitui um espaço de enunciação específico, fazendo com que apresentem sentidos diferenciados de outros espaços enunciativos, e que seus sentidos são construídos por uma confrontação de línguas (espanhol e português) na configuração de um espaço próprio.

Assim, a construção de uma identidade social amparada na figura do gaúcho como sinal distintivo, projetando valores, memórias e tradições, se constitui como forma de representação da cultura gaúcha e política de exaltação da regionalidade.

Com isto, o trabalho propõe abranger mais que a materialidade linguística, identificando como a linguagem gauchesca constitui-se como marca da identidade linguística do sul-rio-grandense, ressignificando no gaúcho o tipo social e instaurando através da língua um discurso sobre o gaúcho que afirma toda uma identidade regional reconstituída na memória deste sujeito. Além de relacionar com o sujeito e, portanto, com sua identidade na qual a língua significa as condições sócio-históricas onde ela funciona bem como estabelece uma vinculação entre sujeitos e esses espaços de dizer, neste caso, não diferenciado do seu espaço geográfico e cultural.

3. AS TIRAS DO TAPEJARA: O ÚLTIMO GUASCA, CONSTITUIÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE UM DISCURSO SOBRE O GAÚCHO

Genuíno tipo — crioulo — rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco.
Simões Lopes Neto

Os textos que compõem o livro *Tapejara: o último guasca*, o qual serviu como suporte de análise para este estudo, pertence ao gênero charge⁸ e tira de humor. Esse é um tipo de discurso em que há uma conexão entre as ideias expressas por meio de ilustrações e os efeitos de sentido da língua, ou seja, do modo de falar do gaúcho brasileiro. Portanto, busca-se por meio desta pesquisa explicitar o funcionamento da língua espanhola na constituição dos sentidos dessa linguagem gauchesca, representada na fala dos personagens das tiras, entre eles o gaúcho Tapejara, que também se constitui como representação do gaúcho do campo.

As tiras representam um tipo de evento comunicativo muito presente na vida cotidiana, utilizado quase sempre para fazer uma crítica social ou dar algum ensinamento a partir do efeito construído pela situação humorística encenada. Constitui-se como um meio de expressão que apresenta desenhos caricaturais que demonstram uma situação de maneira humorística, em um ou mais quadros, e que mantém seu espaço na imprensa escrita atual, podendo ou não vir acompanhada de palavras. Ou seja, é formada por dois signos gráficos: a imagem e a escrita que recriam a realidade vivenciada na época em que é produzida, passando a constituir sentido na medida em que passa a circular e a veicular informação.

Ao abordar a importância da charge ou da tira de humor, Flôres (2002, p. 10) afirma que ela decorre

[...] não só do seu valor como documento histórico, como repositório das forças ideológicas em ação, mas, também, como espelho de imaginário de época e como corrente de comunicação subliminar, que ao mesmo tempo

⁸ Cartum: anedota gráfica sobre costumes. Charge: anedota gráfica sobre fato ou notícia em evidência. Tira: “gag-strip”, charge ou cartum que utiliza a linguagem de história em quadrinhos para uma sequência curta. História em quadrinhos: narrativa média ou longa que associa texto e desenho seguindo um roteiro para cenas em sequência (RABAÇA e BARBOSA, 1978). Neste caso, para melhor definição e entendimento, adotaremos o termo *tira e tira de humor*.

projeta e reproduz as principais concepções sociais, pontos de vista, ideologias em circulação.

As histórias das tiras são enredos narrados quadro a quadro por meio de desenhos e textos que utilizam o discurso direto, característico da língua falada. De acordo com Eguti (2001), as tiras têm como objetivo principal a narração de fatos procurando reproduzir uma conversação natural, na qual os personagens interagem face a face, expressando-se por palavras e expressões faciais e corporais. Todo o conjunto do quadrinho é responsável pela transmissão do contexto enunciativo ao leitor.

Assim, Melo (2003) expõe que uma das características marcantes das tiras é seu caráter lacunar, uma vez que, por trás do dito, há toda uma instância do dizer, a evidenciar que a significação da tira vai muito além da simples manifestação verbal. Então, uma das funções do leitor é o preenchimento do que não foi dito pela recuperação dos implícitos e pela percepção dos efeitos de sentido desejados pelo autor. Desse modo, o leitor torna-se o responsável pela projeção do sentido nas tiras.

No presente caso, percebemos que o autor Paulo Louzada pretende demonstrar e propagar traços linguísticos e culturais do Rio Grande do Sul que até então eram pouco explorados em nosso cenário regional. No prefácio do livro, o folclorista Paixão Côrtes define o humor e a sátira do personagem de Louzada como uma contribuição à cultura popular do Rio Grande do Sul e ao folclore gaúchesco.

As tiras podem, então, ser um meio de divulgação da cultura e da filosofia de vida da população, na medida em que as relacionamos com a ideologia de seu tempo e espaço, o que acaba contribuindo para a formação e reprodução de uma cultura específica, neste caso, a gaúcha.

Enquanto manifestação de linguagem, o discurso representado nas tiras, assim como qualquer outro, traz marcas sócio-históricas. Esse discurso, enquanto diverte, produz efeitos de sentido entre interlocutores e, inevitavelmente, esse processo de interlocução é afetado pela situação, pelo contexto histórico-social, isto é, pelas condições de sua produção.

O discurso presente nas tiras

[...] como qualquer outro, traz as marcas sócio-históricas – as diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados que nele se manifestam e, por isso, ele não deve ser entendido apenas como um

instrumento de diversão; o que nele está sendo dito não pode ser simplesmente ignorado (FOLKIS, 2004, p. 01).

O que buscamos analisar aqui é a tira enquanto discurso e não como texto, pois ao se constituir num discurso sobre o gaúcho através da incorporação de palavras da língua espanhola na linguagem gauchesca, a tira se estabelece num espaço de representação discursiva do sujeito gaúcho, produto de uma condição social específica.

Como espaço significante, o discurso das tiras traz, na sua constituição, marcas de heterogeneidade que possibilitam novas conexões entre história e linguagem e multiplicam as perspectivas de leitura e ressignificação. Os sentidos produzidos no interior das tiras são representações do mundo, envolvem a interpretação de acontecimentos que podem estar filiados a diferentes formações discursivas. É nesse jogo de sentidos que o discurso presente nas tiras se constrói como um mosaico de já-ditos, de diferentes perspectivas e visões de mundo, como uma trama tecida a partir de inscrições históricas, sociais e ideológicas que reclamam novos significados.

Possenti (1998, p. 38), ao tratar da estrutura do contexto situacional da tira, revela que “se trata de um material com o qual também nesse campo se podem fazer excelentes ‘experimentos’, isto é, justificar ou derrubar teorias”. Embora as características linguísticas da tira tratem de temas humorísticos, segundo Possenti, “não existe linguística do humor. No máximo existem linguistas que trabalham, eventualmente, sobre ou a partir de dados colhidos em textos humorísticos”. Com esses dados, podem-se discutir sintaxe, morfologia, fonologia, regras de conversação, inferências, pressuposições, etc.

No caso das tiras do Tapejara, objeto de estudo deste trabalho, essas constituem-se em tiras humorísticas, em que o efeito de humor é obtido por meio do funcionamento semântico-enunciativo de palavras e expressões da língua espanhola dentro do espaço de enunciação da língua portuguesa, pela possibilidade de dupla interpretação, e pela repetição dessas situações humorísticas que realçam as características dos personagens. Portanto, o humor se estabelece aqui como meio para a análise da produção de sentidos veiculados através da linguagem do Tapejara.

No presente estudo, o humor regionalista se apropria dos usos e costumes de uma determinada região para, além de fazer rir, promover uma reflexão sobre a

nossa realidade. O humor gaúcho, nesse caso, constitui-se como um discurso, fazendo humor em cima de seu tipo mais característico, o gaúcho campeiro, o tipo mais acostumado à vida rural, por vezes ignorante, sempre disposto a defender seus hábitos e costumes da influência estrangeira.

No livro do Tapejara, as tiras aparecem distribuídas numa sequência horizontal, envolvendo a presença de pelo menos um personagem que, de forma séria, satiriza as mais diversas situações do universo humano. As tiras, por vezes construindo histórias, constituem um discurso do regional e, por essa razão, evidenciam tanto por meio das ilustrações como pela língua um modo de falar do gaúcho brasileiro. O personagem Tapejara representa um tipo social resgatado nas suas origens, um tipo de gaúcho que tem como característica ser do campo, ser singelo e ignorar, no sentido de desconhecer, as maldades do mundo. Essa representação do gaúcho se mostra menos estereotipada, pois na personagem Tapejara se reconhece alguém com que convivemos ou vimos alguma vez.

1)⁹*“Vivemos no presente, em um mundo que é praticamente impossível fugir da crescente velocidade que a globalização nos imputa. O Tapejara, ignorante e alheio a este novo processo de planificação de conceitos e atitudes, e ainda feliz com seu jeito simplório de observar o conjunto, se torna um genuíno ícone pop da atual contracultura. Além disto, o personagem possui características psicológicas de uma criança, o que o torna inimputável para qualquer julgamento, o que também pode significar liberdade. E para fechar as contas, quem é que pode afirmar que não tem um tipo Tapejara no seio da própria família?!”* (Louzada).

Aqui buscamos estabelecer uma relação com o conceito de sujeito porta-voz da Análise de Discurso. Venturini define que o

sujeito porta-voz é um conceito próprio do discurso político. Tem origem em Conein (1980) na descrição de um acontecimento político, em que o objeto de análise são os arquivos políticos da Revolução Francesa, com o objetivo de ilustrar os paradoxos desse discurso. O sujeito porta-voz funciona nessa perspectiva com “um agente coletivo em movimento”, que exerce duas funções enunciativas: a de agente enunciativo (aquele que fala no lugar de) e de agente a quem é atribuída uma ação (como povo) (VENTURINI, 2008, p. 81).

⁹ Junto ao texto ressaltamos algumas citações extraídas da entrevista com o autor Paulo Louzada, conforme anexo 02 da página 122.

Dessa forma, Tapejara poderia ser entendido, assim, como aquele que poderia representar oficialmente (mesmo que sob a forma de desenhos) um determinado tipo de gaúcho interiorano. Sobre esse tipo de função enunciativa desempenhada pelo papel do porta-voz nas formações discursivas, Pêcheux (1982) ainda diz que um sujeito político dotado de tais características exerce a função de porta-voz. Portanto, o porta-voz fala a partir da coletividade, do lugar social ocupado pelo grupo que representa como pessoa autorizada, preservando e respeitando a voz do grupo; ele traz o que pode e deve ser dito, pois pertence ao povo; fala pelo povo, como sendo a opinião de uma pequena parcela de pessoas que se identificam; também fala para o adversário (com o outro), com quem negocia, o que faz dele o porta-voz do grupo que representa e de que também faz parte, identificado-se com a sua posição-sujeito. Entendemos então, que o personagem Tapejara se constitui como um porta-voz desse tipo de gaúcho campesino, na medida em expressa as ideias, as atitudes e o modo de ser desse gaúcho.

O sujeito porta-voz comporta

a relação do enunciador com o grupo enunciatário por ele representado. Estas operações produzem a contradição constitutiva do funcionamento discursivo da figura do porta-voz, que se caracteriza por um movimento pendular de inclusão (como ator participante) e exclusão (como testemunha do acontecimento) do porta-voz do/no grupo do qual ele é o centro visível (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 79).

Nesse sentido, o porta-voz é responsável pelo que é dito a partir de lugares de memória, distribuindo os saberes e os dizeres que atualizam a memória, possibilitando assim, a constituição de uma coletividade, um “nós” que organiza e atualiza a memória (VENTURINI, 2008, p. 82).

Assim, as tiras que compõem o livro *Tapejara: o último guasca* foram analisadas como constitutivas de uma textualidade onde a língua contribui na caracterização do personagem. Essa língua está marcada por expressões regionais, destacando-se, por exemplo, vocábulos e expressões em espanhol que estão muito presentes em uma variedade de português do Rio Grande do Sul relacionada, sobretudo, à vida do homem rural. No caso do personagem Tapejara, como já afirmado, apresentado na sua personalidade simplória e ingênuas.

Por isso, nos interessou aqui procurar uma compreensão sobre como funciona e produz sentidos esta unidade complexa de significação que é a língua, de

modo a explicar e ilustrar as diferenças da linguagem gauchesca em relação ao português brasileiro. Dessa maneira, as tiras apresentam uma textualidade marcada por uma língua regional. O que se objetiva é estudar a palavra em funcionamento em que se procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história.

Orlandi (2012, p. 21) destaca que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”. Assim, o discurso não é apenas um texto, mas um conjunto de relações que se estabelecem nos momentos antes e durante a produção desse texto e também dos efeitos que são produzidos após a enunciação dele. O texto é concebido como a materialidade linguística através da qual se pode chegar ao discurso, é a relação da língua com a história.

Portanto, considerando o efeito de sentido, devemos observar os três momentos do processo de produção do discurso referidos por Orlandi (2001): constituição, formulação e circulação.

A formulação é o acontecimento discursivo pelo qual o sujeito articula manifestamente seu dizer. Dá o contorno material ao dizer instaurando o texto (ORLANDI, 2001, p. 10). É na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde). Na formulação, falha da língua inscrita na história, corpo e sentido se atravessam. Sendo atualização da memória discursiva, a formulação se faz materialmente pela colocação do discurso em texto, pela textualização (Ibid., p. 11). Os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam (em que meios e de que maneira: escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música, nas tiras, etc) (Ibid., p. 12).

Na formulação temos a instauração do texto nas sequências enunciativas das tiras, explicitando seu modo de organização, os efeitos de sentido que produz, como o observado na tira abaixo em que o efeito produzido é diferente daquele que se pretende transmitir.



Figura 9 (Tapejara: o último guasca, p. 58)

A palavra FAZENDA é afetada pelo acontecimento onde se inscreve num constante movimento de sentidos afetados através de um processo de resignificação que:

→ Instaura a reação do personagem;

→ Produz um efeito de humor para o enunciado e provoca uma reação de surpresa no interlocutor pela atribuição de um novo modo de significação; pelo funcionamento da palavra em cada sequência enunciativa;

Desse modo ocorre um deslizamento de sentido na imagem e na palavra. Num primeiro momento *fazenda* remete a *terra*; *patrimônio*. Já num segundo momento refere a *tecido*; *pano*. Ou seja, constrói outro sentido que não o aparentemente evidente.

No que se refere à constituição dos sentidos, ocorre a entrada da memória discursiva e da memória da língua, onde esses discursos são atualizados pela memória instaurada nos dizeres dos personagens das tiras. E, ao evocar uma memória, o faz por uma materialidade linguística e discursiva, se formula. A constituição envolve a memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo, enquanto a formulação se dá em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas; já a circulação se insere em certa conjuntura e também envolve certas condições. Diz respeito aos trajetos dos dizeres, ou seja, os diversos modos de distribuição e divulgação da linguagem gauchesca (livros, jornais, revistas, letras de músicas), enfim, a tudo aquilo que faz o discurso circular ou não circular (preservação, acesso restrito, desconhecimento etc.).

As diferentes maneiras pelas quais os discursos se constituem, são formulados e circulam são decisivas para a relação do homem com a sociedade, a natureza e a história. Sendo um ser simbólico, o homem, enquanto sujeito, é antes

de tudo um sujeito que se constitui na e pela linguagem em processos que são históricos.

Retomando os conceitos da Análise de Discurso de constituição, formulação e circulação dos discursos, temos que, do ponto de vista da *constituição*, trata-se de considerar a produção de um discurso sobre o gaúcho como um processo que se constitui de dizeres sobre esse tipo social e que se transformam na história e na memória coletiva.

Quanto à *formulação*, os recortes efetuados são aqueles que dizem respeito à linguagem gauchesca marcada pela presença e pelo funcionamento do espanhol na formação dessa linguagem. No que diz respeito aos espaços de *circulação* desse discurso constituído de uma linguagem gauchesca, percebemos que estes não se limitam apenas ao espaço das tiras, mas circulam também em outros textos como letras de músicas, contos, causos etc.

O diálogo com esses conceitos da Análise de Discurso se fez necessário para que essa abordagem levasse a compreender melhor o modo como esta linguagem se significa em certos espaços enunciativos. Considerando a análise que desenvolvemos, o nível da formulação se dá em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas. Na formulação instauram-se os enunciados aqui analisados, os modos de organização e os efeitos que produzem no discurso.

Assim, através das tiras, o personagem Tapejara designa um gaúcho que surge como um elemento de resgate e valorização de um imaginário sobre o gaúcho. Desse modo, pelo resgate da composição do tipo humano rio-grandense, as tiras funcionam como um sistema de representação que serve, sobretudo, para forjar uma identidade regional e configurar um tipo social que representa a imagem do gaúcho, símbolo de um território específico e de grupo social muito particular.

Nas palavras de Louzada¹⁰,

2) *“Tapejara é o gaúcho típico, mas nem por isso perde as “estribeiras”. Ele é bagual, mas, ao mesmo tempo, é inocente. Mas acredito que antes de ser gaúcho, ele é um caboclo (mistura de índio com branco), uma fusão do povo brasileiro”.*

¹⁰ O autor Paulo Louzada respondeu a um questionário, conforme anexo 02 da página 122 como colaboração para o desenvolvimento deste estudo.

De tal modo, reunindo humor e cultura associados à essência da identidade gaúcha, Louzada consegue traduzir na arte simples, lúdica e bem-humorada das tiras, o sentimento de preservação dos atributos mais caros ao povo gaúcho.

3.1. A figura do “guasca” Tapejara como representação do gaúcho

A palavra gaúcho ou *el gaucho*, para os uruguayos e argentinos, conforme visto anteriormente, designa o habitante das zonas platina e sul-rio-grandense, denominação que foi adotada nos dois lados do Rio Uruguai na luta entre índios e bandeirantes no século XVII, sendo que os espanhóis também passaram a adotar tal designação para os camponeses missioneiros. Assim, as palavras *gaúcho* e *gaucho* são aceitas e utilizadas como denominação para os moradores dessas duas regiões geográficas.

Formado pela mistura entre índios e brancos, especialmente bandeirantes e espanhóis, o gaúcho desta época segundo Sarmento (2002), era visto como um aventureiro, que se deslocava pelos vastos pampas do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.

Identificado com este sujeito forte, valente e destemido, o guasca Tapejara é um vaqueano simples, interiorano, corajoso e contador de causos. Um personagem representativo do típico habitante da região dos pampas, seu espaço de circulação. De acordo com Nunes (1996, p. 237), a palavra *guasca* é atribuída a uma “corda de couro não curtido ou a denominação dada no Rio Grande do Sul, pelos habitantes das cidades aos moradores da campanha, ao nosso homem do campo. Homem rústico, forte, guapo, valente, gaúcho”. Notamos a recuperação, por parte do autor, de uma palavra relacionada ao tipo social, que o especifica. É assim que a linguagem gauchesca está continuamente remetendo às lidas campeiras e ao modo de vida do gaúcho.

3) “*Guasca é uma tira de couro cru, denominação genérica para o tipo grosseiro, rude e ignorante (na visão do homem citadino) que vive a margem do progresso e da tecnologia de ponta. O “Último Guasca” é pela suspeita de não existir mais similares a ele*” (Louzada).

Desse modo, a figura do guasca passou a identificar o gaúcho mais rural, do interior, campesino ou que vive próximo às regiões fronteiriças. O criador do personagem, o cartunista, quadrinista, chargista e ilustrador santa-mariense Paulo Ricardo Louzada de Almeida, declara ter criado essa personagem por estar farto de rabisçar tipos

“norte-americanóides”, frutos da vida moderna e da cidade grande. Como ele mesmo resume, efeitos atuais do processo de “globagualização”. “Em meados dos anos 90, comecei a criar uma personagem que pudesse se identificar de maneira direta com o culto e o imaginário popular, atingindo desta maneira, o maior número possível de leitores. Para isto, optei por pesquisar a temática folclórica gaúcha, ainda pouco explorada em nosso contexto regional”. “Muita gente se identifica com ele. Todos temos um parente ou amigo parecido com o Tapejara. O jeitão dele é único, mas é reconhecível em muitos que vemos por aí”.

Ainda de acordo com Louzada, o personagem Tapejara surgiu do reflexo da convivência direta e empírica com os costumes, as lidas, a dialética e a “animalada” campeira nas cidades de Canguçu e Camaquã, que de maneira muito natural serviram de subsídios para a criação do “Tapejara”.

O personagem Tapejara designa um gaúcho que surge como um elemento de resgate e valorização de um imaginário sobre o gaúcho. Desse modo, pelo resgate da composição do tipo humano rio-grandense, as tiras funcionam como um sistema de representação que serve, sobretudo, para reforçar o discurso de uma identidade regional sustentada na identificação de um tipo social, tomado como símbolo de um território específico e de grupo social muito particular.

O texto selecionado para este estudo, composto pelas tiras do livro *Tapejara, o último guasca*, conta as histórias vividas por esse típico representante do homem dos pampas. Nessas histórias, Louzada, através do seu personagem, reafirma os costumes e as tradições gaúchas e define o personagem Tapejara como “alguém que possui a mentalidade inocente de uma criança, resgatando os valores e a pureza que as pessoas perderam com a era moderna”.

O nome do personagem Tapejara vem do guarani, na junção de *tape* (caminho) e *jara* (senhor). E este *senhor do caminho*, que nasceu em 1997, é “*um caboclo simples, ingênuo e quase sem maldade*”, como diz o seu criador, que acrescenta “*a personagem é completamente desconectada com o século XXI. É um vaqueano, ingênuo, prestativo, corajoso, contador de causos e que vive sua filosofia pastoril*”.

A partir das afirmações do autor das tiras, entende-se, portanto, que em meio à globalização do século XXI e seus efeitos, faz-se necessária a resistência das culturas locais diante de tais processos econômicos e sociais que acarretam na invasão de mercadorias, serviços e tecnologias como forma de reforçar e valorizar suas identidades. Para ele, “a cultura regional acaba por tornar-se uma forma de diferenciação dos indivíduos e grupos que defendem seu espaço por meio de sua identidade”. Entende-se que como forma de valorização desta cultura e dos costumes regionalistas, o livro reproduz de modo diferenciado a identificação do autor com a cultura “guasca” e com os valores tipicamente gauchescos.

No entanto, no Rio Grande do Sul, “o *fronteiriço* não raro coincide com o *regional*, ambos entendidos como um espaço de trocas permanentes, que acolhe influxos culturais diversos, e onde se tornam visíveis os sintomas de resistência aos processos nacionalistas homogeneizadores” (MASINA, 2004, p. 97).

A partir dos gestos e dos modos de falar do personagem, há o reforço da representação de um imaginário do gaúcho do campo: um vocabulário que mistura falas em língua espanhola e portuguesa e utiliza palavras que mantêm uma grafia já em desuso como “cousa” ou “cosa”. A utilização de expressões típicas do Rio Grande do Sul (e que marcam essa identidade, especialmente fora do estado) como *tchê*, *barbaridade*, e que contribuem para a composição desse gaúcho.

Por isso, tal como o autor explica, Tapejara é

4)“... o gaúcho com toda a naturalidade. O homem que acorda às 6h e 30min com os quero-queros cantando, escova o cavalo e faz seus afazeres.

O que se observa é que a figura do gaúcho, presente nas situações representadas nas tiras, normalmente é trabalhada a partir de imaginários entendidos como traços culturais, que se cristalizaram através da reiteração da matriz platina. Através das histórias contadas nas tiras, Louzada consegue produzir um texto de valor universal, vinculado com a vida local, e ainda, lograr a façanha de ser engraçado o tempo inteiro. Sem nenhuma pretensão, acaba conquistando aos poucos, a simpatia dos leitores.

4. O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DA LÍNGUA ESPANHOLA NAS TIRAS DO TAPEJARA: ENUNCIADO, ENUNCIÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

A linguagem é o lugar onde as formas reais e possíveis de organização social e suas consequências sociais e políticas são definidas e contestadas. Contudo, é também o lugar onde nossos sentidos de nós mesmos, nossa subjetividade, é construída.
(Weedon)

Para Guimarães (2002), a(s) língua(s) é (são) tomada(s) no acontecimento enunciativo, em relação com o(s) sujeito(s) e produzindo sentido(s). Guimarães (Ibid., p. 7) configura a Semântica do Acontecimento como “uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer”. Por outro lado, considera que “tomar o ponto de vista de uma semântica linguística é tomar como lugar de observação do sentido o enunciado. Deste modo, saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado” (Ibid., p. 7). Funcionamento esse orientado por uma memória de dizeres sociais, a partir dos quais a língua passa a ter significado.

Vale ressaltar que esse “acontecimento é constitutivo do sentido, mas enquanto configurado pela relação do presente com a memória do interdiscurso e as regularidades da língua.” (GUIMARÃES, 2005, p. 86). Regularidades essas, autônomas e históricas. Portanto, a relação entre o presente do acontecimento desse enunciado e as condições históricas que o sustentam dá lugar à enunciação. “Uma forma é na língua o que ela se tornou pela história de seus funcionamentos na enunciação. Deste modo, deve-se considerar que a língua tem em si a memória desta história, ou seja, a língua carrega na sua estrutura as marcas de um passado” (GUIMARÃES, 1996, p. 27).

A enunciação, enquanto acontecimento de linguagem dá-se no espaço de enunciação, o qual, enquanto espaço de funcionar das línguas, está sempre permeado pelo político. As línguas dividem-se porque, ao funcionarem, significam como o falante se relaciona com elas, como por elas está tomado. Vislumbramos, então, que na medida em que a língua produz acontecimento já nos oferece um passado em suas próprias formas e essas formas são capazes de nos inserir na corrente da memória, fazendo com que presente e passado se instalem nesse acontecimento de modo a fazê-lo figurar em acontecimentos futuros.

Nessa perspectiva, o acontecimento enunciativo é permeado por determinações de sentido. Assim, acreditamos que todo acontecimento é captado por um dizer e esse dizer, que já vinha passando por um processo de discursivização, produz efeitos de sentido e também provoca outras discursividades. Dessa forma, o acontecimento enunciativo possibilita que o acontecimento histórico se inscreva na memória do dizer. Acreditamos que a significação constitui-se discursivamente a partir de um acontecimento enunciativo, criando um efeito de sentido decorrente desse acontecimento.

A produção desses efeitos de sentido que se efetivam nas relações entre língua e sujeito foi evidenciada nas situações cotidianas vivenciadas pelo personagem Tapejara e expressas nas tiras analisadas. Assim sendo, o sentido é uma relação determinada do sujeito afetado pela língua com a história. De tal modo, as situações expressas nas tiras constituíram-se como fator determinante para a produção e compreensão desses efeitos de sentido.

Assim, a análise dos enunciados¹¹ produzidos pelo personagem Tapejara nas tiras selecionadas constituiu-se segundo a situação em que estes enunciados foram produzidos durante a interação cotidiana, buscando a compreensão da função exercida por esses enunciados na linguagem, ou seja, entendendo o funcionamento destas palavras e expressões linguísticas da língua espanhola no discurso coloquial do personagem Tapejara. Com isto, tomamos como referência as tiras enquanto discurso e enquanto espaço de produção de efeitos de sentido instaurados na enunciação dos habitantes da região Sul do país.

A questão aqui exposta configurou-se, então, em saber como os elementos do enunciado, palavras e expressões da língua espanhola representadas nessa linguagem gauchesca significam e constituem seu sentido. Assim, o sentido, para Guimarães (2006, p. 117), constitui-se como o colocar em funcionamento a língua pelo locutor; e a relação do funcionamento da língua com suas condições sócio-históricas.

Diante do exposto, e considerando a necessidade de estudos que envolvam as situações de uso da linguagem, analisamos a construção do sentido nas tiras também com base nos aspectos teóricos desenvolvidos por Benveniste,

¹¹ Para Guimarães (2006, p. 121), o enunciado é a frase quando considerada nas condições em que é dita. É um elemento linguístico próprio do acontecimento do funcionamento da língua quando um locutor diz algo.

principalmente nas obras *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II* (1966 - 1974, respectivamente). Mais especificamente, detemo-nos nos conceitos desenvolvidos nos textos “Da subjetividade na linguagem” (1958 - PLG I); “A forma e o sentido na linguagem” (1967 - PLG II), “Semiologia da língua” (1969 - PLG II) e “O aparelho formal da enunciação” (1970 - PLG II).

Assim, inquietaram-nos algumas questões: Como o sentido se expressa na linguagem? Quais são as marcas linguísticas do sujeito no enunciado? Como são construídos os efeitos de sentido nas tiras do Tapejara, considerando os pressupostos dos estudos enunciativos e da Semântica do Acontecimento? Para responder a essas questões, abordamos os estudos enunciativos, enfocando os elementos necessários para atingir nossos objetivos. Para isso, apresentamos as noções de sujeito e subjetividade, de sentido, bem como os conceitos de enunciado, enunciação, locutor, interlocutor, entre outros.

4.1. Língua, enunciação e acontecimento

Ao reconhecer a natureza da subjetividade, Benveniste percebe a necessidade de distinguir a língua como repertório de signos e como atividade manifestada nas instâncias de discurso. Benveniste coloca, então, a língua em uma nova extensão, a da significação, que só se dá na instância do discurso, isto é, na enunciação. E nessa teoria, a língua é vista na singularidade do sistema, ou seja, a língua passa a ser considerada pela sua subjetividade enquanto está em exercício pelo sujeito que a utiliza e a atualiza a partir da enunciação. “O discurso está sempre atravessado pela subjetividade; não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem” (MICHELETTI, 2008, p. 31).

A língua é o instrumento de que se utiliza o locutor para enunciar e produzir o discurso. Pela enunciação a língua se converte em discurso. Guimarães (2006, p. 124), afirma que a enunciação é o acontecimento em que a língua funciona e assim constitui sentido. Entretanto, Benveniste ([1970], 2006), diz que a enunciação deve ser entendida como o ato mesmo de produzir o enunciado e não como o texto produzido. É esse ato de produzir um enunciado e não o texto produzido que eleger como seu objeto de estudo. E é desse modo que, partindo de manifestações individuais, ele busca no interior da língua os caracteres formais da enunciação, isto

é, a universalidade do processo de enunciação. Desse modo, Benveniste, através de seu *Aparelho formal da Enunciação* (1970), caracteriza a enunciação como um movimento vivo da língua e de seus sujeitos, que se realiza nas situações concretas de comunicação.

Gomes (2006, p. 169-170) aponta que

[...] subjetividade, na teoria da enunciação de Benveniste, emerge de um processo de intersubjetividade – de um homem falando com outro homem. Por isso, falar de subjetividade é falar de linguagem, uma vez que não atingimos nunca o homem (sujeito) separado da linguagem [...]. A subjetividade de que ele trata é a “capacidade do locutor para se propor como sujeito”. E essa subjetividade é realizável pela categoria de pessoa. Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade na linguagem.

Desse modo, a apropriação da língua pelo homem é algo fundamental: o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e, por conseguinte refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo.

Benveniste ([1790], 2006) entende a língua como uma estrutura na qual subjazem elementos disponíveis ao sujeito para dela fazer uso. Com isso, tem-se que o sistema da língua se realiza a partir do sujeito falando. Portanto, a visão de língua defendida por Benveniste é social, na medida em que parte das causas sociais dos fatos linguísticos para construir sua teoria. Verifica-se, essencialmente, que, para Benveniste, a língua é vista enquanto enunciação. A língua é concebida como possibilidade, pois é o sujeito que dela se apropria e a atualiza.

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84).

Charaudeau (2008, p. 82) considera que “o sujeito falante enuncia sua posição em relação ao interlocutor no momento em que, com o seu dizer, o implica e lhe impõe um comportamento”. Assim, o locutor age sobre o interlocutor produzindo efeitos de sentido na linguagem.

Guimarães (2008, p. 73) considera

[...] o enunciado como uma unidade discursiva. Nesta medida o enunciado se caracteriza como elemento de uma prática social e que inclui, na sua definição, uma relação com o sujeito, mais especificamente com posições

do sujeito, e seu sentido se configura como um conjunto de formações imaginárias do sujeito e seu interlocutor e do assunto de que se fala.

Cabe-nos também fazer algumas considerações a respeito do conceito de enunciação e sobre a Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot (1986), ao considerarmos que a partir das colocações desse autor, bem como as de Benveniste ([1970], 2006), teremos os conceitos que serão revisitados por Guimarães (2002).

Em Ducrot (1986) encontramos que o conceito de enunciação é dado como o acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado. Dessa forma, o autor nos coloca que a realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico, pois é dada a existência de algo que não existia antes e que não existirá mais. É, portanto, esta aparição momentânea que Ducrot denomina enunciação. E, a partir dessa definição, o autor constitui a Teoria Polifônica que busca contestar o pressuposto de unicidade do sujeito falante.

Partindo dessas definições que tratam da língua e seu funcionamento pela enunciação, e a qual nos propõe a enunciação centrada no sujeito que se apropria do aparelho formal da língua para enunciar, consideramos que os recortes que compõem nosso corpus são tomados pelo viés da semântica da enunciação, na medida em que se configuram como um acontecimento enunciativo nos quais buscamos analisar o funcionamento semântico-enunciativo destes enunciados, considerados que estão carregados de sentidos. Desse modo, analisamos os sentidos que as palavras e expressões da língua espanhola produzem a partir da sua relação com a história e com o sujeito, configurando-se como um discurso sobre o gaúcho, que ao trazer a memória, a atualiza para outra situação sócio-histórica, sendo outra, por estar significada em outro momento.

Segundo Benveniste ([1970], 2006), o presente do acontecimento é o tempo no qual o locutor diz “eu” e enuncia. Para Guimarães (2002), no entanto, o acontecimento se apresenta diferente, na medida em que o mesmo afirma que ao considerar o acontecimento enunciativo, o faz por meio de uma perspectiva diferenciada de tempo. De acordo com o autor, não é o sujeito que temporaliza, mas o acontecimento, de forma que o sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento. Assim, todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro. Esse presente e futuro funcionam por um passado que os faz significar e essa latência de futuro, que projeta sentido no acontecimento, significa

porque o acontecimento recorta um passado como memorável. No acontecimento, a língua e o sujeito que se constitui pelo funcionamento da língua na qual se enuncia algo são, de acordo com Guimarães (2002), elementos decisivos para a conceituação deste acontecimento.

De tal modo, na perspectiva de Guimarães (2001), a enunciação conserva o caráter de acontecimento e o caráter de relação com a língua, mas é proposta como um acontecimento de linguagem, perpassada pelo interdiscurso. Ao reportarmos para nossa pesquisa, observamos que cada sequência enunciativa que compõe as tiras analisadas forma uma enunciação, ou seja, cada tira instaura um acontecimento enunciativo novo, próprio de cada acontecimento de dizer.

A língua está em constante movimento nesse espaço, constituindo, mantendo e atualizando sentidos. Por isso o acontecimento faz surgir o novo, produzindo sentidos pelo funcionamento da língua. Funcionamento esse orientado por uma memória de dizeres sociais, a partir dos quais a língua passa a ter significado. Nessa perspectiva, o acontecimento enunciativo é permeado por determinações de sentido.

Ao trabalharmos o sentido como constituído pelo acontecimento enunciativo, é necessário ressaltarmos que esse “acontecimento é constitutivo do sentido, mas enquanto configurado pela relação do presente com a memória do interdiscurso e as regularidades da língua.” (GUIMARÃES, 2002, p. 86). Regularidades essas, autônomas e históricas. Portanto, a relação entre o presente do acontecimento desse enunciado e as condições históricas que o sustentam dá lugar à enunciação. “Uma forma é na língua o que ela se tornou pela história de seus funcionamentos na enunciação. Deste modo, deve-se considerar que a língua tem em si a memória desta história, ou seja, a língua carrega na sua estrutura as marcas de um passado” (GUIMARÃES, 1996, p. 27).

Assim, “o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de convivibilidade de tempos, sem a qual não há sentido [...] não há enunciação.” (GUIMARÃES, 2002, p.12). Dito de outra forma: acreditamos que a significação constitui-se discursivamente a partir de um acontecimento enunciativo.

4.2. A produção do sentido na enunciação

Com base nos conceitos propostos por Benveniste e Guimarães, nossa questão se configurou em tratar da análise da palavra propriamente dita. Pois, ao

tratar da palavra pelo viés enunciativo, explicita-se o funcionamento semântico nas tiras selecionadas. Portanto, nosso objetivo não é fazer uma simples descrição e classificação de léxicos, mas tratar do funcionamento do sentido de palavras que aparecem como empréstimos do espanhol nesta linguagem gauchesca.

Para Guimarães (2010, p. 13), é preciso considerar a palavra nas suas relações com outras palavras, no conjunto do léxico, nas frases em que aparecem. A subjetividade proposta por Benveniste nos estudos sobre intersubjetividade, subjetividade e enunciação — a referência — é representada pelo sujeito no discurso. Nessas condições “apresenta um modelo de análise da enunciação em que os interlocutores referem e co-referem na atribuição de sentido às palavras.” (GUIMARÃES, 2002, p. 32). Segundo Benveniste ([1970] 2006), a referência é parte integrante da enunciação, sendo o locutor que a estabelece no ato de discurso. Como a referência “significação singular e irrepitível da língua” não pode ser prevista nem fixada, a hipótese é a de que o sentido se realiza na situação de discurso, que é definidora da referência, por meio da relação indissociável de forma e sentido (semiótico e semântico).

Na vertente da Semântica do Acontecimento proposta por Guimarães (2002), o sentido implica uma questão enunciativa na qual se inclui a história “no sentido de que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência”. Além disso, “o sentido deve ser tratado como discurso e definido a partir do acontecimento enunciativo”. (Ibid., 2002, p. 66). Com base nesse autor,

[...] um acontecimento enunciativo cruza enunciados de discursos diferentes de um texto. A enunciação, então, se dá como o lugar de posições de sujeito que são os liames do acontecimento com a interdiscursividade. Deste modo, aquilo que se significa, os efeitos de sentido, são efeitos do interdiscurso no acontecimento (Id. 2002, p.68).

A língua funciona enquanto acontecimento de linguagem pela enunciação, ou seja, quando o enunciado aparece. Quem enuncia é o sujeito “enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico” (GUIMARÃES, op. cit., p.11). É assim que a língua constituída pela significação passa a ser descrita por Benveniste ([1969] 2006, p. 64), conforme dito anteriormente, como um sistema de “dupla significância”, ou seja, os dois níveis de significação da língua: o semiótico e o semântico, isto é, duas maneiras de ser língua – na forma ou no sentido. O

semiótico descreve o modo de significação, que é pertencente ao signo linguístico e que o constitui como unidade, ao passo que o semântico corresponde ao sentido.

O semântico identifica-se com o discurso, com a compreensão, com o sentido. A função da língua, desse modo, é a de produzir mensagens, mas não em unidades isoladas, pois não será uma sucessão de signos que produzirá um sentido. O sentido realiza-se e divide-se nas palavras, que são “signos” particulares. “O semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO” ([1969] 2006, p. 66).

Então, partindo da língua (semiótico), chegamos à língua-discurso (semântico) por meio da locução, que, segundo Benveniste ([1969], 2006), se dá pelo seguinte processo: primeiro, o locutor é introduzido pela língua como condição para a enunciação; após, apropria-se da língua e enuncia-se por meio de jogo de formas específicas, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro; assim, ao se declarar como locutor (aquele que produz o ato da enunciação), ele imediatamente institui o outro, o alocutário (aquele que produzirá outra enunciação de retorno), diante de si. A língua é, portanto, o único sistema cuja significação se dá duplamente nos modos semiótico e semântico.

Essa primazia da língua sobre os outros sistemas se dá pelo seu modo singular de significação, que não pode ser reproduzido por nenhum outro sistema. Com isto, a enunciação busca, no discurso, significar e estabelecer sentidos. Desse modo, cada vez que enunciamos o fazemos de um modo diferente: o ato pode se repetir, mas a enunciação nunca se repete. É a cada vez única.

Para Guimarães (2006, p. 124), “a enunciação é o acontecimento em que a língua funciona e assim constitui sentido”. E ao constituir sentido constitui aquele que fala enquanto locutor, e a seu interlocutor como destinatário. Mais especificamente, o autor considera a enunciação como “um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua” (Id., 2002, p. 08). E esta relação ilustrada no próprio dizer, reflete a representação de um determinado lugar social.

Cada vez que o locutor faz uso da palavra, apropria-se dos recursos linguísticos disponíveis no sistema, organizando-os sintaticamente com vistas a expressar sentidos, numa ação que é sempre inédita.

Por isso, levando em consideração a diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida, Benveniste ([1970] 2006, p. 83) busca pela enunciação “ver como o sentido se forma em palavras” ou também, como as formas se transformam

em sentido. Segundo o autor, “de fato, as manifestações do sentido parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritíveis os aspectos da forma” (Id., [1966] 2006, p. 221).

Deste modo, busca-se analisar o funcionamento que palavras e expressões advindas do espanhol vão produzir no discurso gaúcho a partir da sua relação com o sujeito. “Trata-se de um sujeito que tem a capacidade de apropriar-se da língua e semantizar, e fazer significar” (GUIMARÃES, 2010, p. 47).

Os enunciados retirados das tiras para a análise mostraram a presença de características linguísticas relevantes para identificar e compreender a relação estabelecida entre sujeito e sentido nas tiras analisadas pela incorporação de palavras da língua espanhola na linguagem gauchesca através do funcionamento da língua.

Para Guimarães (2006, p. 117),

[...] o sentido de uma frase é o resultado do sentido que as palavras têm na língua e que se atualiza segundo as condições do funcionamento da língua no momento em que ela é posta em funcionamento por aquele que fala. [...] as palavras e expressões têm na língua oposições que as tornam significativas, mas elas efetivamente significam somente quando funcionam pelo fato de alguém dizer algo com a língua. Para este modo de tratar a questão, o sentido não está na língua, mas no seu funcionamento e tem naquele que fala a fonte do sentido.

Assim, o sentido diz respeito à relação daquele que fala com a língua. Por isso, buscamos em nosso estudo um tratamento enunciativo do sentido.

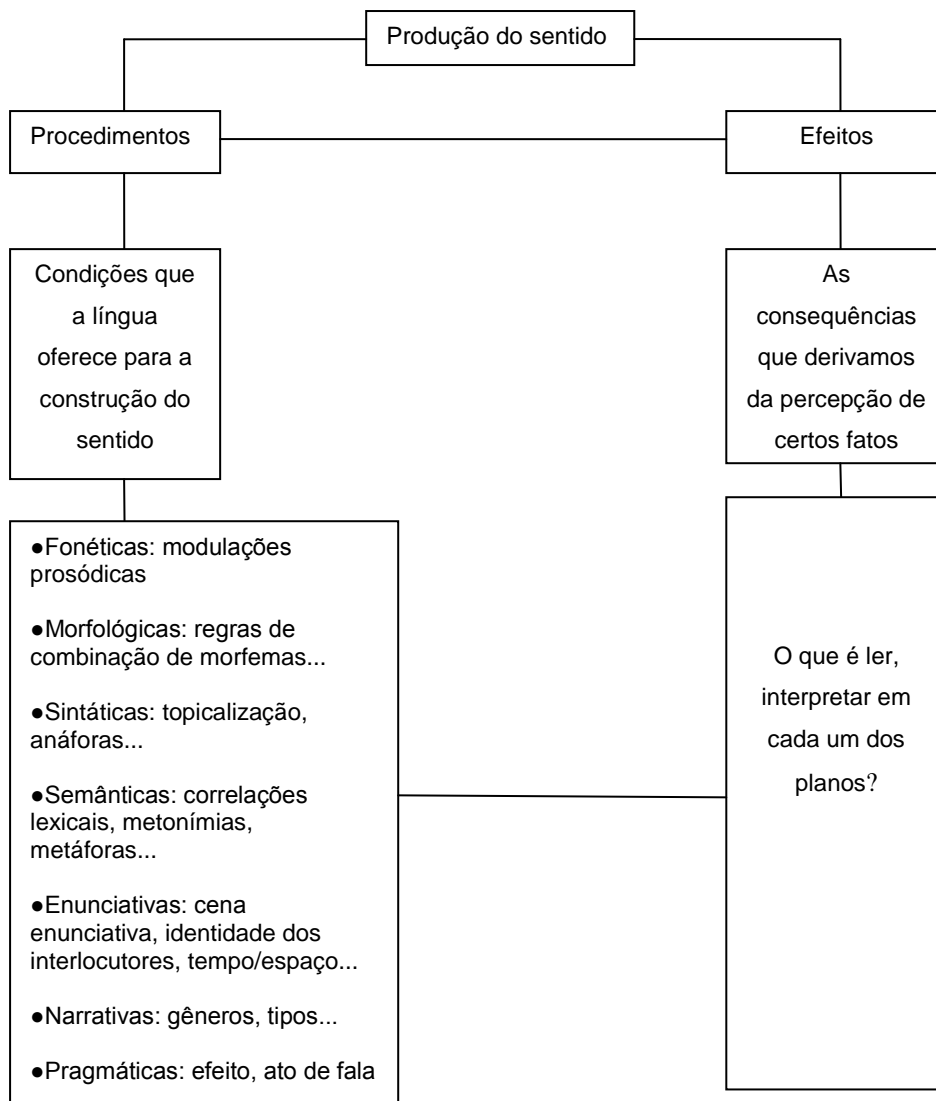
Petri (2008) acredita que pensar em efeitos de sentido é, antes de qualquer coisa, levar em conta os dois movimentos necessários para a sua efetivação no discurso: um que resulta dos efeitos de sentidos que o “eu” produz sobre o “outro” no e pelo discurso e o outro que resulta da produção do discurso sobre o sujeito que o produziu. Desse modo, ao pensarmos nas tiras enquanto objetos discursivos que estamos analisando, esses movimentos constituem-se pelos sentidos que o personagem Tapejara produz sobre o seu interlocutor ao enunciar, pelos modos de dizer que acabam estabelecendo relações entre os sujeitos, constituindo sentido na língua e pela língua. O segundo movimento resultaria então na produção de um discurso sobre o gaúcho enquanto sujeito representado pelo Tapejara.

Segundo Benveniste ([1970] 2006, p. 90), muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação. (...) Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Essa se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem. É justamente esta última modalidade enunciativa que é o foco de nossa pesquisa – a enunciação escrita. Desse modo, o discurso produzido em um ato individual da enunciação e materializado em um texto escrito, permite analisar aspectos da relação locutor/língua, determinando o modo como essa relação se estabelece e interfere na instauração do sentido. Portanto, pode-se dizer que o discurso é produzido a cada vez que se fala e também a cada vez que se escreve.

Guimarães (2011) nos diz que o sentido é produzido sempre na enunciação tomada como um acontecimento de linguagem e com isso a interpretação do sentido

[...] não é o percurso que se faz na estrutura sintática de seus componentes até a sua totalidade, trata-se da consideração de atribuição do sentido que sofre os enunciados considerados na relação com o sujeito pelo acontecimento de enunciação (p. 33).

Para melhor compreender como ocorre a produção do sentido nos enunciados, trazemos um esquema de representação proposto por Hugo Mari:



Produção do sentido: procedimentos e efeitos (MARI, 2008, p. 100).

Fiorin (2005, p. 22) salienta que “o primeiro sentido da enunciação é o de ato produtor do enunciado” e afirma que “[...] levar em conta a enunciação significa criar um novo objeto para a linguística ou, ao menos, alargá-lo, estuda-se o mecanismo de enunciação e, principalmente, sua função na discursivização e a maneira como aí opera”.

Portanto,

[...] o sentido é produzido através de mecanismos que possibilitam a recodificação de unidades lexicais (palavras ou sintagmas), de mecanismos que jogam com o valor polissêmico dessas unidades e de muitos outros processos que decorrem de uma direção de sentido conduzida por intenções de uso que os usuários acionam (MARI, 2008, p. 107).

O processo de produção do sentido surge também pelas imagens expressas nas tiras. Imagem e texto são, portanto, constituintes do efeito de sentido que se quer transmitir pelo discurso. Nesse funcionamento, o que chamamos de enunciado verbal e enunciado imagem complementam-se, como podemos observar na tira abaixo em que a palavra *encruzilhada* adquire outro sentido quando estabelecemos relação com a imagem expressa na última cena enunciativa. Encruzilhada, para os gaúchos refere a uma cidade (Encruzilhada do Sul) ou o lugar onde se cruzam duas ou mais ruas, estradas ou caminhos, por vezes servindo como lugar para despachos e oferendas. Ocorre então, um deslizamento de sentido entre a primeira e a última cena enunciativa, onde a questão do humor muda o direcionamento dos sentidos.



Figura 10: (Tapejara: o último guasca, p. 43)

Ao admitirmos o efeito de sentido, estamos admitindo que sujeito e sentido constituem-se mutuamente, pois a significação que se produz na relação que existe entre eles não é dada como um produto pronto e acabado. Essa significação não está estritamente alienada ao significante, a sua realização plena (ou não) depende das condições de produção, ou seja, a significação se dá “localmente” no interior da prática discursiva. Então, a produção de efeitos de sentido ocorre na prática discursiva, de onde falam e se posicionam os interlocutores. Assim, ao mencionarmos os processos de produção de sentido ou ao mobilizarmos a noção de sentido, estamos levando em conta que o sentido é um efeito que se produz na e pela prática discursiva (PETRI, 2008, p. 36).

Guimarães (2010, p. 13), afirma que podemos encontrar o sentido como remetido à intenção de quem fala. Neste caso, o sentido é a intenção do locutor em dizer algo para alguém. Com isto, é necessário considerar a palavra na situação em que é usada, pois as palavras e as frases não dizem só uma única coisa em todas as situações em que são usadas (Ibid. p. 32).

Em razão do que estamos apontando na caracterização do sentido, não se pode ter, para ele, as mesmas pretensões que alimentamos para o significado: pretende-se que este seja erigido em bases estruturais,

formuladas a partir de traços universais e expressas em padrões algorítmicos. O sentido, porém, segue outros padrões, e o seu teor fundamental é ser aquilo que as convenções ou as intenções de uso impõem ao seu funcionamento (MARI, 2008, p, 71).

A significação diz respeito a uma relação das palavras, das frases com o acontecimento (considerado sócio-historicamente) em que ocorrem, de tal modo que um enunciado não significa qualquer coisa, nem só uma coisa (Id. 2006, p. 126).

Desse modo, através de uma abordagem da linguagem pelo viés semântico-enunciativo e conforme a interpretação e compreensão que fizemos dos conceitos trabalhados por Benveniste e Guimarães passamos aos aspectos metodológicos da análise semântico-enunciativa das tiras aqui proposta para explicitar o modo como ocorre esse funcionamento nas tiras.

5. LÍNGUA E DISCURSO NOS TEXTOS SOBRE O GAÚCHO

“O linguajar vivo e cotidiano da gente gaúcha no Brasil é, de fato, rico, cheio de características próprias, ligado fortemente à história, ao trabalho e à família sul-rio-grandense. Nenhum outro, em nossa pátria, possui tantas variedades e fontes, tantos recursos e expedientes semânticos. Portugueses, açorianos, brasileiros, áfricos, amerígenas, espanhóis etc. não lhe faltam tesouros léxicos, sintáticos e semiológicos no emprego diário da fala”.

(Silvio Júlio de Albuquerque Lima)

Diante do exposto até agora, interessou-nos o efeito da palavra funcionando nos enunciados das tiras e de que modo esse efeito se significa no dizer, caracterizando uma heterogeneidade da língua portuguesa pela existência, então, de uma linguagem gauchesca. A heterogeneidade linguística é compreendida aqui conforme Orlandi (2002, p. 23):

[...] no sentido de que joga em ‘nossa’ língua um fundo falso, em que o ‘mesmo’ abriga, no entanto um ‘outro’, um ‘diferente’ histórico que o constitui ainda que na aparência do ‘mesmo’: o português-brasileiro e o português-português se recobrem como se fossem a mesma língua, no entanto não são. [...] A nossa língua (brasileira) significa em uma filiação de memória heterogênea.

Para tanto, foram selecionados alguns exemplos retirados da obra *Tapejara: o último guasca*, do cartunista Paulo Louzada, um livro composto por tiras que apresentam um discurso que reflete um tipo de linguagem muito próximo do registro oral, o jeito e o modo de falar e expressar-se do homem gaúcho, identificando-o dessa maneira, como a linguagem representativa do habitante da região dos pampas, o gaúcho rural e campesino. A presença da língua espanhola nessa linguagem vai caracterizar-se por reproduzir traços linguísticos muitos presentes na oralidade. Assim, as tiras foram sendo analisadas como constitutivas de uma textualidade onde a linguagem gauchesca contribui de modo fundamental para a sua composição. Tal linguagem é marcada por expressões regionais, gestos (muitas vezes acompanhados de grafismos), imagens que destacam a presença de vocábulos e expressões em espanhol. No caso do personagem Tapejara, apresentado na sua personalidade simplória e ingênua, elas reforçam, intensificam o olhar surpreso desse homem vindo do meio rural com a vida da cidade, mais moderna.

As tiras, por vezes construindo histórias, constituem um discurso humorístico do regional e, por essa razão, evidenciam, tanto por meio das ilustrações, como pela língua, um modo de falar do gaúcho brasileiro. O personagem Tapejara representa um tipo social resgatado nas suas origens, um tipo de gaúcho que tem como característica ser do campo, ser singelo. Essa representação do gaúcho se mostra real, pois no personagem Tapejara se reconhece alguém com que convivemos ou vimos alguma vez.

Nele identificamos um modo de vida particular, sua relação com o mundo rural, com a lida com os animais, pelo seu comportamento e estilo de vida em comunhão com a natureza, pela sabedoria construída no espaço social em que vive. No entanto, embora esteja caracterizado por seus traços regionais enquanto gaúcho, apresenta uma sensibilidade com os acontecimentos do mundo, não é um sujeito isolado. É singelo, mas não é ignorante das coisas do mundo. Essa memória quando resgatada, tal como mencionamos anteriormente, se dá por meio de uma figura que representa um tipo sul-rio-grandense.

As tiras funcionam como um sistema de representação que revitalizam valores, ditos, expressões, vocábulos que reforçam uma identidade regional sem se distanciar do universal. Enquanto discurso, as tiras dão destaque ao regional sem supervalorizar o tradicionalismo, mas possibilitando recuperar pela língua os traços que nos identificam como gaúchos, fazendo a inserção de expressões que facilmente reconhecemos e que são reconhecíveis como dos gaúchos, entre elas: *capaz, bueno, alaputcha, bah, tchê, bem capaz*. Nas tiras identificamos que tal presença funciona para significar com maior intensidade indignação, reprovação, surpresa, espanto, raiva, etc.

O trabalho de pesquisa que estamos desenvolvendo visa a compreender e a interpretar o funcionamento dessas expressões para a construção de um personagem regional, que está vinculado ao mundo pelos seus valores e sentimentos sem se desprender da sua região, da sua terra, do seu rincão. Os sentidos das palavras e expressões se constituem associados aos sentidos dos desenhos da paisagem e dos objetos, dos olhares, do movimento, dos trejeitos do personagem Tapejara e dos demais, que fazem parte deste mundo campesino onde vivem.

5.1. A constituição das tiras enquanto objeto de análise

Paulo Ricardo Louzada de Almeida¹² – o Louzada – nasceu no ano de 1965 em Porto Alegre. O desenho sempre foi parte de sua vida, mas foi em 1997 que passou a publicar seus trabalhos como ilustrador da revista *Transportinho* da Associação dos Transportadores de passageiros da capital. Também em 1997 nascia *Tapejara: o último guasca*, um tipo que vem se consolidando no imaginário dos leitores por personificar atributos relacionados aos hábitos e comportamento do gaúcho como um tipo social.

Em 2000, estreou as tirinhas do *Tapejara: o último guasca*, na fundação do jornal *Diário Gaúcho*. Em 2002, da mesma forma, foi convidado para publicar as histórias em quadrinhos no *Diário de Santa Maria*. No ano de 2005 estreou seus personagens no jornal *Gazeta do Sul*, de Santa Cruz do Sul e Vale do Rio Pardo.

Em 2005 e 2006 criou o jornal independente *Chasque do Tapejara*, veiculado trimestralmente na região central do Estado do Rio Grande do Sul. No ano de 2007, lançou o livro *Tapejara: o último guasca*.

O livro é composto por uma breve descrição da obra feita por Paixão Côrtes, 120 páginas, 290 tiras que contam as histórias da personagem Tapejara e 12 páginas que contêm palavras como se fossem verbetes de um dicionário, cumprindo com a função de um glossário, ou seja, além de registrar palavras da “linguagem gauchesca”, também apresentam uma definição dessas palavras e expressões para o público leitor.

O texto privilegia uma linguagem característica do homem gaúcho interiorano. Além disso, o registro escrito dessa linguagem nas tiras aproxima-se da fala, com as marcas da oralidade: supressão de letras e sílabas, reproduzindo a linguagem gauchesca coloquial, representação das formas de concordância nominal e verbal da variante do português gaúcho, usos de léxicos típicos da linguagem gauchesca, uso de formas como sufixos e advérbios para intensificar, quantificar, especificar, presença de vocábulos e expressões em espanhol, entre outros.

Na escrita traços da oralidade são apresentados por recursos linguísticos como expressões verbais, visuais e verbo-visuais, que não só cumprem com a função do registro oral, mas servem para produzir efeitos de sentido nos

¹² Fonte: <http://tapejaraoultimoguasca.blogspot.com.br>. Acesso em 28/03/2012.

enunciados. Desse modo, as tiras significam pelo modo de registrar estes aspectos da linguagem gauchesca, assim como afirmar características culturais regionais em meio à globalização cada vez mais crescente. São elementos de afirmação de uma identidade que se instaura pelos efeitos de sentido produzidos pela linguagem.

Como exemplo do conjunto de palavras e expressões gauchescas, citam-se algumas páginas no livro do Tapejara com ilustrações e dizeres gaudérios que funcionam como um verbete de dicionário ou simplesmente como um glossário de apoio, que, como diz o próprio Louzada¹³, “as páginas do livro que tem a ilustração e os dizer “gaudério” foram “carcadas” ali mais pra dar um floreio”, ou seja, foram utilizadas com o propósito de quebrar o ritmo da leitura, não deixando o texto seguir uma única linha, pois geralmente o glossário aparece no final dos livros. Essa proposta do autor de deslocar o glossário para junto das tiras, serve para projetar um efeito no leitor, como o referido acima, logo, tem implicações na constituição do sentido nas tiras.

Obviamente, também de acordo com Louzada, esses verbetes também cumprem a função de informar o leitor e registrar esses termos dando origem a uma grafia que descreve e/ou define o termo/palavra, facilitando o entendimento do texto pelo leitor. Ou seja, o glossário surge, neste caso, como apoio de leitura para uma obra que nasce no escopo do regional, na variedade, no diferente.

O registro das palavras *borracho* e *gaitada*, que fazem parte desse glossário criado pelo autor é apresentado pela definição constituída por imagem e texto, conforme Louzada, “para complementar o acervo da memória sonora da população” dando origem a uma grafia que servirá para registrar tais verbetes na fala da sociedade.

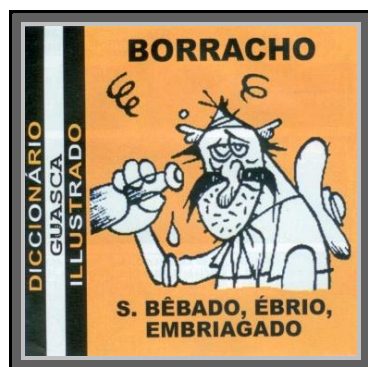


Figura 11: (Tapejara: o último guasca, p. 28)

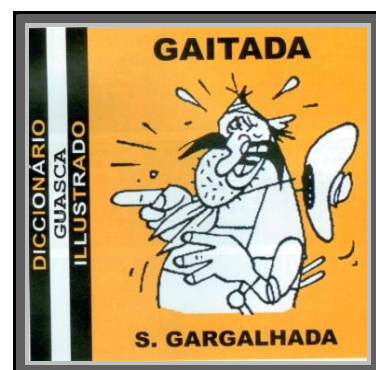


Figura 12: (Tapejara: o último guasca, p. 68)

¹³ Conforme questionário respondido pelo autor no anexo 02 na página 117.

O desenho representado na imagem e na linguagem das tiras reproduz um tipo social identificado como um sujeito forte, valente e destemido. É conhecedor dos vaus, timbós e cruces dos matos, um “guasca” de fora, ingênuo, prestativo, contador de causos e que vive uma vida pastoril em pleno século XX.

O “guasca” Tapejara é um personagem de humor, atualizando a memória desta figura representativa do típico habitante da região dos pampas, seu habitat. Para o autor Paulo Louzada, o personagem

5) “tem riqueza de atuação. Tem forte tradição e perfil, mas é maleável. É representativo, mas é bizarro. É simples, mas ao mesmo tempo excêntrico. E como é uma personagem centrada, enraizada na sua origem secular, ele se torna automaticamente universal, e passa a existir como um meio de valorização da cultura regional. Tapejara é aquele tipo gaudério, grosseirão, ingênuo e tradicionalista. Ele mora em uma estância em algum lugar desse nosso Rio Grande do Sul”.

Entre os personagens¹⁴ que ajudam a compor as histórias contadas nas tiras no decorrer do livro aparecem além do Tapejara: o tio Gamela, a tia Arnica, o Mulita, a égua Guria e o “cusco” Cigano.

O espaço de circulação das personagens é o rancho da Tia Arnica, o “bolicho” do Mulita e outros espaços que representam cenas comuns da vida sul-riograndense, principalmente no campo e nas coxilhas.

O personagem surge como resultado da convivência direta do autor Paulo Louzada com os costumes, as lidas, os cacoetes, a fala e os hábitos da gente do campo, vivenciados por ele durante a infância no interior da campanha, terra natal de sua família. Segundo Louzada, “mesmo que de modo involuntário, ele respirava já na infância essa atmosfera de campanha, seja de forma propositalmente caricatural ou saudosista por parte dos mais velhos”.

De acordo com o autor (2007, p. 09), essa convivência direta e empírica com os costumes, as lidas, a dialética e a animalada campeira, forneceram os subsídios necessários para, em meados dos anos 90, criarem uma personagem que se identificasse de forma direta com o imaginário popular do meio rural.

¹⁴ Consultar anexo 01 na página 121. Fonte: <http://tapejaraoultimoguasca.blogspot.com.br>. Acesso em 28/03/2012.

Como inspirações para o nascimento da personagem Tapejara, Louzada contou com a altiva figura de O Laçador, esculpida por Antônio Caringi e a enorme quantidade de material didático sobre a alma do gaúcho (LOUZADA, 2007, p. 09). Estes materiais aliados à “meia hora de prosa com um aborígene no galpão” serviram para caracterizar esta personagem com seu jeito simplório, ingênuo e totalmente xucro, que trouxe em sua garupa estórias e causos da gente sul-riograndense.

Atualmente, as histórias do guasca Tapejara são publicadas diariamente nos jornais Diário Gaúcho (na cidade de Porto Alegre), Diário de Santa Maria (na cidade de Santa Maria), Diário de Uruguaiana (na cidade de Uruguaiana) e Gazeta do Sul (Santa Cruz do Sul) e Pioneiro (Caxias do Sul). Retrata o personagem em situações cotidianas da região dos pampas gaúchos, seu habitat. Das páginas dos jornais, as tirinhas do “guasca” foram editadas e transformadas no livro *Tapejara: o último guasca*, o qual serviu como objeto de análise para o desenvolvimento deste trabalho.

5.2. Que língua é esta, tchê? Tapejara e um modo de representar a linguagem do gaúcho brasileiro

Inicialmente fizemos a seleção do corpus para proceder à análise dos enunciados, destacando as palavras e expressões identificadas como específicas da linguagem gauchesca, especialmente, as marcadamente em espanhol ou espanholizadas. Ou seja, de um universo de 290 tiras foi feito um recorte de nove tiras definidas como sequências enunciativas, as quais contêm enunciados escritos, em que aparecem marcas linguísticas típicas da linguagem gauchesca e são, por isso, mais representativas de modo de falar do gaúcho. A seleção constitui-se numa amostra significativa visando a recortar as de influência platina no léxico do português gaúcho.

Os enunciados selecionados mostraram a presença de características linguísticas relevantes para identificar a relação do tipo social gaúcho com a variedade linguística do português do Rio Grande do Sul e também como essa linguagem determinou um português que é característico da região da campanha e do povo gaúcho, proporcionando, dessa maneira, um conhecimento mais amplo da realidade sociocultural e linguística do Sul do Brasil. Também demarcou-se o espaço

de circulação dessa linguagem específica, demonstrando que efeitos de sentido dessas palavras e expressões vão criar na linguagem desse sujeito gaúcho.

Tomamos a língua como produção de efeitos de sentido, pois, conforme Orlandi (1999, p. 15-16), para a Análise de Discurso, no plano do discurso, “não se trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas”. A materialidade linguística possui marcas que constituem e remetem aos sentidos que se evidenciam no plano discursivo-enunciativo das tiras humorísticas.

Nos enunciados escritos, que identificam o léxico da língua do homem gaúcho, ficaram evidenciadas práticas linguísticas de uma mesma língua portuguesa, visto que consideramos a relação da língua com a história da sociedade e com a formação sócio-histórica do Rio Grande do Sul. Essa relação é constitutiva de um discurso produzido pelo gaúcho, fortemente associado à formação de uma identidade própria, que se vê representada na língua e no jeito de expressar-se desse indivíduo que representa a figura do gaúcho.

Portanto, o trabalho se destinou à análise e caracterização da linguagem utilizada pelo homem gaúcho em seu meio de circulação, mostrando como essa língua, advinda do contato nas regiões fronteiriças, se estabiliza como um discurso na construção da linguagem gauchesca, causando efeitos de ironia ou de humor provocados pelas situações expressas nas tiras e que produzem na linguagem cotidiana do personagem Tapejara diferentes efeitos de sentido que representam linguística e discursivamente a linguagem gauchesca, contribuindo para o estudo do funcionamento da língua.

5.3. Fronteira enunciativa e espaço de enunciação: um lugar de sentido

Partimos de uma perspectiva enunciativa em diálogo com algumas noções da Análise de Discurso, para realizar o trabalho de análise de sequências enunciativas provenientes das tiras recortadas do livro em análise. Buscamos com isso mobilizar alguns conceitos importantes tais como memória discursiva e memória da língua, discutidos no capítulo II, para entrarmos na questão da presença de uma fronteira, a qual nomeamos *fronteira enunciativa*, que é constitutiva da identidade desse sujeito e o significa a partir de sua existência e de seu funcionamento. Entendemos por

fronteira enunciativa aquela que se constitui na enunciação de sujeitos afetados pelas línguas que enunciam. Trata-se de um modo de funcionar da língua, marcado pela passagem de uma língua para outra no ato de enunciar. A fronteira enunciativa acontece no plano do discurso, pelo funcionamento de línguas no dizer de um sujeito significado por essas línguas. Em nosso caso ocorre quando temos a passagem da língua portuguesa para a língua espanhola durante a enunciação.

Parcianello (2011, p. 94) aponta que esse modo de distribuir as línguas, falando nas línguas é que designamos de fronteira enunciativa. A fronteira enunciativa se constitui no plano do enunciar pela distribuição dos lugares do dizer *na(s) língua(s)*, que o espaço de enunciação, a memória discursiva e a memória da língua instituem.

Esta relação que se estabelece entre o falante e as línguas constitui um espaço que Guimarães (2002) denomina de espaço de enunciação. Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços habitados por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer (Ibid., p. 18). Esse espaço é então caracterizado como um espaço de relação entre línguas, entre falantes e entre línguas e falantes (Id., 2011, p. 23).

Ainda, segundo o autor (2011), o falante é a figura da enunciação determinada por esse espaço enunciativo. O falante só é falante enquanto falante das línguas de um espaço de enunciação específico.

A presença das duas línguas em um mesmo enunciado significa a permanência contínua do lugar do encontro, que pode ser o do conflito. A instabilidade também faz com que as línguas funcionem discursivamente em um constante processo de mistura. (p. 75). Sentidos de uma língua são apropriados pela outra língua e novos dizeres se constituem (Id., 2006, p. 75).

Com base no dispositivo teórico da Semântica do Acontecimento (2002), de Eduardo Guimarães, vimos que o sujeito tem seu dizer regulado pelo espaço de enunciação, o qual determina os lugares e os modos de dizer. As línguas, então, estão constituídas de sentidos que significam ainda mais quando se enunciam na fronteira, fronteira do transgredir e do integrar. (STURZA 2006a, p. 68-69).

Há a presença de outra língua que está explicitamente dentro do espaço enunciativo do português, que é o espanhol. Aí ambas compartilham um mesmo

espaço enunciativo fronteiriço. Identificamos formas de interferências de um sistema linguístico no outro, como ocorrência de alternâncias de códigos ou empréstimos lexicais. Do ponto de vista da enunciação, as sequências enunciativas descritas a seguir significam um modo de entrada de uma língua no espaço de enunciação da outra, fazendo surgir o que Sturza (2006a, p. 74) denomina de Espaço de Enunciação Fronteiriço. Esse espaço,

[...] é um espaço constituído pelo entre línguas, no qual se inclui o cruzamento de línguas. E o cruzamento é significado de dois modos: pela presença concomitante das duas línguas nacionais, em um mesmo enunciado, ou pelo resultado da mistura dessas línguas que se materializa em uma outra prática linguística.

Esse cruzamento das duas línguas resulta em um modo de circulação da língua espanhola no espaço de enunciação do português. Os sujeitos são distribuídos entre línguas, de acordo com Sturza (2010), de diferentes modos: falando cada um na sua língua; falando, às vezes, segundo a competência linguística, com alternância de códigos; ou utilizando uma mistura das duas línguas. Portanto, o espaço de enunciação fronteiriço é um espaço constituído por um conjunto de línguas, no qual se inclui a mistura das línguas. As relações entre as línguas se significam nesse espaço de enunciação fronteiriço de modo diferenciado em relação a outros espaços de enunciação.

Uma língua que funciona em estado de interface com a outra, pertencente a um conjunto de representações histórico-sociais e interculturais que as identificam como tal. Ao estarem condicionadas à presença uma da outra, essas línguas se organizam politicamente para significarem a fronteira nos seus variados aspectos. (STURZA; FERNANDES, 2009, p. 212).

Os sujeitos se significam ao moverem-se entre uma língua e outra, decorrentes de uma mobilidade social, atravessada pelas condições sócio-históricas que vão impondo a construção de uma nova territorialidade (STURZA, 2010, p. 85), um novo espaço constituído por um conjunto de línguas, no qual se inclui a mistura das línguas. Mistura esta que resulta da interface entre duas línguas em contato (português e espanhol), por ser enunciada desde esse lugar particular, por ser reconhecida na mescla, porque funciona para interagir com o outro (Ibid., p. 95), tal como vemos nas enunciações do personagem Tapejara.

Na fronteira, elas se enunciam de modo distinto, produzem sentidos para tal relação nas discursividades nas quais passam a representar a condição mesma do contato, que só pode se dar entre línguas que se aproximam enunciativamente, relação que entendemos como hierárquica e política (Ibid.).

Destaca-se, ainda, o papel da imagem como operador da memória social, responsável pela recuperação de discursos que, embora não formulados na materialidade da escrita, determinam efeitos de sentido do objeto discursivo. Assim, texto e imagem não podem ser dissociados em uma abordagem discursiva das tiras, pois juntos, formam os elementos para a constituição dos sentidos.

5.4. Análise enunciativa das tiras

A partir desse embasamento teórico, passamos à análise das tiras selecionadas. Consideramos as tiras como unidade de análise a partir de uma perspectiva semântico-enunciativa, estabelecendo a relação entre sujeito e sentido nas tiras do Tapejara. Dessa forma, o estudo foi elaborado com a intenção de compreender e analisar como o sentido se constrói enunciativamente nas tiras, dada a entrada de expressões da língua espanhola nestes enunciados.

Analisou-se, então, a construção do sentido a partir do aspecto constitutivo da relação sujeito/língua, a qual propõe analisar as marcas do discurso produzido em um ato individual de enunciação e materializado em um texto escrito.

A análise concentrou-se em evidenciar o uso da língua nas diversas situações sociais em que o personagem Tapejara encontrava-se inserido, visando a compreender o funcionamento e os efeitos de sentido que se constituem a cada enunciação do personagem, que cumpre nas tiras o papel de enunciador gaúcho, que também se marca na língua. Um enunciador gaúcho ingênuo, do campo, do interior, singelo, mas que tem um ponto de vista sobre o mundo desde esse lugar social e, por consequência, representa enquanto discurso de uma identidade regional. Tal enunciação é dada voz a um locutor que se divide entre colocar a língua para funcionar, essa língua com a presença do espanhol e enunciar-se enquanto um tipo social, identificado com uma região específica. Temos a presença de um locutor que está inserido num lugar social; um enunciador que enuncia a partir do ponto de vista do gaúcho.

A língua produz sentido não só pelo funcionamento de palavras, mas também por mecanismos semântico-sintáticos no plano enunciativo, que reforçam a posição do sujeito na linguagem.

A análise do vocabulário é então uma parte das performances verbais, isto é, do discurso; uma análise não pode estar isolada da outra. Na realidade, o que serve de ponto de partida à elaboração de um modelo linguístico de comportamento de um locutor, de um grupo socialmente ou politicamente definido, de uma comunidade qualquer, é a análise de um enunciado tomado em sua totalidade. (ORLANDI, 1997, p. 104).

Diríamos, assim, que cada palavra tem um sentido a priori, mas o que vai determiná-lo é como se coloca para funcionar e, por esse modo de funcionar, significa. Ao enunciar, o locutor agencia palavras que a cada vez terão um “sentido”. Assim sendo, entendemos que o sentido constitui a ideia que o discurso expressa. É exatamente nisso que consiste o princípio da enunciação: o uso da língua é sempre mobilizador de sentidos novos. O processo de formação do sentido surge, então, pelo contexto sugerido pela história ilustrada nas tiras.

Para Guimarães (2002, p. 05), “as expressões linguísticas significam no enunciado pela relação que têm com o acontecimento em que funcionam”. Desse modo, o autor coloca que “saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado” (Ibid. p. 07). Diante disso, a presença da língua espanhola foi observada no corpo das textualidades que compunham as tiras analisadas não apenas pela ocorrência de palavras escritas nessa língua, mas também pela relação estabelecida entre imagem e texto como constituintes da linguagem. Observamos que o universo imagético-discursivo produzido a respeito do gaúcho nas tiras inclui ainda o uso de imagens que remetem a todo instante aos hábitos e costumes tipicamente gaúchos, como por exemplo, mostra o personagem Tapejara “pilchado”, em cenas no campo, muitas vezes montado no seu cavalo e portando em mãos o churrasco e o velho chimarrão, tal como a tira abaixo representa. Na tira abaixo só é possível compreender o sentido atribuído a *imposto de renda* quando observamos a imagem expressa na segunda cena enunciativa, o que atribui sentido para a tira. Portanto, imagem e texto são constituintes da linguagem, criam um objeto de discurso visual.



Figura 13: (Fonte: Tapejara, o último guasca, p. 59)

Portanto, a abordagem teórica foi feita a partir de um ponto de vista semântico-enunciativo, que investiga a presença de signos verbais e visuais no mecanismo que leva o leitor a produzir os sentidos das expressões da língua espanhola que são mais recorrentes nas tiras. Nesse caso, a escrita apresenta recursos expressivos verbais, visuais e verbo-visuais que representam a oralidade do discurso nas tiras e produzem sentido para os enunciados. Na análise que desenvolvemos, as marcas linguísticas apresentaram funcionamentos determinantes para a produção dos sentidos que também se constituem com a exterioridade da língua, inclusive na tira acima com a imagem, com os elementos não-verbais.

Compreender a função e o efeito de sentido que essas palavras e expressões apresentam na linguagem gauchesca, serviu como ponto de referência para o estabelecimento desta análise, levando em conta que esses diálogos do personagem Tapejara são atos de enunciar de um sujeito social que representa na língua a sua identidade.

Logo, no conjunto das tiras que compõem o livro foram observadas três características linguísticas relevantes para identificar a relação do tipo social gaúcho com a variedade linguística do português do Rio Grande do Sul e também o modo como o enunciador se marca na língua:

- ✓ **Expressões com influência direta da língua espanhola na língua portuguesa:** tchê, bah, alaputchá, alafresca, buenacha, peleia, buenas, buena, capaz, bem capaz, bueno, mui, entonces, donde.
- ✓ **Expressões de uso comum que demarcam regionalidade:** piá, guri, bagual, bombacha, baita, tri, barbaridade, faceirice, guria, cusco, boleia, pilcha, taura.

- ✓ **Marcas da oralidade no registro escrito:** tou, véia, as compra, vê, inté, pra, nóis, ansim, alembro, pru, temu, embruia, zóio, arrepara, vareia, desdo, ordi, mior, lâmpia, nuvi, trancá, muié, estrômbio, homi, ué, instormento, preciso, boiá, acauso, ontonte, garção, vamu, viemu, fazê, vareia, pobrema, árve, fosfru, adesculpa, adesehou, trabaio, fruita, desmoliu, acompara, dôtor, pogreço, taí, cadê, teja.

Considerando esses diversos modos que o enunciador utiliza para se marcar na língua, é possível considerarmos a existência de vários enunciadores num mesmo enunciado. Ao apontarmos neste momento para o conceito de polifonia¹⁵ de Oswald Ducrot (1986), que reconhece a existência de várias vozes que falam simultaneamente no enunciado, é possível distinguir a presença de quatro enunciadores distintos nas tiras: *enunciador autor* (inscrito no enunciado), *enunciador personagem* (que pode também ser locutor), *enunciador leitor* (se enuncia no interior da atividade de ler) e *enunciador livro* (cumpre o papel de reproduzir os enunciados). Desse modo, consideramos a página do livro como um lugar enunciativo, pois é possível inferir que o momento da enunciação seria o da leitura da página que contém as tiras.

Para o autor, essa concepção polifônica da enunciação permite introduzir no enunciado uma pluralidade de sujeitos, já que todo texto traz em sua constituição uma multiplicidade de vozes que podem ser atribuídas a diferentes locutores ou a diferentes enunciadores. Trata-se, portanto, de estudar a possibilidade que a língua oferece de inscrever várias vozes na mesma enunciação.

Esses sujeitos, ao mesmo tempo em que dividem os espaços de circulação das línguas, são marcados pelo atravessamento da língua espanhola na língua portuguesa. Essas línguas são então materializadas no dizer por um sujeito que se designa e se subjetiva como “EU” na linguagem.

Nesse espaço configurado pela presença das línguas portuguesa e espanhola e pela relação entre a língua e o falante, é que podemos observar, pelo contato e permeabilidade da região de fronteira, pela situação de mistura, troca, hibridismo, a constituição de uma discursividade de um dizer gaúcho. Desse modo, as duas

¹⁵ A teoria da polifonia de Ducrot é inspirada fundamentalmente pelos estudos enunciativos de Charles Bally. Ducrot (1986) declara que a teoria polifônica postula que o sentido dos enunciados consiste em uma sorte de diálogos, em que diferentes vozes – os enunciadores – são confrontadas.

línguas são constitutivas desse espaço. Entrecruzam-se, relacionam-se configurando sentidos nesse espaço de circulação e enunciação da língua portuguesa e da língua espanhola.

Diante dessa concepção, trazemos o conceito de *cena enunciativa* desenvolvido por Guimarães (2002), pois podemos inferir que cada quadro que compõe as tiras desenvolve-se em uma cena enunciativa específica. Para o autor

[...] uma cena enunciativa se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas. [...] A cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento. [...] São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas do seu dizer. Assim estudá-la é necessariamente considerar o próprio modo de constituição destes lugares pelo funcionamento da língua (Ibid., p. 23).

As cenas das tiras compostas por várias sequências enunciativas apresentam-se como um modo de mostrar como funcionariam semanticamente as marcas linguísticas resultantes do contato entre o português e o espanhol.

A língua portuguesa é atravessada e transformada pela língua espanhola, o que acarreta em um sujeito afetado por duas línguas que se atravessam no dizer, ou seja, a língua espanhola vai penetrar na língua do Tapejara de modo a constituir a identidade desse sujeito e o significar a partir de sua existência e de seu funcionamento.

A presença da língua espanhola foi observada no corpo das textualidades que compunham as tiras analisadas não apenas pela ocorrência de palavras escritas nessa língua, mas também pelo funcionamento semântico-enunciativo dessas expressões, o que acarreta na produção de um efeito de sentido mais intenso nas tiras. Desse modo, as línguas portuguesa e espanhola, na linguagem gauchesca, funcionam como elementos constitutivos de uma discursividade sobre o gaúcho e nos possibilitam interpretar os efeitos de sentido desse discurso.

A nosso ver, as tiras constituem textualidades capazes de representar os espaços de enunciação das línguas, permitindo-nos lançar um olhar sobre a configuração da circulação do espanhol e do português nesse espaço a partir da recorrência e modos de uso dessas línguas.

A representação da língua espanhola nas tiras se fez presente principalmente pela observação de elementos como:

SUFIOS	VERBOS	SUBSTANTIVOS	ADJETIVOS	ADVÉRBIOS	INTERJEIÇÕES
cia	arreglar	suerte	bueno	entonces	bah
ito	quitar	niño	alarife	donde	alafresca
aço		selección	buenacha	mui	alaputcha
acho/acha		borracho			tchê
ero		peleia			hola
PRONOMES	EXPRESSÕES EXCLAMATIVAS				
te	Pois bueno!				
tu	Te habilita!				
lo	Capaz, tchê!				
le	Oigale!				

Neste momento, apresentamos para análise um recorte de enunciados retirados das tiras, considerados neste caso como um conjunto de sequências enunciativas (SE). Consideramos cada tira como uma sequência enunciativa pelo fato de cada uma formar um conjunto de significação, ou seja, cada sequência enunciativa é uma enunciação nova e constitui um acontecimento na linguagem.

SE 01:



Figura 14: (Fonte: Tapejara: o último guasca, p. 12)

SE 02:



Figura 15: (Fonte: Tapejara: o último guasca, p. 16)

SE 03:



Figura 16: (Fonte: Tapejara: o último guasca, p. 115)

Dentre as expressões mais recorrentes nas tiras, foi selecionada a expressão **alaputcha**, enunciada em situações diferentes de uso, objetivando demonstrar seu funcionamento e as diferentes significações que essa expressão pode adquirir de acordo com o espaço de circulação do personagem, de modo que esse dizer representado pelo contato entre as duas línguas constitui uma discursividade, isto é, um dizer do gaúcho, resgatado na figura de um gaúcho primitivo, tal como o personagem Tapejara representa nas tiras. É necessário que o sujeito gaúcho utilize as expressões da língua espanhola como forma de se significar e se marcar pela língua. As expressões, geralmente expressões adverbiais ou interjeições, são usadas para intensificar, quantificar ou exaltar o que se pretende comunicar. Algo que não produziria o mesmo efeito na língua se fosse enunciado em português.

6) *“Diria que é uma consequência natural desta mescla cultural que existe na fronteira e acaba se incorporando no cenário do personagem” (Louzada).*

Observamos nas três sequências enunciativas a entrada de um elemento linguístico de uma língua na outra. Português e espanhol convivem no mesmo espaço de enunciação e estão em constante relação neste espaço. Portanto, o funcionamento do espaço enunciativo nas tiras é marcado pela relação das duas línguas.

Campo e cidade formam o espaço de circulação do personagem nas diferentes situações expostas nas tiras através das imagens. Os exemplos significam um modo de entrada de uma língua no espaço de enunciação da outra, ou seja, ocorre a interferência de um sistema linguístico no outro.

A expressão **alaputchá**, que nas tiras é escrita como se fosse uma única palavra, é descrita no dicionário¹⁶ como uma interjeição que exprime sentimentos, sensações como espanto, admiração ou surpresa e estados de ânimo. No senso comum, a expressão é usada tradicionalmente quando algo nos pega de surpresa, nos espanta ou nos encanta, como pode ser ilustrado através do exemplo abaixo retirado de uma página da internet que apresenta curiosidades sobre essa linguagem gauchesca.



Figura 17: (Fonte: <http://www.facebook.com/CoisasQueGauchofala>)

No caso dos enunciados analisados, observou-se que a interjeição “a la pucha”, usada na maioria das vezes para quantificar ou intensificar um determinado discurso, adquire outra matriz semântica de acordo com cada situação exposta: sequência enunciativa 01 – usada como vocativo para expressar *nervosismo*, *ansiedade*; sequência enunciativa 02 – usada para refletir *indignação*; sequência enunciativa 03 – exprime *consternação*, *surpresa*. As palavras são afetadas pelo acontecimento onde se inscrevem, num constante movimento de sentidos, pois ao trazer elementos da língua espanhola para dentro do enunciado em português, o acontecimento de linguagem se faz pelo funcionamento da língua. Pelo que podemos inferir que:

- As palavras significam somente quando funcionam;
- Para Guimarães o sentido não está na língua, mas seu funcionamento;
- O sentido é produzido pelo acontecimento de linguagem;

¹⁶ SEÑAS – Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños - Universidad de Alcalá de Henares: Martins Fontes, 2010.

Como diz Oliven (2000, p. 169), “todos esses processos envolvem atribuição de significados às ações humanas, a descoberta de diferenças, a apropriação e reelaboração de manifestações culturais, a ressemantização, etc”.

Esse processo de ressemantização também se evidenciou no conjunto de tiras expresso a seguir:

SE 04:



Figura 18: (Fonte: Tapejara: o último guasca, p. 27)

SE 05:



Figura 19: (Fonte: Tapejara: o último guasca, p. 74)

SE 06:



Figura 20: (Fonte: Tapejara: o último guasca, p. 75)

Podemos observar que a entrada da língua espanhola nesses enunciados através da expressão **alafresca** surge como mecanismo para representar efeitos de sentido como: *espanto* – sequência enunciativa 04; *surpresa, admiração* – sequência enunciativa 05 e *susto* – sequência enunciativa 06. Também, no caso do

personagem Tapejara, apresentado na sua personalidade simplória e ingênua, a expressão **alafresca** reforça, intensifica o olhar surpreso deste homem vindo do meio rural com a vida da cidade, mais moderna, ao se apresentar como uma interjeição que exprime admiração, espanto, surpresa ou descrença. Temos então, a intensificação de um discurso que se expressa por uma mudança constante de significação da palavra **alafresca**, que no senso comum pode ser substituída pela expressão:



Figura 21: (Fonte: <http://www.facebook.com/CoisasQueGauchoFala>)

Portanto, o uso dessas expressões serve para que o gaúcho possa marcar o registro da sua identidade na língua, de modo a estar constantemente reafirmando a sua cultura.

Louzada escreve em português e em espanhol, refletindo a vivência da intercomunicação cultural e linguística da fronteira. O texto presente nas tiras salienta, na fala das personagens, a hibridez da linguagem gauchesca e a visão fronteira do mundo, presentes em forma de palavras e expressões da língua espanhola que não podem ser traduzidas sob o risco de redução do seu significado.

Referir-se ao português com outro nome produz outro sentido para o português. Como no exemplo anterior, o português que aí se fala não é apenas um português brasileiro, mas um português brasileiro do Rio Grande do Sul (Rona, 1965a).

Muitas das palavras e expressões que referem a um modo de falar particular e que se identifica como sendo do “gaúcho”, circulam em outros textos, letras de músicas, causos, trovas, poesia e que do mesmo modo fazem parte da constituição de um discurso regional e/ou sobre o gaúcho. São essas palavras e expressões que

contribuem para “desenhar” o personagem, dando-lhe um lugar como representação ao remeter a um modo de vida, a uma identidade, a uma regionalidade. Para os falantes do Rio Grande do Sul, expressões como “barbaridade”, “tri”, são facilmente compreendidas porque fazem parte, ao menos, de um vocabulário comum, por certo catalogado nos desvãos da memória coletiva, que certamente leitores de outras partes do país, falantes de outra variedade de português, teriam dificuldade de compreendê-las.

Portanto,

- ✓ As expressões, geralmente expressões adverbiais ou interjeições, são usadas para intensificar, quantificar, enfatizar ou exaltar o que se pretende comunicar. Algo que não produziria o mesmo efeito na língua se fosse enunciado em português;
- ✓ Surgem para reforçar, intensificar um determinado discurso, causando reações e comportamentos no interlocutor.
- ✓ Produzem efeitos de sentido como: raiva, espanto, surpresa, intensidade, indignação, alegria, tristeza, admiração, impaciência, advertência, aprovação, reprovação, ironia, humor, etc;
- ✓ Surgem para marcar o registro dessas palavras e expressões, reforçando a linguagem regional;

SE 07:



Figura 22: (Fonte: Tapejara: o último guasca, p. 82)

Nesta sequência enunciativa a entrada da expressão representada pelo advérbio **entonces** surge para marcar o lugar do diferente pelo léxico, o espanhol se enuncia aqui significando ser gaúcho, ser do interior, reforçando a própria figura, vestida a caráter na praia e portando nas mãos o símbolo do gauchismo, o

chimarrão. A entrada da expressão *entonces* que significa **então, pois**, é empregada no sentido de enfatizar esse discurso.

Como em português não temos uma expressão de uso corrente para essa ideia tão “simples” em espanhol, parece que ao empregarmos uma expressão equivalente na língua portuguesa isso causaria uma artificialidade ou até mesmo um estranhamento para o enunciador gaúcho, já que produziria um enunciado de menor intensidade. Em relação à expressão **bah**, esta funciona como em termo usado para indicar surpresa, espanto, indignação, alegria, tristeza, admiração, excitação, descontentamento, etc. No caso da tira, é empregado como abreviação da palavra *barbaridade*, com o objetivo de destacar, dar ênfase, sob a forma de exclamação ao enunciado.

A interjeição “tchê” pode ser empregada como expressão coloquial de espanto, de dúvida; ou como o sentido de companheiro, amigo, irmão, camarada. Na linguagem gauchesca, é empregada geralmente ao final de uma frase, como expressão de espanto, surpresa ou como forma de chamar a atenção de alguém, como se fosse um vocativo, em situações exclamativas ou interrogativas, tal como se apresenta no exemplo da tira.

SE 08:



Figura 23: (Fonte: Tapejara: o último guasca, p. 23)

No enunciado representado na sequência enunciativa acima encontramos uma expressão que se apresenta totalmente com a estrutura e com as palavras da língua espanhola: *¿donde fué mismo que yo nasci?* Percebemos através da imagem a representação da fronteira como lugar do limite (território e língua), pois o personagem da “égua Guria” encontra-se no limite de seu território não sabendo mais identificar a qual lado pertence, o que nos permite dizer que nessa região fronteira o contato de pessoas e de palavras faz com que já não seja mais possível

separar o que é língua espanhola e o que é língua portuguesa, estando este sujeito constantemente na condição de “entre-línguas” como já mencionamos anteriormente. Essa condição nos permite compreender como se constrói um espaço de enunciação que emerge dessa relação entre duas línguas comuns entre si, a língua portuguesa e a língua espanhola, conferindo sentidos aos enunciados produzidos por este sujeito gaúcho representado pela figura do Tapejara. Observamos a construção de uma discursividade sobre o cruzamento do português e do espanhol. Nesse sentido, as tiras representam a materialização de um discurso sobre essas línguas em contato, às vezes verbalizadas numa mistura, como mostrado pelo exemplo acima.

SE 09:



Figura 24: (Fonte: Tapejara: o último guasca, p. 64)

Nessa sequência enunciativa a expressão **buenas**, que pode referir a uma interjeição, a um adjetivo ou substantivo, funciona como uma interjeição na medida em que se apresenta como uma saudação. O espanhol “buenas” deste modo vai aparecer como forma de cumprimento evidenciada pelo gesto do personagem, de tirar o chapéu, marcando o início de uma conversa, podendo ser substituída também pelas expressões “oi” e “olá” do português. No entanto, o uso da expressão em espanhol confere uma ênfase, um destaque maior ao enunciado.

Diante disto, a língua é um traço de distinção relativo ao tipo étnico e social que simboliza o tipo social sulino, sobretudo, o da tradição campestre. O que observamos nas sequências enunciativas é a constituição de uma variedade da língua portuguesa do Brasil, na qual o espanhol é constitutivo.

Pelo que se evidenciou nas sequências enunciativas recortadas para análise, interessou-nos o efeito que a entrada da língua espanhola produz sobre a língua praticada pelo personagem quando tomada como um “empréstimo” da outra língua.

Para Sturza (2010, p. 85)

[...] ao serem tomadas de empréstimo e, até mesmo, sendo incorporadas ao linguajar do gaúcho, tais formas linguísticas deslocam seu funcionamento e seu significado da língua fonte, passando o falante a atribuir novos sentidos a essas palavras que *agarram* para si, tornando-as, assim, constitutivas das práticas linguísticas de que dispõem para comunicar-se.

Podemos evidenciar que não é de hoje que o empréstimo linguístico aparece impregnando a linguagem gauchesca de palavras e expressões. São termos que, ao longo do tempo, foram ajudando na configuração e na formação dessa linguagem gauchesca. Esses termos denominados de empréstimos marcam as influências que uma determinada língua absorveu de outra língua.

No caso da linguagem gauchesca, a presença de empréstimos ocorre através dos vocábulos originários do espanhol ou do castelhano rio-platense, que, modificados, foram adaptados ao português ou simplesmente foram trazidos para o Rio Grande do Sul e incorporados a essa linguagem. Com isso, fala-se que esses empréstimos são consequentes das influências que decorreram de causas históricas (disputas pelos territórios) geográficas (as fronteiras) e culturais (universo do povo gaúcho). O Rio Grande do Sul também apresenta forte influência da cultura de outras etnias, como as dos imigrantes que ajudaram na colonização do Estado, e por consequência, empréstimos das línguas faladas por esses grupos sociais, italianos, alemães, etc.

O empréstimo linguístico não é uma característica tão recente das relações entre as línguas. Tal fenômeno se caracteriza pela incorporação paulatina de termos de outra língua pelo contato de natureza social, comercial, bélica, cultural, entre outras. O empréstimo é adaptado da língua fonte à língua receptora, conforme o uso de determinado termo pelos falantes de uma comunidade linguística. Este fenômeno linguístico ocorre, em parte, devido ao contato e ao convívio com as demais línguas.

Hay que tener en cuenta que es un fenómeno de contacto de lenguas [...]. Más aun, se trata del contacto de dos lenguas que en su léxico y en su origen son muy afines, sobre todo en esta región, donde los portugueses penetran profundamente en todo el Uruguay y la hispanización del léxico portugués del Río Grande del Sul es un hecho bien conocido (RONA, 1965, p. 93).

“Dizer na língua é significar essa relação identitária, inclusive, designando a língua do contato. Língua que é constitutiva desse sujeito nas suas relações sociais, porque na e pela língua os fronteiriços enunciam o que os identifica como tal” (STURZA, 2010, p. 91).

No espaço de enunciação aqui observado, verifica-se que o contato linguístico entre português e espanhol é decorrente de lutas de domínio de território e conflitos militares. Para Couto (2009, p. 150), desde que as línguas começaram a se diversificar, acompanhando o movimento das populações, começou também a haver o encontro de línguas.

A língua portuguesa, afetada pela entrada do espanhol, também já não é a mesma língua. Seu espaço enunciativo se encontra dividido, se entrecruza com essa outra língua, que vai funcionar na enunciação dos fronteiriços, significando este lugar de interface, de contatos (STURZA; FERNANDES, 2009, p. 210).

As duas línguas se enunciam de modo distinto, produzem sentidos para tal relação nas discursividades nas quais passam a representar a condição mesma do contato, que só pode se dar entre línguas que se aproximam enunciativamente (Ibid., p. 212).

A particularidade desse espaço é ter umas condições facilitadoras para entrada de uma língua no espaço de enunciação da outra, sem necessariamente indicar que essa é uma situação restrita a empréstimos linguísticos. O que nos interessa é que a uma materialidade linguística subjaz uma enunciação que significa línguas em relação, numa situação em que estes sujeitos fronteiriços estão continuamente em uma condição de “entre-línguas” (STURZA, 2010, p. 340).

Desse modo, a prática de linguagem assim estabelecida resultou, portanto, do modo como se dá a mobilização dos falantes nos espaços de enunciação, fazendo circular as línguas, uma no espaço da outra, às vezes, verbalizadas numa mistura.

Entendemos as tiras enquanto textualidades capazes de significar a presença das línguas portuguesa e espanhola internacionalmente, pela circulação de ambas em um lugar que Guimarães (2002) conceituou como “espaço de enunciação” e que é politicamente dividido para cada língua.

Portanto, a análise aqui estabelecida nos permite afirmar com base nos autores e teorias citadas no decorrer deste trabalho que existem duas línguas funcionando no mesmo espaço de enunciação (português e espanhol) e que o

contato entre essas duas línguas produz um conjunto de dizeres que constitui uma discursividade sobre esse sujeito gaúcho representado, neste caso, pelo personagem Tapejara, o qual corresponde um imaginário identificado com a figura de um gaúcho. A existência desse fenômeno linguístico pode ser compreendida a partir desse espaço em que as línguas entram em contato e do modo como elas passam a significar de diferentes maneiras para seus falantes, como foi possível observar nas sequências enunciativas que ilustraram nossa análise.

O que se observa é que essas palavras e expressões não possuiriam o mesmo funcionamento, o mesmo sentido, nem produziriam o mesmo efeito no interlocutor se estivessem enunciadas em português. Ao enunciar somente com as expressões em português, a ideia não é intensificada da mesma forma, pois o enunciador ao utilizar essas expressões da língua espanhola pretende intensificar ao que se quer comunicar, causando humor para a tira ao produzir um sentido inesperado, uma vez que o desfecho da última cena enunciativa nem sempre é aquele que se espera. Assim, há sempre uma possibilidade de movimento, de transformação do sentido ao se produzir uma reação imprevista no interlocutor.

Não se trata mais de língua espanhola e sim parte desse jeito gaúcho de falar. Estas palavras estão de tal forma arraigadas na linguagem gauchesca que já não é possível distinguir o que é língua portuguesa do que é língua espanhola, ambas estão ressignificadas na mistura, no contato. E na linguagem gauchesca, representada pela fala de Tapejara, se evidenciam suas fronteiras, às vezes permeáveis, às vezes divididas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do nosso trabalho, tentamos explicitar brevemente como se iniciou o contato entre a língua portuguesa e a língua espanhola em zonas fronteiriças, demarcando, através das tiras, as influências que se fizeram mais marcantes na constituição da linguagem gauchesca. Assim sendo, este trabalho propôs apresentar um breve recorte sobre o registro da produção linguística a respeito da linguagem do gaúcho, demonstrando o discurso sobre o gaúcho e sobre a língua na constituição da linguagem popular desse sujeito gaúcho. Tem-se então, a materialização dessa discursividade nas tiras.

A linguagem gauchesca, tal como se representa nas tiras do Tapejara, é dizer e significar o Rio Grande do Sul, especialmente pela língua, resultando em um conhecimento sobre a variedade linguística do português brasileiro, caracterizada pelo tom regional a ela agregada.

Porém, de acordo com Sturza (2006), o que se diz desta linguagem gauchesca é que ela é outra língua em relação à língua portuguesa no Rio Grande do Sul que é, por sua vez, outra língua nesta heterogeneidade do português brasileiro. Sendo assim, esta linguagem vai aparecer com o efeito de marcar o registro dessas palavras e expressões da língua espanhola em um determinado lugar, neste caso, no Rio Grande do Sul. A presença do espanhol atribui sentido à língua portuguesa, pois esta se significa historicamente também pelo contato com a primeira.

A enunciação é produzida de acordo com determinadas condições, expressas em situações próprias, que servirão para o entendimento dos sentidos produzidos no discurso. E estas condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação, juntamente com o contexto sócio-histórico envolvido no ato discursivo. Desse ponto de vista, percebe-se que as palavras e expressões significam pela história e pela língua, de modo que os falantes não têm controle sobre os efeitos que se constituem através do seu dizer. Assim sendo, o sentido é uma relação determinada do sujeito afetado pela língua com a história. De tal modo, o contexto constitui-se como fator determinante para a produção desses efeitos de sentidos. No contexto expresso nas tiras, a região da campanha, nas proximidades da fronteira do Brasil com a Argentina e o Uruguai, aparece como cenário das

situações vivenciadas pelo personagem Tapejara. Neste espaço de circulação do personagem é que se apresenta a construção desse gaúcho do campo, reforçado pela utilização de marcas linguísticas típicas do discurso sobre o Rio Grande do Sul e que marcam a atribuição de uma identidade gaúcha, especialmente fora do Estado, diante do resto do Brasil, contribuindo para a constituição desse tipo regional. Considerando esta produção de sentidos, o que importa neste caso são as circunstâncias em que se produz o enunciado. O significado de uma expressão depende da situação em que se encontra o enunciador, neste caso, o gaúcho Tapejara, e da intenção pretendida na comunicação. Assim, a análise dos enunciados produzidos pelo personagem Tapejara nas tiras constituiu-se segundo a situação em que estes enunciados foram produzidos durante a interação cotidiana, buscando a compreensão da função exercida por estes enunciados na linguagem, ou seja, entendendo o funcionamento semântico-enunciativo destas expressões linguísticas no discurso coloquial do personagem.

Partindo dos enunciados encontrados nas tiras foi possível apontar elementos que nos permitem dizer que essa “linguagem gauchesca” é ressignificada no gaúcho como tipo social e produz através das tiras um discurso sobre o gaúcho que afirma toda uma identidade regional.

No caso dos enunciados analisados, o texto presente nas tiras salienta na fala dos personagens, a hibridez da linguagem gauchesca e a visão fronteiriça do mundo, presentes em forma de palavras e expressões da língua espanhola que não podem ser traduzidas sob o risco de redução do seu significado. Interessou-nos, desse modo, o efeito que a entrada da língua espanhola produz sobre a língua praticada pelo personagem quando tomada como um empréstimo da outra língua, passando a adquirir outra matriz semântica quando enunciada em espanhol.

A linguagem gauchesca do Tapejara funciona como uma memória da formação étnica, histórica e social do Rio Grande Sul, apresentada por vezes como vinculada à região platina e, outras, à matriz lusa. É o entrelaçamento das duas correntes colonizadoras no Estado – a espanhola e a portuguesa.

Deste modo, a linguagem do Tapejara nos mostra como há modos de falar português no Rio Grande do Sul. No caso dele, para marcar sua identidade gaúcha, a entrada de palavras e expressões do espanhol na sua fala, tema que nos interessou neste estudo, funciona para manter uma vinculação com o passado, pelo funcionamento de uma memória, trazendo à tona o papel do gaúcho nas disputas

territoriais, a defesa das fronteiras e, ao mesmo tempo, significando o peso das relações políticas, econômicas e culturais com a região do Prata.

Nesse espaço configurado pela presença das línguas portuguesa e espanhola e pela relação entre a língua e o falante, é que podemos observar que o contato e a permeabilidade da região de fronteira produzem diferentes possibilidades de mistura, de troca, de hibridismo, de mestiçagem cultural e étnica. Desse modo, as duas línguas são constitutivas desse espaço e ao se entrecruzarem, se relacionam configurando novos sentidos, pois como foi possível observar nas análises, a expressão *alafresca* já não significa o mesmo na linguagem do Tapejara, ou seja, produz outro sentido na língua diferente do que significa originalmente em espanhol.

Portanto, o que se observou foi o efeito que a entrada da língua espanhola produzia sobre a linguagem gauchesca quando tomada como um empréstimo da outra língua, passando a adquirir outra matriz semântica quando enunciada em espanhol, produzindo efeitos de sentido para intensificar, qualificar, exaltar e até mesmo ironizar uma determinada ideia.

A língua portuguesa é então atravessada e transformada pela língua espanhola, o que acarreta em um sujeito afetado por duas línguas que se atravessam no dizer, ou seja, a língua espanhola vai penetrar na língua do Tapejara de modo a constituir a identidade deste sujeito e o significar a partir de sua existência e de seu funcionamento. O modo de circulação das línguas portuguesa e espanhola faz com que uma língua invada o espaço de enunciação da outra, o que é propiciado pela sua própria condição de proximidade enunciativa.

Através dessa possibilidade de pensar a língua, a enunciação e o sujeito que nelas se encontra, é possível apontar uma resignificação da linguagem gauchesca devido ao contato com o espanhol. As relações entre a língua portuguesa e a língua espanhola através da produção de efeitos de sentido de palavras e expressões em espanhol na linguagem gauchesca, nos permitem afirmar que ocorre pela língua a valorização de elementos que se remetem ao que se relaciona à identidade desse sujeito, bem como representações sobre o gaúcho que já integram o senso comum.

A partir disso evidenciamos que o funcionamento semântico-enunciativo e as diferentes significações dessas palavras e expressões da língua espanhola ao entrarem em contato com a linguagem gauchesca, produzem um conjunto de dizeres representado pelo contato entre essas duas línguas, passando a constituir uma discursividade, isto é, um dizer do gaúcho. Com isto, foi possível verificar como

duas línguas, funcionando no mesmo espaço de enunciação, produzem um conjunto de dizeres que constituem uma discursividade sobre esse sujeito gaúcho, atrelada a um sentimento de pertencimento a um lugar, a uma cultura, a um modo de ser. Esses enunciados marcados linguisticamente como do gaúcho enquanto tipo social representante dos habitantes do Rio Grande do Sul são configurados como um discurso sobre o gaúcho, que afirma uma identidade regional, a qual autoriza o gaúcho a estar inserido numa cultura nacional.

A partir do modo como se organizam, distribuem-se e relacionam-se as línguas, quando tomadas pelos sujeitos que as praticam e que as significam, juntamente com a ênfase nas peculiaridades linguísticas do estado, entre elas o contato entre a língua portuguesa e a língua espanhola, foram fatores que serviram de suporte para a produção do conhecimento linguístico como este que nos propomos a analisar.

Para concluir, há questões ainda a serem exploradas e a espera de respostas. Em face disso, esperamos com este trabalho suscitar novas reflexões no que se refere às questões de linguagem, capazes de auxiliar no desafio de pensar a língua portuguesa e a língua espanhola a partir do contato que estabelecem entre si e do modo como significam as relações entre os sujeitos e a língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Aucione Torres. **A charge. Dissertação de doutorado.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Bilingüismo y contacto de lenguas.** Barcelona: Editorial Ariel, S.A, 1996.

BARTH, Fredrik. Os Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philipe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade.** São Paulo: Ed. UNESP, 1998. p. 185-228.

BENVENISTE, Émile. **Da subjetividade na linguagem.** In: _____. Problemas de linguística geral I. Campinas, SP: Pontes, [1958] 2006, p. 284.293.

_____. **A forma e o sentido na linguagem.** In: _____. Problemas de linguística geral II. Campinas, SP: Pontes, [1967] 2006, p. 220.242.

_____. **O aparelho formal da enunciação.** In: _____. Problemas de linguística geral II. Campinas, SP: Pontes, [1970] 2006, p. 81-92.

_____. **Semiologia da Língua.** In: _____. Problemas de linguística geral II. Campinas, SP: Pontes, [1957] 2006, p. 43-67.

BRUM, Ceres Karam. **“Esta terra tem dono”: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul.** Santa Maria/RS: Ed. da UFSM, 2006.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos Lingüísticos.** São Paulo: Ática S. A, 1989.

CESAR, Guilhermino. **Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, RS: EDURGS, 1980.

CIRNE. Moacy. **A linguagem dos quadrinhos. O universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Souza.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

COUTO, Hildo Honório do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas.** São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização.** São Paulo: Contexto, 2008.

DUCROT, Oswald. **El decir y lo dicho. Polifonía de la enunciación.** Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1986.

EGUTI, Claricia Akemi. **A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos.** São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Dissertação de Mestrado. USP, 2001.

EIZIRIK, Cláudio Laks. Psicanálise e cultura: trajetórias e fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras Culturais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

ELIZAINCÍN, A. **Dialectos en contacto. Español y português en España y América**. Montevideo: Arca, 1992.

_____. **Las fronteras del español con el portugués en América**. Revista internacional de lingüística iberoamericana ISSN 1579-9425, N° 4, pags.105-118, 2004.

FANJUL, Adrián Pablo. **Português e espanhol: línguas próximas sob o olhar discursivo**. São Carlos: Claraluz Editora, 2002.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

FIORIN, José L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática 2005.

FISCHER, Luís Augusto; GONZAGA, Sergius. **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. **Análise do discurso humorístico: as relações marido e mulher nas piadas de casamento**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2004.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2010.

FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas: Ulbra, 2002.

GOLIN, Tau. **Identidades: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo**. Passo Fundo: Clio, Méritos, 2004.

GOMES, Neiva Maria Tebaldi. Perspectiva benvenistiana de língua: considerações iniciais para pensar uma interface com a linguística aplicada ao ensino. In: **Revista Letras - nº. 33 – Émile Benveniste: Interfaces, Enunciação e Discursos**. Santa Maria: PPGL-Editores/UFSM, 2006.

GOULART, Jorge Salis. **A formação social do Rio Grande do Sul**. 3ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Discurso e memória: movimento na bruma da História. In: POSSENTI, S.; CHACON, L. **Análise do Discurso**. Marília: Editora da UNESP, 1998.

GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de Texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas: Editora RG, 2011.

_____. Enunciação e história. In: **História e sentido na linguagem**. Campinas: Editora RG, 2008.

_____. Enunciação e políticas de línguas no Brasil. In: **Revista Letras – Espaço de circulação da linguagem**, nº. 27, jul./dez. 2006.

_____. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. São Paulo, Campinas: Pontes, 2010.

_____. **A marca do nome**. Revista *RUA*, nº 9. Campinas, SP: Unicamp, p. 19-31, 2003.

_____. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. São Paulo, Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Enunciação, língua, memória**. Revista da ANPOLL, nº. 02, p. 27-33, 1996.

_____. **Textualidade e Enunciação**. Escritos nº. 02 - Laboratório de Estudos Urbanos/LABEUB - NUDECRI – UNICAMP, p. 1-18, 19--.

GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense**. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

HOBBSAWM, Eric, RANGER Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JACQUES, João Cezimbra. **Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

_____. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: União de Seguros Gerais, 1979.

KÜHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: Leitura XXI, 2004.

LAYTANO, Dante de. **O linguajar do gaúcho brasileiro**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brades, 1981.

LOUZADA, Paulo. **Tapejara: O último guasca**. Santa Maria: Pallotti, 2007.

MACHADO, Propício da Silveira. **O gaúcho na história e na linguística**. Porto Alegre: [s.n.], 1966.

MACHADO, Lia O. (1998). Limites, fronteiras e redes. In: STROHAECKER, T. M *et al.* **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB, p.41-49. Disponível em: <http://www.ufrj.br/instituto>. Acesso em 08 de julho de 2011.

MARI, Hugo. **Os lugares do sentido**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

MASINA, Léa. Alcides Maya, Cyro Martins e Sergio Faraco: tradição e representações do regional na literatura gaúcha de fronteiras. In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Pampa e cultura: de Fierro a Netto**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. RJ: Lucerna, 2005.

MICHELETTI, Guaraciaba. **Enunciação e gêneros discursivos**. São Paulo: Cortez, 2008.

NUNES, R. C.; NUNES, Z. C. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

OLIVEN, Ruben George. **Modernidade e identidade nacional**. In: KERN, A. A. (Org.). *Sociedades ibero-americanas*. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2000, p. 153-169). Reflexões e pesquisas recentes.

_____. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

_____. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Discurso e texto: formação e circulação de sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. Independência e morte. In: ORLANDI, Eni P. **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas, SP: Pontes, 2001a. 2ªed.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996a.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996b.

_____. **Textualidade e enunciação**. In: Escritos nº 2. Ver e dizer. Campinas, SP: LABEUB/UNICAMP, 19 [...].

ORNELLAS, Manolito de. **Gaúchos e beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul**. 4ª Ed. Martins Livreira, Porto Alegre, RS, 1999.

PASAVENTO, S. J. **Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s)**. Revista del CELSA. N.8 Centro de Estudios Latinoamericanos. Universidade de Varsóvia. v. 8, p. 9-19, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre [et al.] **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49-56.

_____. **A análise do discurso: três épocas (1983)**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Tradução Bethania S. Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

PARCIANELLO, Juciane Ferigolo. **O dizer *na* e *sobre* a língua de sujeitos descendentes de imigrantes italianos e a fronteira enunciativa**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

PETRI, Verli. **Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. In: *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*, n. 23. Campinas SP: RG Editora, 2009.

_____. **A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do gaúcho**. Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 227–243, jul./dez. 2008.

_____. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins**. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). **Língua (gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

RONA, José Pedro. **Gaúcho: cruce fonético de español y portugués**. São Paulo: 1965. *Revista de Antrologia*, v. 12, nºs. 1 e 2, p. 87-98.

RONA, José Pedro. **El Dialecto Fronterizo en el Norte del Uruguay**. Montevideu: Librería Adolfo Lunardi, 1965a.

SARMENTO, Nadyr B. **O gaúcho e sua origem**. Porto Alegre: N.B.S.Evangraf, 2002.

SEMINO, Maria Josefina Israel. **Español y Portugués. Desenredando las lenguas**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2007.

STURZA, Eliana. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras**. *Ciência e cultura*. São Paulo, vol. 57, nº 2, junho 2005. Disponível em:

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252005000200021&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 17 de abril de 2011.

_____. Espaço de enunciação fronteiriço e processos identitários. In: **Pro-posições. Dossiê Educação fronteiriça Brasil/Uruguay, línguas e Sujeitos**. Unicamp/Faculdade de Educação. Campinas, 2010.

_____. **Lusos X platinos: o discurso fundador que nos significa**. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead3/lusos.html>. Acesso em 30/05/2012.

_____. **Vocabulário sul-rio-grandense: de instrumento linguístico à constituição de um discurso fundador**. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas: Pontes Editores, 2006. (Letras e Instrumentos Linguísticos, n. 18, p. 101-121, jul./dez.2006).

_____. **Línguas de fronteira e política de línguas: uma história das ideias linguísticas**. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006a.

STURZA, E.; FERNANDES, I.C. A fronteira como espaço de representação do espanhol no Brasil. In: Revista **Signo & Seña**, Buenos Aires: UBA, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **MDT - Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses**. Santa Maria: UFSM, 2012.

VELLINHO, Moysés. O gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino. In: **Fundamentos da cultura riograndense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, v. 2, 1957.

_____, Moysés. **O Rio Grande e o Prata: contrastes**. Porto Alegre: Globo, 1962.

VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo e o Vento - O Continente**. São Paulo: Editora Globo, 1995.

ZOPPI-FONTANA, **Mónica. Cidadãos Modernos: discurso e representação**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

<http://tapejaraoultimoguasca.blogspot.com.br>. Acesso em 28/03/2012.

ANEXOS

ANEXO 01: PERSONAGENS

TIO GAMELA

Chiru véio maragato
Federalista no trato...
Tropeiro de ofício
Pajador do gatilho...
Com Gaspar fez comício
Rebenqueando o Castilho



TIA ARNICA

De tino corisco e sagaz
Ninguém a logra no más...
Parteira mui afamada
D'um tudo sabe um poco...
Benzedura e chapoeirada
Até pra birra de loco



MULITA

Bolicheiro da campanha
Vende trago, pito e banha ...
Tirocínio com o lápis
Muito mais com a caneta ...
Só não entende a garabulha
Quem fia na caderneta



GURIA

Tordilha faceira e vaidosa
Pra lida não tem igual ...
No trote é caprichosa
Queixo duro pra bagual ...
Mas se gosta do ginete
Faz beicinho no buçal



CIGANO

Galgo a toa sem valia
A nada útil se acompaara...
Canjica, pastel, rolão,
Nada nas tripa sacia...
Guaipeca, cusco, jaguara,
Não serve nem pra sabão



ANEXO 02: QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELO AUTOR PAULO LOUZADA COMO SUBSÍDIO PARA A COMPREENSÃO DAS TIRAS ENQUANTO DISCURSO

1-O que moveu você a criar essa personagem tão identificadora da cultura rio-grandense? Qual a importância dessa personagem dentro da cultura regional?

Nasci no asfalto, mas sou filho, neto e sobrinho de pessoas que tiveram sua origem no ambiente campeiro atávico, quase pétrio da primeira metade do século XX, cresci respirando os maneirismos, hábitos e dizeres deste rica atmosfera de cultura imaterial; aliando isto as inúmeras férias de guri que passei voando as tranças no lombinho de petiços, dando fé e conta de tudo que observava neste universo, criar e desenvolver uma personagem em quadrinhos com o perfil do Tapejara foi um processo, ainda que bastante meticuloso, bastante natural. Aferir a importância desta personagem na nossa cultura regional seria tão pretencioso como medir o nível do mar após uma garoa, mas acredito que humor e diversão sempre foi uma ótima estratégia para fortalecer e expandir nossas raízes.

2- O que te moveu a criar essa personagem?

O Rio Grande do Sul é extraordinariamente rico em cartunistas de talento e existem poucos veículos de comunicação no estado para suprir esta demanda. Notei que apesar de termos um arquétipo regional muito forte na altiva figura do gaúcho, poucos profissionais da área exploravam o tema. Logo, imaginei que a melhor maneira de fazer notar o meu trabalho neste meio, além de tentar produzir um traço de qualidade, era procurar (por mais absurdo que pareça!) a diferenciação no assunto.

3- Para a criação da personagem você utilizou algum modelo real de gaúcho como inspiração?

Vários. Desde o caboclo mais simplório ao mais empolado, todos são dignos de caricatura.

4-Foi utilizada alguma obra ou texto como fonte?

Gosto muito de Simões Lopes Netto, José Hernández, José Candido de Carvalho, Cervantes. Mas nada disto supera meia hora de prosa com um aborígine no galpão.

5-Porque do nome Tapejara? Já que a personagem é um tipo regional não seria mais adequado batizá-la com um nome que estivesse mais presente no universo regional?

Tapejara vem do TupiGuarani, Tape (caminho) Jara (senhor), ou seja, "O Senhor do Caminho", o desbravador, aquele que conhece, que sabe os meios e a maneira de fazer. Não consegui imaginar nome mais universal e telúrico para emoldurar a figura deste Gaúcho.

6-O Tapejara é uma personagem que se identifica com o imaginário popular. Podemos dizer que esta personagem surge com a função de resgatar a composição étnica do tipo humano rio-grandense?

E que tipo seria este? Branco com negro, negro com índio, ou índio com branco? Acho que neste sentido não há o que resgatar, posto que a base essencial desta cultura é a nossa própria inconsistência étnica. Amém.

7-Em sua opinião de onde vem essa identificação dos leitores com o Tapejara?

Vivemos no presente, em um mundo que é praticamente impossível fugir da crescente velocidade que a globalização nos imputa. O Tapejara, ignorante e alheio a este novo processo de planificação de conceitos e atitudes, e ainda feliz com seu jeito simplório de observar o conjunto, se torna um genuíno ícone pop da atual contracultura. Além disto, o personagem possui características psicológicas de uma criança, o que o torna inimputável para qualquer julgamento, o que também pode significar liberdade. E para fechar as contas, quem é que pode afirmar que não tem um tipo Tapejara no seio da própria família?!

8- Você tinha alguma expectativa sobre a repercussão da personagem?

Divertir, somente isto.

9-Qual é o papel da língua para o Tapejara? Como você descreve essa língua?

Não sei, nunca parei para pensar no assunto.

10-O que você define como linguajar gaúcho?

Curto e grosso.

11-Qual o propósito do uso de um vocabulário tipicamente gauchesco na obra?

Além da riqueza idiomática, coerência com a obra.

12-Observamos na linguagem utilizada pela personagem a entrada de expressões da língua espanhola. Qual a função dessas expressões no discurso do Tapejara?

Diria que é uma consequência natural desta mescla cultural que existe na fronteira e acaba se incorporando no cenário da personagem. É isto.

13-Que elementos você acredita contribuir para a constituição dessa dita “língua do gaúcho”?

Os elementos humanos.

14-As tiras do Tapejara apresentam uma mistura dos gêneros “charge” e “tira de humor”. Em qual deles você as classifica?

Depende do dia, as vezes ela é uma charge, embasada em termos circunstanciais conforme o momento político-econômico-social .. As vezes é uma tira com assuntos atemporais com suporte nos aspectos variados da condição do homem em seu meio ordinário.

15-Qual a sua avaliação sobre a personagem? O que ela representa para você?

Às vezes tenho nojo de olhar para a cara dele.

16-Observamos nas tiras uma relação muito forte entre língua e identidade. Que efeito essa relação vai produzir na língua do Tapejara?

Sempre achei que língua e identidade fossem matizes da mesma esfera.

17-Você acha que o gênero contribui para a recepção das histórias do Tapejara diante do público leitor?

Todo mundo tem um Tapejara na família.

18- Quem é o “último guasca”? Por que dessa designação?

Guasca é uma tira de couro cru, denominação genérica para o tipo grosseiro, rude e ignorante (na visão do homem citadino) que vive a margem do progresso e da tecnologia de ponta. O "Último Guasca" é pela suspeita de não existir mais similares a ele.

19-Porque criar uma personagem que fosse representativa do típico habitante dos pampas?

Pela riqueza de atuação! Tem forte tradição e perfil, mas é maleável. É representativo, mas é bizarro. É simples, mas ao mesmo tempo excêntrico. E como é um personagem centrado, enraizado na sua origem secular, ele se torna automaticamente universal.

20-De que forma ocorreu essa sua identificação com a cultura guasca?

Nasci e me criei em Porto Alegre, em meio ao ritmo intenso de uma capital de médio porte. Porém, durante toda a infância e parte da adolescência, viajava de vereda para o interior da campanha, torrão natal de meus pais e demais parentes... Posso, portanto, dizer que tive a fortuna de vivenciar neste período, de forma empírica e direta, as lide, os tipos, os animais, os cacoetes e o glossário da gente do campo. Ademais, em casa eu já respirava diariamente esta atmosfera de "campanha", mesmo que de forma propositalmente caricatural ou saudosista por parte dos mais velhos.

21- Devido ao alcance de sua obra, você considera o Tapejara uma personagem mais regional ou universal?

Sem dúvida os dois.

22-No livro do Tapejara tem algumas páginas que funcionam como um verbete de dicionário. Gostaria de saber qual é a função desses verbetes no livro? É como um glossário de apoio? Você de certa forma está pensando no registro da palavra? É a ausência desses verbetes que descrevem ou definem o termo/palavra? Tem idéia de reunir esses verbetes e fazer um dicionário futuramente?

Eu diria que o trecho tá mais para GLOSSÁRIO. As páginas do livro que tem ilustração e os dizer gaudério foram carcadadas ali mais pra dar um floreio, quebrar o ritmo de leitura, não deixar a estrada tão reta. Foi esta a função.

Obviamente que ela de quebra, também cumpre a função de informar e registrar. Quanto ao termo/palavra, só posso dizer que é a presença e não a ausência destes verbetes que vão compor ou complementar o acervo de memória sonora, dando origem a uma grafia.

O dicionário é uma idéia antiga, mas ainda tou caldeando.

23-Pensando no trabalho que você realiza em cima do Tapejara, o que entendes por gaúcho?

Coragem e nobreza de espírito.

24- Pretende publicar mais livros?

Tenho planos de lançar um Gibi bimestral para este ano ainda.

25-Atualmente em quais jornais as *Tiras do Tapejara* estão sendo publicadas e com qual periodicidade? Existe algum outro meio em que as tiras são publicadas?

O tapejara é publicado diariamente no Diário Gaúcho (Porto Alegre), Diário de Santa Maria (Santa Maria), Gazeta do Sul (Santa Cruz do Sul) e Pioneiro (Caxias do Sul).